



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DESIGN - MODA

FRANCISCO BRENO GUEDES MATOS

**“A INFLUÊNCIA DA MODA NA CONSTITUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DA
QUADRILHA JUNINA MODERNA – ANÁLISE DO ESPETÁCULO DA
QUADRILHA CEARÁ JUNINO NO ANO 2019”**

FORTALEZA
2020.2

FRANCISCO BRENO GUEDES MATOS

**“A INFLUÊNCIA DA MODA NA CONSTITUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DA
QUADRILHA JUNINA MODERNA – ANÁLISE DO ESPETÁCULO DA
QUADRILHA CEARÁ JUNINO NO ANO 2019”**

Monografia apresentada ao Curso Design-
moda da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Design-moda. Área de
concentração: Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Profa. Dra. Emanuelle Kelly
Ribeiro da Silva

FORTALEZA

2020.2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M381i Matos, Francisco Breno Guedes.

A influência da moda na constituição e construção da quadrilha junina moderna – análise do espetáculo da quadrilha Ceará junino no ano 2019 / Francisco Breno Guedes Matos. – 2020.
170 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva.

1. Moda. 2. Cultura. 3. São João. 4. Quadrilha. 5. Festa junina. I. Título.

CDD 391

FRANCISCO BRENO GUEDES MATOS

**“A INFLUÊNCIA DA MODA NA CONSTITUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DA
QUADRILHA JUNINA MODERNA – ANÁLISE DO ESPETÁCULO DA
QUADRILHA CEARÁ JUNINO NO ANO 2019”**

Monografia apresentada ao Curso Design-
moda da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Design-moda. Área de
concentração: Ciências Sociais Aplicadas.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Patricia Montenegro Matos Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe, Maria; à minha avó, Margarida;
e ao meu companheiro de vida, Davi.

AGRADECIMENTO

Não posso iniciar os agradecimentos de outra forma, a não ser agradecendo a minha maior inspiração de vida, minha mãe, Maria do Carmo. Obrigado por todo o apoio que sempre me deu, todo seu esforço para conseguir me proporcionar o privilégio do estudo, incentivando que eu abrisse as portas da universidade para a família Guedes. Tampouco posso deixar de agradecer minha avó, Margarida, por todas as madrugadas que passamos juntos vendo quadrilhas juninas, mas não só por isso, por toda contribuição para a construção de quem sou. Agradeço também minha tia Rosângela, por ter cuidado de mim como um filho, contribuindo diretamente na minha educação. Sou muito grato por ter crescido rodeado de mulheres tão fortes.

Agradeço meu companheiro de vida, Davi Menezes, por tanto ter me apoiado nos estudos. Serei eternamente grato por este presente. O agradeço também por todas as contribuições no campo pesquisado, acompanhando todos os ensaios e eventos, me auxiliando na captura das imagens que se transformaram no documentário “Meus botões”. Em conjunto a essa pesquisa, a produção audiovisual compõe o maior e mais satisfatório trabalho que produzi até hoje. Essas realizações não seriam as mesmas – sequer possíveis – sem você. Agradeço também pela parceria, toda a paciência e carinho, não só no momento de pesquisa, mas na minha vida.

Agradeço a professora Dra. Emanuelle Kelly por ter acreditado e se jogado nesse projeto junto a mim. Sou extremamente grato pelas colocações, conversas e orientações. Não posso deixar de mencionar também a professora Dra. Francisca Mendes, pelas diversas partilhas de conhecimento, contribuição na construção do projeto dessa pesquisa, por ter me apresentado o texto que me guiou para chegar a esse resultado. Agradeço por todo aprendizado acadêmico e pessoal que a senhora me proporciona diariamente.

Meus sinceros agradecimentos a toda a quadrilha Ceará Junino, em especial Mara Alexandre, Seixas Soares, Roberto Severiano, Dulce Lima, Julian Feliz, Cleiber Andrade, Talita Karla, Carlos Demetrius, Diego Rocha, Juci Barbosa, Virgínia Cardoso, Tony Lima e todos os outros que contribuíram com suas partilhas que foram de suma importância para o alcance dos resultados obtidos. Agradeço também ao professor Aterlane Martins e Carlos Alves, pelas contribuições acerca do meio dos festivais junino, por todas as conversas que tivemos e pela enorme generosidade dos dois.

Agradeço a todos os meus amigos, principalmente aqueles que fazem parte do Santuário dos Unocórnios, por todo o apoio durante o processo de escrita deste trabalho. Por fim, mas, definitivamente, não menos importante, agradeço a todo o corpo docente do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará pela contribuição que cada um de vocês deram a minha formação, em especial a professora Ma. Patricia Matos, que além de contribuir com meu aprendizado, também compôs, junto as professoras Dra. Francisca Mendes e Dra. Emanuelle Kelly, a banca avaliadora deste trabalho.

“Quando penso na primeira visita que fiz a uma escola de dança de salão, lembro com nitidez da sensação de atordoamento, em função da quantidade de informações novas e desordenadas.”

Mariana Massena, 2007.

RESUMO

A quadrilha junina passou por diversas transformações ao longo dos anos até se transformar no modelo espetacularizado majoritariamente apresentado atualmente. As mudanças transformadoras tiveram diversas motivações para seu acontecimento dentre estas destacam-se: a cultura, a sociedade inserida, questões políticas, a criação dos campeonatos e os métodos avaliativos desses. No contexto das quadrilhas espetáculos, foi feita uma pesquisa em campo junto à quadrilha Ceará Junino, de Fortaleza, Ceará, a fim de acompanhar todos os processos constitutivos do espetáculo “É tudo verdade” apresentado pelo grupo no ano de 2019. A presente pesquisa tem como objetivo a compreensão da moda como elemento constituinte e construtivo da quadrilha junina atual. Os objetivos específicos são: entender como se deu o processo histórico de construção da quadrilha moderna; identificar a ligação da evolução da quadrilha com o meio cultural; compreender como o movimento competitivo de quadrilhas contribuiu com o processo de renovação; verificar como se dá a organização e os processos criativos da quadrilha estudada; entender o meio social criado no âmbito dessa quadrilha; e identificar como a moda influencia a quadrilha junina. Partindo de uma pesquisa qualitativa como estratégias de coleta de dados, foram utilizados os seguintes métodos: a pesquisa documental e bibliográfica, entrevistas abertas e semiestruturadas e observação em campo. Usando como base algumas teorias clássicas de moda, foi feita uma análise dos dados históricos, do campo de atuação da quadrilha junina e da própria criação do espetáculo “É tudo verdade” da quadrilha Ceará Junino, resultando na identificação de fatores de influência da moda em todas as três etapas da pesquisa, história, meio social e construção de espetáculo da quadrilha moderna.

Palavras-chave: Moda. Cultura. São João. Quadrilha. Festa junina

ABSTRACT

The June group has undergone several transformations over the years until it became the spectacular model mostly presented today. The transformative changes had several motivations for its occurrence. Among these, the following stand out: culture, inserted society, political issues, the creation of championships and their evaluation methods. In the context of the spectacle gangs, a field research is carried out with the Ceará Junino gang, from Fortaleza, Ceará, in order to follow all the constitutive processes of the show “It's all true” presented by the group in the year 2019. The present research aims to objective is to understand fashion as a constituent and constructive element of the current June group. The specific objectives are: to understand how the historical process of construction of the modern june group; identify the connection between the evolution of the june group and the cultural environment; understand how the competitive june group movement contributed to the renewal process; to verify the organization and creative processes of the studied june group; understand the social environment created within the scope of this group; and identify how fashion influences the June group. Starting from a qualitative research, for the strategies for data collection, the following methods were used: documentary and bibliographic research, open and semi-structured interviews and observation in the field. Based on some classic theories of fashion, an analysis is made of the historical data, the field of action of the June gang and the creation of the show “It's all true” of the Ceará Junino group, resulting in the identification of factors influencing fashion in all three stages of the research, history, social environment and spectacle construction of the modern june group.

Keywords: Fashion. Culture. São João. Quadrilha. June celebration

RESUMEN

La quadrilha junina ha sufrido varias transformaciones a lo largo de los años hasta convertirse en el espectacular modelo que se presenta hoy en día. Los cambios transformadores tuvieron varias motivaciones para su ocurrencia, entre ellas destacan: la cultura, la sociedad insertada, los temas políticos, la creación de campeonatos y sus métodos de evaluación. En el contexto de las quadrilhas de espectáculos, se realiza una investigación de campo con la quadrilha Ceará Junino, de Fortaleza, Ceará, con el fin de seguir todos los procesos constitutivos del espectáculo “Todo es verdad” presentado por el grupo en el año 2019. La presente investigación tiene como objetivo comprender la moda como elemento constitutivo y constructivo de la actual pandilla de junio. Los objetivos específicos son: comprender cómo se desarrolló el proceso histórico de construcción de la quadrilha moderna; identificar la conexión entre la evolución de la quadrilha y el entorno cultural; comprender cómo el movimiento competitivo de quadrilhas contribuyó al proceso de renovación; verificar la organización y los procesos creativos de la quadrilha estudiada; comprender el entorno social creado en el ámbito de esta quadrilha; e identificar cómo la moda influye en la quadrilha de junio. A partir de una investigación cualitativa, para las estrategias de recolección de datos, se utilizaron los siguientes métodos: investigación documental y bibliográfica, entrevistas abiertas y semiestructuradas y observación de campo. Con base en algunas teorías clásicas de la moda, se analiza los datos históricos, el campo de acción de la quadrilha de junio y la creación del espectáculo “Todo es verdad” de la quadrilha Ceará Junino, resultando en la identificación de factores que influyen en la moda en las tres etapas de la investigación, la historia, entorno social y construcción espectacular de la quadrilha moderna.

Palabras claves: Moda. Cultura. San Joan. Quadrilhas. Fiesta junina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01	Gravura representativa da quadrilha francesa.....	22
Ilustração 02	Quadrilha matuta no Clube Pinheiro em São Paulo em 1960.....	27
Ilustração 03	Quadrilha estilizada.....	42
Ilustração 04	Planilha de julgamento datada de 1999.....	48
Ilustração 05	Planilha de julgamento datada de 2002.....	49
Ilustração 06	Planilha de julgamento datada de 2013.....	53
Ilustração 07	Planilha de julgamento datada de 2017.....	55
Ilustração 08	Planilha de julgamento datada de 2018.....	57
Ilustração 09	Evento Primeiro Ensaio, dia 27 de janeiro de 2019.....	69
Ilustração 10	Seleção do corpo de baile da quadrilha, dia 03 de fevereiro de 2019.....	70
Ilustração 11	Imagem de divulgação do evento de lançamento de repertório.....	72
Ilustração 12	Oficina de maquiagem, dia 17 de fevereiro de 2019.....	73
Ilustração 13	Oficina de bordado, dia 10 de março de 2019.....	74
Ilustração 14	Reunião de exibição do figurino e tema, dia 07 de maio de 2019.....	75
Ilustração 15	Estreia do espetáculo “É tudo verdade”, dia 02 de junho de 2019.....	76
Ilustração 16	Apresentação do figurino para o grupo dia.....	79
Ilustração 17	Organograma organizacional da quadrilha Ceará Junino 2019.....	91
Ilustração 18	Ensaio do casamento com teste de figurino dia 25 de maio de 2019.....	97
Ilustração 19	Encontro do grupo musical em estúdio dia 16 de abril de 2019.....	98
Ilustração 20	Ensaio coreográfico dia 27 de abril de 2019.....	100
Ilustração 21	Construção da cenografia do espetáculo “É tudo verdade”	102
Ilustração 22	Croquis do figurino produzidos por Aimee Brito.....	102
Ilustração 23	Brincante bordando o corpete do seu figurino.....	103
Ilustração 24	Figurino do corpo de baile.....	105
Ilustração 25	Transmissão ao vivo do grupo musical no dia 13 de maio de 2019.....	106
Ilustração 26	Mudanças no estilo da dança.....	112
Ilustração 27	Jeca Tatú de Monteiro Lobato.....	113
Ilustração 28	Indumentária da quadrilha Ceará Junino no ano de 2018.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONFEBRAQ	Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas
FEJUC	Federação dos Eventos Juninos e Culturais do Ceará
FEQUAJUCE	Federação das Quadrilhas Juninas do Estado do Ceará
FEQUAJUSE	Federação das Quadrilhas Juninas do Estado de Sergipe
LIQUAFOR	Liga de Quadrilhas Fortaleza
MOJUNI	Movimento Junino do Interior
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
SECULTFOR	Secretaria de Cultura de Fortaleza
UNIÃO	União Junina do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Metodologia.....	17
2	QUADRILHA JUNINA E HISTÓRIA	21
2.1	Construção de uma identidade matuta.....	23
2.2	Características da quadrilha matuta.....	28
3	A QUADRILHA COMO UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL.....	33
3.1	O nascimento da quadrilha estilizada.....	38
4	MOLDES OU ADAPTAÇÕES – OS FESTIVAIS DE QUADRILHAS JUNINAS E AS FEDERAÇÕES.....	46
5	QUADRILHA CEARÁ JUNINO.....	63
5.1	Espetáculo “É tudo verdade”	66
5.2	A quadrilha como comunidade.....	80
5.3	Organização setorial da quadrilha Ceará Junino.....	88
5.4	Processos criativos na construção da quadrilha junina atual – Espetáculo “É tudo verdade”	92
6	QUANDO A QUADRILHA ENTRA NA MODA.....	109
6.1	É tudo verdade e a moda – Análise de dados do campo.....	116
7	CONCLUSÃO.....	124
	REFERÊNCIAS.....	129
	APÊNDICE A.....	133
	ANEXO A.....	134
	ANEXO B.....	140
	ANEXO C.....	151

1. INTRODUÇÃO

No mês de junho se comemora uma das festas mais tradicionais do calendário católico brasileiro, o São João. As festividades, com sua maior intensidade na região Nordeste do país, por conta da simbologia sertaneja, são conhecidas popularmente como ciclo junino, assim denominado o período de festas envoltas pelo catolicismo, que se inicia no dia 13 de junho, com a celebração de Santo Antônio, tendo seu ápice no dia 24 de junho, dia de São João, e finalizando em 29 de junho com a festa de São Pedro. Estes festejos fazem-se significativos, pois colocam em evidência nacional o acervo cultural predominantemente nordestino no que diz respeito religiosidade, identidade, culinária, dança, música e economia.

Uma das representatividades mais marcantes do movimento junino no Brasil são as quadrilhas juninas. Essas se caracterizam como um conjunto de representações artísticas compostas por dança, música, teatro e literatura, representando, na forma tradicional brasileira, os costumes do campo. As quadrilhas são formadas por grupos de pessoas, geralmente com base no conhecimento empírico, que constroem espetáculos com duração média de 30 minutos, a fim de se apresentar, festejar, como costuma-se fazer em festas familiares e escolas, e, na maioria das vezes, competir em concursos conhecidos pelos participantes do movimento como festivais de quadrilha.

Cercada por diversos elementos na sua constituição, a quadrilha junina sofreu diversas transformações até se constituir como conhecidas atualmente. Tida para muitos como uma manifestação de suma importância para rememoração cultural, conforme Castro (2012), suas mudanças incorporaram diversas novas dinâmicas e símbolos, passando a performar de forma que Gomes (2011) aponta como espetacularizada, trazendo novas formas para suas apresentações e renovando outras. A nova forma de quadrilha foi ganhando força através dos grandes concursos, transformando os grupos de quadrilha junina em grandes empresas.

Nesse sentido, no cenário junino cearense e nacional, uma das quadrilhas com maior visibilidade no meio é a Ceará Junino, de Fortaleza. Sua notoriedade se dá devido aos vários prêmios conquistados, dentre estes: o festival Globo Nordeste, em 2010, e o Festival Brasileiro de Quadrilhas Juninas, em 2016. Nesse contexto, o espetáculo apresentado pelo grupo no ano de 2019 intitulado de “É tudo verdade”, foi escolhido como recorte de pesquisa para a realização desse trabalho, considerando as sociabilidades construídas pelo grupo, os processos construtivos e criativos para a elaboração do espetáculo, a organização da quadrilha junina em questão e suas apresentações finais.

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como a moda influencia na constituição e construção da quadrilha junina moderna, levando em consideração a história como constituição e o espetáculo atual como construção. O percurso seguido na pesquisa segue uma linha lógica partindo da compreensão histórica e de modificações do movimento, perpassando pelas noções de cultura, adentrando o meio competitivo, introduzindo o campo de estudo, a construção do espetáculo da quadrilha Ceará Junino e compreendendo como esses três elementos, história, meio social e o espetáculo junino são afetados pela moda.

Isso se faz possível a partir da identificação, durante a pesquisa, dos objetivos específicos que são: 1. Entender como se deu o processo histórico de construção da quadrilha moderna; 2. Identificar ligação da evolução da quadrilha com o meio cultural; 3. Compreender como o movimento competitivo de quadrilha contribuiu para o seu processo de renovação; 4. Verificar como se dá a organização e os processos criativos da quadrilha; 5. Entender o meio social criado no âmbito da quadrilha; 6. Identificar quais elementos de moda permeiam os grupos juninos.

As primeiras inquietações acerca do universo das quadrilhas juninas remontam de experiências que tive ainda quando criança. Recordo-me de quando na minha infância, minha avó me levava para assistir festivais de quadrilhas juninas. Eu ficava deslumbrado! Me sentava no chão, na frente das mesas dos jurados para ter uma visão privilegiada das apresentações; só voltávamos para casa depois do último grupo se apresentar, em torno das três horas da madrugada. A presença da influência junina está na minha vida desde a infância, nesse sentido, essa temática logo se transformou na minha linha de pesquisa na graduação. Essa pesquisa visa relacionar o movimento junino com a moda através de um viés sociológico, compreendendo características próprias do meio.

Este tema se faz relevante para os estudos científicos na área da moda por abranger a ampla compreensão dos elementos e das pessoas inseridas no contexto da quadrilha junina, abordando os aspectos socioculturais ali presentes e os fatores cotidianos que influenciam a criação dos espetáculos. Outro fator a ser considerado é o processo de elaboração das quadrilhas estilizadas, o profissionalismo que cerca o contexto dos festejos junino, transformando-o em um possível nicho de atuação da área da moda. Desta forma, torna-se relevante compreender os processos criativos e especificidades estéticas presentes na criação dos espetáculos.

Além da importância acadêmica, que perpassa também a aplicabilidade das teorias de moda no meio social estudado, o presente estudo mostra-se pertinente por buscar compreender a relevância social do movimento junino, a sua valorização enquanto expressão da cultura popular, além da observação do cotidiano dos atores envolvidos e os aspectos socioeconômicos causados pelo movimento e as mudanças que o cercam.

Para atender a essas questões, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa e parte de procedimentos metodológicos como a pesquisa bibliográfica, documental e de campo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os criadores do espetáculo do grupo estudado, e observação participante com utilização de ferramentas baseadas na etnografia. Esta fase foi realizada durante o ano de 2019, de janeiro a maio no período de preparação, entre junho e julho com as apresentações e, por fim, as entrevistas realizadas até o mês de outubro. Além desses informantes, a presente pesquisa também contou com atores sociais do meio junino, contribuindo, através de entrevistas, para o melhor entendimento do meio competitivo da dança.

Este trabalho é composto por sete capítulos, do qual no primeiro, além dessa breve introdução do tema, apresentará também as metodologias utilizadas na construção da pesquisa. O segundo capítulo abordará a movimentação social que a festa junina e a quadrilha percorreram até chegar no Brasil, utilizando como caminho explanatório os trabalhos publicados dos seguintes autores: Morigi (2001), Rueda (2006), Barroso (s/d), Hobsbawn (1997), Cascudo (1969), Silva (2015), Menezes Neto (2009); e como a dança se constituiu em interiorana, assumindo traços *matutos* e seus principais elementos após a mudança, conforme apontam: Chianca (2006,2007, 2008, 2020), Vieira, Câmara e Gomes (2014), Albuquerque Junior (2013), Hall (2006), Benjamim (1987), Farias (2003), Barros (2019).

O terceiro capítulo Discorrerá acerca da quadrilha junina como manifestação cultural, partindo de teorias que explicam e diferenciam cultura, cultura popular e folclore, conforme os trabalhos de Santos (1994), Goodman (1967), Cascudo (1967) e Brandão (1982). Neste capítulo também será abordada a constituição da quadrilha estilizada, modelo adotado pela maioria das quadrilhas atuais. Para discorrer sobre essa nova configuração da quadrilha, foram utilizadas ainda as colocações de Chianca (2007), Menezes Neto (2009), Barroso (2019), Castro (2012) e Farias (2011). Além desses, o trabalho de Camarano e Abramovay (1999) também foi utilizado como referência para essa discussão.

O quarto capítulo, trata da espetacularização da dança através do cenário competitivo e o crescimento desse por meio da organização do movimento e a criação das

federações juninas. O capítulo também trata do crescente desenvolvimento do movimento junino, motivado pela organização social através das entidades, desencadeando um ambiente mais profissional diante ao cenário competitivo. Nessas abordagens, os principais materiais utilizados para guiar a discussão são os documentos cedidos pelos informantes, e suas próprias colocações. Foram utilizadas também as contribuições teóricas de Barroso (2019), Gomes (2011), Debord (1997), Trigo (1993) e Cavalcante Neto (2020).

O capítulo cinco abordará, de forma descritiva, o campo estudado no presente trabalho. De início, é feita uma descrição acerca da história da quadrilha Ceará Junino, a partir de dados colhidos em entrevista com seus fundadores e em seu endereço digital. Nesse mesmo capítulo faz-se uma abordagem sobre o espetáculo apresentado pelo grupo no ano de 2019, descrevendo suas particularidades sociais, espaciais e técnicas. A partir dos dados colhidos durante o período de pesquisa de campo, é utilizada como base a teoria social de Firth (1974) para discorrer sobre a constituição de comunidade no meio estudado; os trabalhos de Chiavenato (2003) e Maximiano (2000) para abordar as questões organizacionais do grupo; e as teorias criativas de Lubart (2007), Munari (1981) e Ostrewer (1978) para discorrer sobre os processos criativos na constituição do espetáculo “É tudo verdade”.

O sexto capítulo levanta as teorias clássicas de moda a partir dos trabalhos de Lipovetsky (1989, 2004), Simmel (2005), Calanca (2008), Svendsen (2010) e Sant’Anna (2007). A partir das diversas vertentes de moda abordadas pelos teóricos, é feita uma análise dos dados apresentados em todo o percurso pesquisado, identificando em quais pontos, se apoiando nas teorias, a moda está presente no processo histórico da quadrilha junina. Além disso, também é feita uma análise dos dados colhidos em campo a partir das entrevistas realizadas, utilizando também o material teórico de moda para a análise. Por fim, o sétimo e último capítulo, diz respeito a conclusão do trabalho.

1.1. Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001), está voltada para uma abordagem com base em dados subjetivos, crenças, valores, opiniões, hábitos, entrando no universo dos significados e das relações. O processo de investigação teve início com estudos bibliográficos, que para Beuren (2006) consiste em explicar um problema através de referências teóricas já publicadas, visando o conhecimento de contribuições já existentes acerca do tema pesquisado. Nessa etapa foram consideradas as seguintes categorias de análise: moda, processos criativos, cultura e quadrilha junina.

A partir da obtenção dos dados teóricos, a pesquisa vai para campo, tendo como o lócus selecionado, a criação do espetáculo da Quadrilha Ceará Junino de Fortaleza, Ceará, no ano de 2019. Colocando em prática o que Gerhardt e Silveira (2009) apontam como um importante instrumento de obtenção de dados: a própria observação. O grupo em questão foi selecionado como uma amostra, que de acordo com Leite (2008) diz respeito a qualquer parte de uma população investigada, pois não seria possível fazer uma pesquisa aprofundada a respeito de todos os grupos juninos do Brasil, Ceará, ou, até mesmo de Fortaleza. Com isso, o período em campo durou 10 meses, de janeiro a maio, correspondendo ao processo criativo do grupo, ensaios e eventos; durante os meses de junho e julho, relacionado aos meses de apresentações do espetáculo; e de agosto a outubro de 2019, com a aplicação das entrevistas.

Os dados colhidos em campo através da observação foram gravados em vídeos, se transformando, posteriormente, em um documentário intitulado de “Meus Botões”¹. Esses dados também foram gravados em áudios e posteriormente transcritos para construção de um diário de bordo utilizado para auxiliar o armazenamento de dados e colaborar com a organização das informações apresentadas nesse trabalho. A realização de entrevistas também foi uma das ferramentas utilizadas para obtenção de dados. Para tal foi utilizada a metodologia de entrevistas semiestruturadas, que para Minayo (2001) essas entrevistas articulam características de entrevistas abertas, do qual o informante disserta livremente sobre

¹ Meus Botões é uma produção independente, fruto de uma pesquisa em campo realizada com a quadrilha Ceará Junino, em 2019. Esse documentário mostra o processo de criação do espetáculo "É tudo verdade", mesclando as memórias dos entrevistados com as memórias de infância de Breno Guedes, autor da pesquisa. Dando vida, pelo olhar de Davi Menezes, a um filme cheio de sentimentos, construído como um dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Design-Moda, desenvolvido pelo presente autor que vos fala. O documentário está disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=j0cShN82DbY>>

o tema, tendo também como elemento constituinte atributos da entrevista estruturada com as questões formuladas previamente.

As entrevistas foram realizadas com quinze atores sociais inseridos no processo criativo do fenômeno estudado – o espetáculo apresentado pela quadrilha Ceará Junino em 2019 –, em locais marcados pelos mesmos, com o intuito de melhor compreender o processo pesquisado. No texto, esses informantes são identificados a partir do nome, idade, função na quadrilha e data de entrevista. A tabela a seguir é estruturada com o nome do informante, função e data de entrevista:

NOME	FUNÇÃO	DATA DE ENTREVISTA
Roberto Severiano	Presidente da quadrilha	10/03/2019
Pedro Pierre	Sapateiro	20/04/2019
Otília Gomes	Costureira	20/04/2019
Rejane Leão	Costureira	20/04/2019
Aimee Brito	Ilustradora	20/04/2019
Carlos Demetrihus	Bordador	21/04/2019
Seu Aurino	Cenografista	11/05/2019
Eliovaldo Ananias	Coreógrafo	02/06/2019
Dulcelina Lima	Diretora de marketing e noiva	04/09/2019
Cleiber Andrade	Responsável pela parte cênica	28/09/2019
Seixas Soares	Diretor criativo e marcador	06/10/2019
Julian Feliz	Diretor musical	06/10/2019
Mara Alexandre	Rainha e coreógrafa	11/10/2019
Talita Karla	Maquiadora e dançante	11/10/2019
Diego Rocha	Coreógrafo e dançante	26/10/2019

Além dos entrevistados do grupo Ceará Junino, partindo de demandas de informações que surgiram conforme o trabalho foi se desenvolvendo, foram entrevistados mais dois atores, esses sob um contexto mais amplificado, considerando o meio competitivo de quadrilhas no estado do Ceará e a organização e criação das federações juninas: Aterlane Martins, jurado junino entrevistado em 12 de março de 2021; e Carlos Alves, um dos fundadores da quadrilha Luar do Sertão, entrevistado em 12 de março de 2021. Este momento de coleta de dados seguiu o modelo de entrevista aberta, que para Minayo (2001) o

entrevistado faz suas colocações de forma livre a respeito do tema questionado. Ao todo, foram dezessete entrevistados nos anos de 2019 e 2021.

Nesse contexto, de modo a se aprofundar sobre a temática do meio competitivo das quadrilhas juninas no estado do Ceará, com o intuito de traçar um percurso evolutivo do mesmo diante às modificações dos formatos e seus quesitos de julgamento, dentre as demais estratégias de coleta de dados, destaca-se a pesquisa documental. Essa ferramenta foi utilizada a partir de dados imagéticos disponibilizados pelos dois informantes pertencentes ao meio junino cearense: imagens referentes a planilhas de julgamento utilizadas nos anos 1999, 2002, 2013, 2017 e 2018.

A pesquisa documental se estendeu também a imagens que ilustram os elementos históricos e os vários momentos de mudanças da quadrilha junina, e ainda para a compreensão dos elementos explorados na criação do espetáculo da quadrilha estudada. Essas imagens, que foram devidamente referenciadas ao longo do texto, foram retiradas de alguns *sites*, disponibilizadas por informantes, imagens de arquivos pessoais, e fotografadas no processo da pesquisa *in loco*.

No que se refere à apresentação e análise de dados, a discussão se inicia com o levantamento de registros históricos sobre o movimento junino, especificamente sobre as quadrilhas juninas, apontando suas modificações ao longo dos anos, desde sua criação na Europa, sua chegada ao Brasil, e a constituição do modelo praticado atualmente. A essa abordagem é acrescentada a compreensão da cultura, cultura popular e folclore e como esses elementos contribuíram para a modificação da quadrilha junina.

Em um segundo momento, já compreendendo como a quadrilha atual é constituída, a discussão tem como enfoque os concursos de quadrilhas, perpassando a organização do meio e a evolução do modelo atual da dança. No terceiro momento são levantados e interpretados os dados do campo perpassando todo o processo de constituição e criações do espetáculo junino escolhido e os recursos humanos, financeiros e materiais utilizados. Portanto, esse processo de pesquisa é constituído por três momentos distintos, que correspondem a um entendimento de como a quadrilha é constituída, o meio que ela é inserida e como ela é feita, resultando em um amplo conhecimento do meio.

No tange ao fenômeno moda - o principal ponto da pesquisa -, esse só é abordado no último capítulo, a partir da tentativa de compreensão de seus vários significados através de clássicos e contemporâneos teóricos da área. A abordagem da moda ao final da pesquisa é estratégica, visto que ela é direcionadora da análise feita a partir da boa compreensão dos

elementos estudados e, portanto, determinante para responder de forma clara a pergunta central desse trabalho: em quais pontos a moda contribuiu e contribui na construção da quadrilha junina?

2. QUADRILHA JUNINA E HISTÓRIA

O calendário brasileiro é composto por muitas festividades durante toda extensão do ano, esses festejos têm amplas motivações para suas realizações, adotando datas herdadas dos nossos colonizadores, acontecimentos históricos no que diz respeito ao país em sua totalidade ou regiões específicas e, também, as festas oriundas da religiosidade. Quando se pensa no Nordeste brasileiro, uma das festividades mais marcantes da região é o São João. A festa acontece durante os meses de junho e julho em todo o país, contando com elementos de estética sertaneja como a música, culinária, diversão e sociabilidades, podendo acontecer em grandes cidades, ou cidades interioranas.

Segundo o pesquisador Morigi (2001), esses festejos têm suas origens baseadas em festividades de antigos povos europeus, africanos e asiáticos, com seu surgimento atribuído ao solstício de verão². De origem pagã, a festa indicava a véspera do início das colheitas. Os agricultores acendiam fogueiras com o intuito de afastar de seus plantios os espíritos da infertilidade, como aponta Rueda (2006). Barroso (s/d) explica que a festa pagã do fogo, marcada pela luxúria, onde as pessoas dançavam, comiam e tinham como prática comum pular as chamas da fogueira, ganhou traços religiosos na Idade Média, quando a igreja passou a tratá-la como a festa de celebração do nascimento de João Batista, o São João, com o intuito de criminalizar e “catequizar” a festa pagã. Assim, para Hobsbawn (1997), o sentido de celebração religiosa, como os santos e tantas outras “tradições”, foi surgindo com o tempo.

O Folclorista e pesquisador Cascudo (1969), coloca que as festas juninas nordestinas foram recriações dessas festividades europeias, com caráter familiar, e/ou eventualmente comunitário, cercadas por aspectos religiosos, míticos, folclóricos, entre outros. Dessa forma, no contexto brasileiro, entende-se, por conta do colonialismo, que as festanças já foram trazidas com características marcadas da religião católica, como a celebração dos santos, colocadas por Hobsbawn (1997), que já se fazia corriqueira devido à influência da religiosidade portuguesa. Em solos brasileiros, a festança passou a indicar ao revés, o início do solstício de inverno. No Nordeste, em particular, incorporou a gratidão do sertanejo pela chuva após o período de seca (BARROSO, 2019, p 39).

Chianca (2008) afirma que as quadrilhas são uma das representatividades mais marcantes do movimento junino no Brasil. Elementos como música, dança, drama e literatura,

² Dia mais longo do ano que costuma ocorrer por volta dos dias 22 e 23 de junho, no hemisfério norte. No Sul, corresponde ao solstício de inverno, a noite mais longa do ano.

segundo Rueda (2006), dão forma às principais expressões que integram as celebrações de quadrilha. Dessa forma, conforme destaca Barroso (s/d), as quadrilhas juninas são o conjunto de ações artísticas que de forma organizada e em grupo são apresentadas em alguns festejos:

[...] são encenações coletivas e com estruturação. Que incluem, em seus espetáculos, música, dança e dramatizações. São executados por um grupo determinado de brincantes, liderados por um mestre, obedecendo a uma hierarquia e organizados segundo uma estrutura complexa de personagens, trajando indumentárias determinadas e que realiza ensaios. Em suas apresentações organizam-se como cortejos e encenam seus espetáculos em plena rua, em praças ou terreiros, por ocasião de festejos populares públicos ou familiares, como festas de padroeira, natalinas ou juninas, aniversários, casamentos, batizados, renovações, etc. (BARROSO, s/d, p. 116).

Para Silva (2015) as quadrilhas surgiram na Inglaterra entre os séculos XIII e XIV. Com a Guerra dos Cem Anos, entre Inglaterra e França, houve grande troca cultural entre estes países, dessa forma, França levou para seus palácios as quadrilhas que rapidamente se espalharam por toda a Europa. Em pouco tempo a dança estava presente entre as festividades da nobreza de todo o continente. Com sua popularização atribuída à Corte francesa, Chianca (2006) relata que a quadrilha junina é originária de uma contradança que a princípio, eram quatro ou oito casais organizados em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrilles*, no italiano *quadriglia* ou *squadro* e do espanhol *cuadrilhas* (MENEZES, 2009, p. 10).

Ilustração 01 – gravura representativa da quadrilha francesa.



Fonte: Blog Brasil de Longe³ (2021)

³ Disponível em: < <https://brasildelonge.com/2013/06/12/viva-sao-joao/>>

Nesse cenário, Chianca (2006) destaca que a *quadrille* veio para o Brasil seguindo o interesse da classe média e das elites portuguesas e brasileiras do século XIX. Trazida pela Corte portuguesa, em 1808, e as missões francesas que aqui estiveram, a dança palaciana foi introduzida, principalmente, nos grandes salões do Rio de Janeiro e Salvador, e nos grandes saraus e clubes onde a elite estava concentrada. Em um artigo escrito em seu blog⁴, Luciana Chianca (2008) aponta, com base em diários de viajantes, a descrição de uma festa para celebrar o encerramento dos trabalhos do Senado, em agosto de 1852, em que se relata que D. Pedro II havia dançado nove das dez quadrilhas propostas no evento. Além desse a autora também descreve uma matéria de um jornal paulista, datado de 16 de fevereiro de 1860, que aborda as quadrilhas que serão tocadas em um baile de carnaval, fazendo-a constatar a popularidade que a dança havia alcançado e que, naquele momento, a quadrilha não se restringia somente ao mês de junho e julho.

2.1. Construção de uma identidade matuta

Segundo Chianca (2020), no período do Brasil Republicano, a partir de 1888, os barões e camadas burguesas que atuavam em prol da criação da República, da mudança política, passaram a recusar os costumes associados à Corte – aqui se inclui a quadrilha, pois a dança era reconhecida socialmente como uma dança palaciana. Esse movimento se explica pela mudança de poder e de mentalidade desse período, conforme apontam Vieira, Câmara e Gomes (2014), quando colocam que, no período inicial da República brasileira, as elites civis que agiram em prol da mudança de regime político, depois se mantiveram engajadas na busca de sua consolidação, se desviando, inclusive, de práticas imperiais. Os autores enfatizam essa prática quando fazem uma leitura social do período após a modificação do regime, apontando que:

[...] as elites civis, mesmo com eventuais discordâncias ou rachas, compuseram nesse período uma coalizão capaz de transformar as instituições através da remoção de regras antigas e introdução de outras novas, não apenas num processo simples de pura substituição, mas também através da revisão e adoção de emendas e das normas já estabelecidas. (VIEIRA, CÂMARA e GOMES, 2014, p 11)

Em sua fala no Encontro de pesquisadores de Quadrilha e Festa Junina (2020), através da plataforma Youtube⁵, Luciana Chianca aponta que a quadrilha, no formato

⁴ Disponível em: < <http://lucianachianca.blogspot.com/>>

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgZ1stOGVtE&t=582s> Acesso em: 18 de setembro de 2020.

palaciano, sai de “moda” e se afasta dos grandes centros e elites, com suas práticas mantidas somente nos ambientes rurais brasileiros. Em 1900, no início do século XX, as quadrilhas retornam ao gosto de parte da elite brasileira e passam a ser chamadas, nesse momento, de Quadrilhas Imperiais, fazendo alusão a dança palaciana. Naquela realidade, as elites que consumiam a dança tinham fácil câmbio entre a metrópole e o campo, contribuindo com a proliferação das quadrilhas, antes consideradas como dança das elites, nesse momento, passando por um processo de popularização, sendo ainda mais copiada pelas populações menos abastadas, como aponta Chianca:

As danças dos nobres se tornaram burguesas e assim se iniciou a sua popularização, que no caso da quadrilha repete um processo frequente na história e que a Europa conheceu no século XVI quando as danças palacianas restritas às cortes e à aristocracia se transformaram em “danças de salão”, da alta e média burguesia. No Brasil ocorreu o mesmo fenômeno, com o conjunto da população urbana e rural menos privilegiada reproduzindo, à sua maneira, a dança das classes altas (CHIANCA, 2008, blog⁶)

A personalidade caipira se fortaleceu, nas três primeiras décadas do século XX, com o projeto de identidade nacional que colocava a figura do homem do campo como o ideal brasileiro (CHIANCA, 2008). Este pensamento se aliou com a construção de uma identidade nordestina que se fortaleceu a partir da difusão de uma ideia que Albuquerque Junior (2013) coloca como nordestinidade. Esse conceito se constituiu a partir do movimento regionalista, criado em Recife, ainda no final do século XIX, tendo Gilberto Freyre como um dos seus principais nomes, e seu ápice na década de 1920, fazendo com que o regionalismo, naquele momento, passe a ser apresentado como uma nova forma de pensar a realidade nacional e como a nossa forma própria de produzir cultura e arte, fortalecendo essa ideia de identidade nacional, mas agora sobre uma perspectiva de regionalidades, como aponta o autor:

A emergência da formação discursiva nacional-popular, a partir dos anos vinte, provoca o surgimento de uma consciência regional generalizada, difusa no espaço, que consegue ir se ligando às várias existências individuais, mas principalmente à própria vida coletiva. [...] Este dispositivo faz vir à tona a procura de signos, de símbolos, que preencham esta ideia de nação, que a tornem visível, que a traduzam para todo o povo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p 60)

⁶ Disponível em: < <http://lucianachianca.blogspot.com/>> Acesso em: 23 de maio de 2019.

A antropóloga Luciana Chianca (2006), aponta que com a urbanização, tendo em vista, inclusive, a *Belle Époque*⁷ brasileira como fator determinante para tal, o modo de vida burguês se difunde nas grandes cidades do Brasil, reforçando as diferenças entre o metropolitano e o interiorano. Essas diferenças não são somente relativas aos níveis econômicos, são também, principalmente, relacionadas aos desempenhos culturais. Com isso a imagem do homem do campo, no contexto da criação de uma identidade nacional, se immortalizou na figura estereotipada do *matuto*⁸ e de seu homólogo caipira em um misto de orgulho e humor depreciativo. A autora afirma que em todas as grandes cidades, eles serão, a partir daí, representados sob o ângulo ideal ou o da sátira (CHIANCA, 2006, p 50).

A criação dessa imagem do nordestino, segundo a fala da autora no Encontro de Pesquisadores de Quadrilha e Festa Junina (2020), está associada a noção de uma identidade nacional brasileira, que para Hall (2006), essas identidades não são coisas com as quais nascemos, são formadas e transformadas no interior das dinâmicas de representação, servindo, inclusive, para criação de padrões de alfabetizações universais. Nesse sentido, Luciana Chianca explica a criação do interiorano como uma forma de alfabetização, de modo a criar uma figura minimizada, a partir, por exemplo, de personagens como Jeca Tatu⁹ de Monteiro Lobato, apontado pela autora como referência fundamental das definições pejorativas ao homem rural nas cidades, ou, mais tarde, com a figura Chico Bento¹⁰, de Maurício de Souza, personagem ignorante, mas de boa índole (CHIANCA, 2006, p 52-53).

Chianca (2006) coloca que as definições de *matuto* ou *caipira*, intencionalmente, indicam a instalação de uma distância simbólica entre o rural e o urbano. Alguns outros autores, como Menezes Neto (2009), tratam o *matuto* como um personagem concebido através da caricatura do rurícola feita pelo metropolitano, figura vista como um dos artifícios para a legitimação do processo de urbanização, responsável por associar a imagem do campo ao atraso e ao que passou. Já Benjamim (1987) aponta as representações do *matuto* como completamente falsas, levando ao ridículo o homem do campo, suas tradições, sua cultura, suas atividades de trabalho e de lazer, através da forma caricata reproduzida. E ainda, Durval

⁷ A “*Belle Époque*”, do francês “bela época”, período de “ouro” onde nações adquirem um imaginário impulsionado pelo progresso. A cidade de Fortaleza entra em uma forte modernização que seguiria o padrão francês de cultura, fornecendo às elites a possibilidade de viver e sentir o que havia de mais moderno e requintado para época. (BINDÁ, 2008)

⁸ Indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito.

⁹ Personagem criado em 1914, visto como preguiçoso, com modos caipiras.

¹⁰ Chico Bento, personagem criado em 1961, é obtuso, ignorante, incapaz de responder à mínimas exigências da escolaridade; de outro lado identificamos nele, dotes louváveis: amigo, filho amoroso, defensor da natureza, criança de bom coração e de boa índole. (CHIANCA, 2006, p 53)

Muniz de Albuquerque Jr., quando faz uma crítica às maneiras que a mídia enxerga o nordestino já em dias mais atuais:

Liguemos a televisão. Um “careca do ABC”, de aproximadamente 1,65m de altura, olha fixo para a câmara e dispara: “Você já viu um nordestino com 1,80m de altura e inteligente?”. O que ele se considerava, obviamente. Mudemos de canal. Em cidade nordestina, a pretexto de cobrir as festas juninas, dois humoristas procuram insistentemente por alguém que tivesse visto o cangaceiro Antônio Silvino; aproximam-se de um velho e à queima-roupa perguntam: Antônio Silvino era cabra macho mesmo?”. Continuemos assistindo, pois é um programa de humor. Na feira da cidade ressurgiu Antônio Conselheiro, com um aspecto enlouquecido, vocifera uma pregação desconhecida, vestido com um roupão branco e trazendo um enorme bordão de madeira, com que ameaça as pessoas. Esquecidos da cidade e da festa que vieram cobrir, procuram ceguinhas cantadoras de embolada e uma procissão em louvor a Santo Antônio. Termina o programa com Lampião e Maria Bonita, no Rio de Janeiro, atirando para todo lado, para acabar com a imoralidade na praia e porque é bom ver gente cair. Mudemos outra vez de canal. A novela das oito horas é mais uma vez sobre o “Nordeste”, pois lá estão presentes o coronel, muitos tiros e tocias, o padre, a cidadezinha do interior e todos os personagens que falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postigo e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de expressões folclóricas, de preferência. Mudamos de canal, à procura do noticiário. Está havendo seca no Nordeste. Que bom, temos a terra gretada para mostrar, a caatinga seca com seus espinhos e crianças brincando com ossinhos, como se fossem bois, chorando de fome, dá até para o repórter chorar também e quem sabe promover mais uma campanha eletrônica de solidariedade. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p 29-30)

Nesse sentido, esses fatores contribuíram com o fortalecimento de nuances interioranas e de personalidade regional às quadrilhas juninas, mesmo que essa imagem, para algumas pessoas urbanas, fosse vista com desprezo, pois representava uma realidade diferente às das grandes cidades, um atraso. Chianca (2008) pontua que entre 1930 e 1950, sob essa perspectiva histórico-cultural, a quadrilha constituía um modelo de exaltação do ser caipira, que passa a ser visto como uma moda dos grandes clubes da capital, nos quais a elite se fantasiava, seguindo exclusivamente à festa a matuta, reunindo vários elementos de exaltação desse ser: uma dança – a quadrilha; um personagem – o *matuto*; um lugar – o arraial ou sítio; um instrumento musical – a sanfona; um alimento – o milho. Assim a *quadrilha matuta* foi constituída, conforme a ilustração 02.

Ilustração 02 – Quadrilha matuta no Clube Pinheiro em São Paulo em 1960.



Fonte: Site do clube¹¹ (2021)

Agora no contexto urbano, as quadrilhas, para Farias (2003), não representam mais as figuras elegantes e nobres imperiais, os protagonistas passam a ser os *matutos*. O homem interiorano, assim como suas roupas e trejeitos, passa assumir, de forma estereotipada, um lugar central no rito da festa junina. O autor aponta que esse ator social representava, naquele momento, a nostalgia e a idealização do passado daqueles que migravam para a cidade devido à industrialização e, respectivamente, o crescimento urbano. Porém, aquela figura incorporada pelos dançantes, se mantinha somente durante o período festivo, pois ninguém desejava assumir aquele papel caricato depois da festa.

A quadrilha, diferente daquelas dançadas nas cortes, passou a acontecer somente no mês de junho, nas festividades juninas, e começou a ser considerada pela sociedade como portadora da tradição através de um conjunto de conteúdos simbólicos produzidos com a modificação e abandono da dança palaciana (MENEZES NETO, 2009), em que é possível identificar dois níveis de discursos: um primeiro que revela a ligação da festa com a “autenticidade”; e o outro relacionado a associação ao universo simbólico representado pelo território do interior, onde os dois se comunicam através do tempo passado difuso, mas característico de uma memória construída na saudade daqueles que o deixaram um dia, representando aquilo que ficou para trás: o interior (CHIANCA, 2007).

¹¹ Disponível em: < <https://www.ecp.org.br/festa-junina-de-longa-data/>>. Acesso em 10 de abril de 2019.

2.2. Características da quadrilha matuta

O primeiro contato com a prática da dança da quadrilha, geralmente acontece dentro das escolas, quando, segundo Chianca (2006) acontece uma pausa de alguns dias das atividades comuns para a preparação coletiva das atividades festivas. Nesse momento as crianças aprendem e treinam os primeiros passos das danças regionais típicas da festa, sendo, desde 1960, a quadrilha a mais importante delas. Os pátios escolares, assim como os clubes da alta sociedade, ou as festas familiares, se transformam em grandes e pequenos “arraial”, que indica o lugar da festa junina, substituindo, conforme a autora, os bosques e sítios, que se conhecia como o local da dança e festa junina, no início do século XX. Assim como bosques e sítios, o arraial também passou a designar os lugares selvagens, e domesticados por conta da festa.

Um dos fatores cruciais para a existência da quadrilha junina é o casamento. É nesse momento que acontece a encenação, parte dramática da dança. Menezes Neto (2009) justifica essa prática, inicialmente, com a questão da fertilidade, a época da colheita, fazendo com que o momento seja mais suscetível a festanças. Além disso, o autor aponta a religiosidade como um fator importante, pois os santos festejados nesse período são santos diretamente ligados à questão matrimonial. Santo Antônio é conhecido como santo casamenteiro que, segundo credences antigas¹², era responsável por achar um marido para as moças solteiras. A nível de exemplo, podemos citar ato de moças colocam o Santo de cabeça para baixo dentro de um copo de água, como uma forma de castigo, até ele conceder um marido para a praticante, como uma forma de ceder à pressão do castigo.

São João Batista, além de Santo festeiro, também ficou conhecido por morrer por ser responsável por condenar Rei Herodes pela infidelidade com a mulher do próprio irmão, passando a ser visto como defensor do casamento e das regras sociais que o cerca. A fidelidade, por exemplo. Por fim, São Pedro, o santo da chuva, responsável pela boa colheita, a fertilidade, proporcionando uma festa farta de alimentos. Menezes Neto (2009) aponta que em paralelo com as questões simbólicas, se enxerga que a temporalidade da festa induz as confraternizações, pois não há melhor época para celebração de um evento como um casamento, que em época festiva. Nesse sentido, Barroso (2019) afirma que a festa tem seu

¹² Crença de cunho supersticioso, sem base em religiões institucionalizadas, por isso, sem a sua sanção; qualquer superstição, ger. de origem popular; crendice (FONTE: Dicionário Oxford Languages).

argumento partido da ideia de fertilidade, não somente da terra para o cultivo, mas também por meio da celebração de um casamento, rito principal das quadrilhas juninas.

Dentro de uma apresentação de quadrilha, o casamento é seu elemento principal, pois a dança nada mais é que o baile da festa de casamento dos noivos. Chianca (2007) informa que essa prática de celebração não é recente, pois ainda como dança das elites, dos palácios, a quadrilha já era usada para a celebração de casamento, tendo como exemplo a um festejo acontecido nessas circunstâncias ainda em 1843. Rueda (2006) também indica que a primeira quadrilha dançada no Brasil tenha sido por um casamento da nobreza local. O antropólogo Hugo Menezes Neto (2009), lista alguns motivos, resgatando assuntos já levantados por Luciana Chianca, mas sob outra perspectiva, a da criação do estereótipo do *matuto* com forma de separação do cidadão, quando fala da importância do *casamento matuto* em quadrilhas juninas:

O *casamento matuto* é essencial para a construção do personagem matuto, por possibilitar a apresentação de particularidades como: uma forma própria de falar – com um sotaque carregado, graves erros no português formal e expressões que já caíram em desuso na cidade; de se portar – de forma jocosa, acanhada e atrapalhada; e de agir diante das situações – destacando posturas de extrema ingenuidade e simplicidade. Com o caráter cômico, o casamento matuto é o espaço onde o cidadão expõe amiúde como vê as idiossincrasias do homem rural, compondo e expondo um *ethos* próprio para o matuto, calcando no olhar depreciativo dos habitantes da urbe sobre o rural (MENEZES NETO, 2009, p 19)

Para Chianca (2007), em sua estória o *casamento matuto* apresenta, na maioria das vezes, um casamento quase forçado de um matuto que engravidou a noiva virgem e quer fugir, mesmo na presença das autoridades religiosas e da lei; o pai da noiva, no que lhe concerne, consegue capturá-lo para a realização do matrimônio. No fim, cercados por diversas situações engraçadas, eles se casam e a quadrilha representa festa do casamento. Menezes Neto (2009), indica alguns personagens fixos do drama: os noivos, seus pais, o delegado, o padre, o bêbado, a fofoqueira, o sacristão, a amante e, por vezes, o homossexual afetado de trejeitos. O autor acrescenta que as temáticas abordadas nos textos são a virgindade, honra, autoridade, sexualidade e gênero, que podem aparecer de forma mais explícita ou subliminar, apresentadas ao vivo, proporcionando o improvisado e a partição da plateia.

Além do casamento, outro elemento de suma importância para a realização da quadrilha é a dança. Em uma visão tradicional, um ato precisa do outro para acontecer, tendo em vista que, como apontado anteriormente, o motivo para se dançar quadrilha é o casamento, pois todos ali estão comemorando a celebração de um casamento simulado. Nesse contexto,

destaca-se um personagem de grande importância para a realização da quadrilha *matuta*: o *marcador* ou *puxador*. Essa figura representa um mestre de cerimônias, criado a partir dos formatos da dança palaciana, e passa a ser a figura de liderança que conduz, através de um português comicamente “afrancesado”, toda a evolução coreográfica da quadrilha (MENEZES NETO, 2009, p. 14).

Na realidade de uma quadrilha *matuta*, o marcador tem função de animar, apresentar e puxar os passos dançados na quadrilha. Esses passos seguem o formato de dança de pares, formados por damas e cavalheiros dispostos em duas fileiras que se posicionam lado a lado, configurando o formato de quadrado (MENEZES NETO, 2009, p. 13). Os principais passos tradicionais dançados em uma quadrilha, têm seus nomes baseados em expressões francesas como o “anavantu” do francês “*en avant tous*”, movimento em que as fileiras avançam uma em direção a outra, ou o “anarriê” do francês “*en arrière*”, quando as fileiras retornam a sua posição inicial (SEVERIANO, 20019)¹³.

Além da existência dos tradicionais passos herdados da quadrilha palaciana, dos quais seus nomes partem de um português afrancesado, como aponta Chianca (2020), a quadrilha *matuta* conta também, de acordo com documento disponibilizado pelo Presidente da Quadrilha Ceará Junino, conta com pelo menos 50 passos distintos. Dentre estes, estão presentes alguns que fortalecem um recorte estético, temporal e simbólico (MENEZES NETO, 2009, p. 13), presente até os dias atuais, de afirmação da dança como interiorana; o “caminho da roça”, onde os participantes ficam em uma fila só, a dama na frente e o cavalheiro atrás, caminhando balançando o braço conforme o ritmo da música, ou o “cavalinho ou galope”, onde os primeiros e os últimos casais da fileira, trocam de lugares imitando um galope de cavalo. Os dois passos trazem elementos simbólicos do interiorano, contribuindo para o enraizamento da dança como pertencente ao campo.

Outro fator simbolizado por alguns movimentos da dança, é a forte presença de um cenário apaixonado, de amor, de união sempre entre a figura do homem e da mulher, um namoro, expressado em primeira instância pelo casamento simulado, mas expandido para todos os pares participantes da quadrilha. Tendo a heteronormatividade como uma conduta hegemônica da estética junina, como aponta Hayeska Barroso (2020), em sua fala no Encontro de Pesquisadores de Quadrilha e Festa Junina. Alguns movimentos transmitem esse cenário, como o “beija-flor”, onde as damas estendem as mãos, em um movimento cortês, e o

¹³ Documento elaborado e disponibilizado para essa pesquisa, pelo presidente da Sociedade Ceará Junino, Roberto Severiano, contendo um grupo de passos tradicionais de quadrilhas e um texto explicativo sobre a execução do movimento. Este documento está disponível em anexo a este trabalho.

cavalheiro ajoelha-se e a beija, ou ainda o “passeio dos namorados”, onde os pares saem da fila juntos, de braços dados, e andam pelo *arraial*¹⁴ até voltar para seu local de origem na fila.

Em uma apresentação de quadrilha *matuta*, há alguns momentos de pausa das coreografias tradicionais para os momentos de desfile. O primeiro momento é separado para os noivos, onde os participantes se dividem em duas fileiras e o casal desfila entre as fileiras, algumas vezes expressando o amor encenado através de um beijo. O segundo momento é voltado para o desfile da *rainha* ou *princesa do milho*, que representam as moças mais bonitas do arraial, e também a figura da *sinhazinha*, que representa a pureza e a virtude das donzelas do meio social elevado¹⁵ (CHIANCA, 2006, p 79-80), cada uma tendo seu momento de desfile logo após os noivos, com os dançarinos dispostos da mesma maneira: duas fileiras.

A música, por sua vez, aparece como item responsável por dar vida e movimento à manifestação. Menezes Neto (2009) aponta a quadrilha *matuta* como um dos principais colaboradores para a transformação do forró em “música típica” das festas juninas, substituindo a valsa, a polca e o maxixe, os ritmos predominantes para a festa até meados dos anos 1940. Segundo Chianca (2006), o termo forró se tornou conhecido a partir das construções ferroviárias, já no século XX, quando os operários, de origem inglesa, com a finalidade de sinalizar uma abertura à população local, organizavam bailes que indicava “*for all*” na entrada, do qual a população local, a partir de uma contração e abasileiramento do termo, passou a chamá-lo forró.

Inicialmente, a introdução da sanfona nos bailes dos clubes elitistas não surgiu efeito, o público preferia a música das *jazz-band*. Segundo Chianca (2006, p 64) somente em 1953, ocorreu a esperada “revolução musical” junina, quando a sanfona passa a ser aceita dentre a elite e se torna um símbolo da festa. Para Menezes Neto (2009) o gênero forró foi inicialmente associado ao interior, pois suas letras, em uma mescla de nostalgia e ruralidade, transportava os ouvintes a um “mundo rural” idealizado, um lugar ingênuo afastado dos males da cidade. O autor ainda coloca que o gênero, que representa a união da imagem com o som, desperta na memória coletiva uma espécie de “mito de origem” do povo nordestino.

Em pouco tempo, a música oficial da quadrilha *matuta*, foi substituída pelo forró “pé de serra” ou o “arrastapé”. De acordo com Chianca (2006), Gonzaga botou as dondocas

¹⁴ “Em 1943, a expressão “arraial” apareceu na imprensa para indicar o lugar da festa junina, inclusive dentro dos clubes, substituindo os bosques e sítios do início do século. Como estes últimos, o arraial passou a designar os lugares selvagens, e domesticados periodicamente por ocasião da festa; espaços convencionais de alegria coletiva, onde se dança, come e bebe” (CHIANCA, 2006, p 48)

¹⁵ Esses dois personagens encarnam as ambiguidades da sociedade brasileira e natalense, com a *sinhazinha* representando a elite social e a *rainha* a sua base popular: bela, mas sem meios econômicos, ela deve associar-se a seus admiradores para alcançar um posto ainda incerto e fugaz (CHIANCA, 2006, p 80)

cariocas para dançar a dança dos cangaceiros, e o baião, xaxado e o xote passaram a representar a música regional nordestina, fazendo com que a musicalidade junina também se apropriasse desses ritmos. Em sua fala no Encontro de Pesquisadores de Quadrilha e Festa Junina, acontecido em 2020, a autora aponta que a cultura junina tem dois símbolos representativos: Lampião, com a resistência; e Luiz Gonzaga, como a integração dessa cultura aos grandes centros urbanos.

Por fim, no contexto da quadrilha *matuta*, vale ressaltar os códigos de vestimentas responsáveis por dar vida ao personagem rural apresentado na dança. Para Chianca (2007), o modelo do *matuto* é definido pela simplicidade da vestimenta, que associa o migrante e o rural, através das suas privações econômicas, a um estado de fraqueza social. Por conta dessa precariedade, a chita¹⁶, um dos primeiros tecidos produzidos no Brasil, se transforma no tecido chave da roupa *matuta*. Já Menezes Neto (2009), diz ser recomendada o uso de cores berrantes, peças descombinantes, remendos que podem ser feitos de chita ou xadrez, além dos dentes pintados de preto, sardas falsas no rosto, sobrancelhas barbas e bigodes alargados e evidenciados com lápis preto, dando uma imagem mais “selvagem” ao *matuto*.

No que diz respeito a maquiagem, nas mulheres ressalta-se o uso exagerado e fortes de produtos nos lábios, bochechas e olhos. Apesar de uma prática mais comum do sexo masculino, a mulher também pode usar o famoso chapéu de palhas, porém, diferente do masculino, nela podem aparecer tranças aplicadas no próprio acessório. Tendo o cabelo longo como marca de feminilidade, estas tranças costumam ser loiras e pretas. De forma geral, tanto Chianca (2006), quanto Menezes Neto (2009), apontam os códigos de vestimenta como um estereótipo citadino do homem e mulher do campo, utilizado com o intuito de ridicularizar essas pessoas.

¹⁶ Tecido de baixo custo e pouca qualidade, comumente produzido em algodão com estampas colorida de flores.

3. A QUADRILHA COMO UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Para Santos (1994), cultura diz respeito à humanidade na totalidade e, em simultâneo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos presentes nesse todo. O autor também destaca que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual deve-se procurar conhecer para fazerem sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam, ou seja, para ele, cultura é tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou, ainda, de grupos do interior de uma sociedade, dando conta de características, digam respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais.

No Brasil, quando a quadrilha desembarcou em Recife, vista como um costume da Família Real Portuguesa, a contradança palaciana, tida como dança dos nobres, foi introduzida nos festejos burgueses, do qual expressou seu cultural na dança, assim como o interior, que a dançou à sua maneira. Da mesma forma, quando a dança *matuta* tomou conta dos clubes da elite, se muniu de mais símbolos e costumes daquela cultura inserida. Sob a perspectiva de Santos (1994), compreende-se que a diferença da dança em cada meio social em que ela esteve no seu percurso histórico, a incorporou de distintos valores econômicos e simbólicos, refletindo na organização social e, ainda, nos aspectos materiais da dança e do ambiente que a cercava.

Goodman (1967), de maneira mais simplificada, coloca cultura como o conjunto de costumes praticados por membros de um mesmo grupo social, a forma particular de vida aprendida, compartilhada e transmitida pelos mesmos membros da sociedade possuidora dessa cultura. Fazendo uma analogia às regiões territoriais constituintes do Brasil, a cultura está presente em todos os grupos sociais de pequenas instâncias, no caso de cidades ou até pequenos grupos de sociabilidade; de médias instâncias, no caso de estados; e grandes instâncias, considerando o país.

Santos (1994) atrela a preocupação com a cultura ao início do século XIX, quando a industrialização europeia, sedenta de novos mercados, expandiu seus contatos com o resto do mundo alimentada pela expansão política, econômica e intelectual, na busca de compreender os povos e nações que se subjugavam. Nesse sentido, se faz perceptível a criação de uma imagem de superioridade partida dos países que buscavam essa expansão através do conhecimento das culturas subjugadas, trazendo à tona reflexões sobre a dualidade de dominante e dominado, colocada pelo estudioso da cultura, Santos:

Cultura pode por um lado refletir-se a alta cultura, a cultura dominante, e por outro lado a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição a selvageria, a própria marca da civilização. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. (SANTOS, 1994, p. 33)

Nesse contexto, Goodman (1967), aponta em teoria a existência de dois padrões de ideais e condutas. Esses padrões, respectivamente, dizem respeito a expectativas ou regras de conduta, geralmente baseados em outros povos, e as formas reais de condutas, podendo, em alguns casos, se aproximarem dos padrões ideais. Dessa forma, faz-se perceptível um movimento autoexplicativo, com base no surgimento dos estudos culturais e na teoria estudada por Goodman, e os apontamentos de Santos (1994), que coloca a cultura como resultado de uma história particular, frisando, também, as relações com outras culturas.

Trazendo para a realidade da quadrilha junina, compreende-se que quando a dança chegou ao Brasil, ela já estava munida de símbolos da cultura francesa e europeia, como a linguagem, no próprio nome da manifestação e nos comandos ditados pelos mestres de cerimônia que conduziam a dança. Dessa forma, conforme as teorias de Goodman (1967) e Santos (1994), entende-se, a cultura proveniente da Europa, sobretudo francesa, como cultura dominante, que se aproximam dos padrões ideais para a realização da dança, enquanto a cultura brasileira é vista como qualquer outra, aquela que busca se igualar ao padrão cultural de outro país.

De modo geral, a discussão sobre cultura tem a humanidade como referência e, ao mesmo tempo, procura dar conta de particularidades de cada realidade cultural, como coloca Santos (1994):

A cultura deixou de ser a totalidade de características e passou a ser a totalidade de uma dimensão da sociedade. Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo o conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material que vive, e sobre a própria existência. Cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso da sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência e política. O estudo da cultura, assim compreendida, volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas, costumes e rituais (SANTOS, 1994, p. 41).

Tendo em vista essa percepção que uma sociedade tem sobre si mesma colocada pelo autor, se faz relevante atentar que em recortes da realidade social comum, podem ser localizadas maneiras diferentes de ver o mundo ou se relacionar socialmente com o mesmo. Nesse sentido, Santos (1994) faz suas considerações sobre a cultura popular como um

conhecimento comum, à parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou a ser entendido como cultura. Essa cultura, segundo Cascudo (1967), compreende o artesanato, as indústrias caseiras, tudo quanto acompanhar a tradição manufatureira. É uma cultura que passa a ser percebida por todos, conhecida por conta dos seus autores, as pessoas que a criam. (BRANDÃO, 1982).

Fazendo um resgate às transformações da quadrilha imperial na *matuta*, com base na definição de cultura popular apontada por Santos (1994) e Cascudo (1967), percebe-se uma transição dentro de uma esfera nacional, de cultura reconhecida como pura, dominante, que se transforma, a partir do movimento para o campo e, conseqüentemente, para uma classe social menos favorecida, em cultura popular, inferior, atrasada. Essa leitura se faz possível, pois conseguimos identificar esses sinais de atraso, de algo superado, quando, por exemplo, Chianca (2020) aponta que a quadrilha sai de moda, sai das grandes cidades, da elite, ainda quando conseguimos identificar uma massificação, mesmo que no campo, e quais os autores dessa manifestação.

Nessa perspectiva, Brandão (1982), abre uma discussão sobre a diferenciação de cultura popular e folclore colocando que: enquanto cultura popular é conhecida pelos seus autores, folclore é de criação pessoal e desconhecida que passa a ser coletivizada. Assim, pode se colocar que o folclore é popular, mas nem tudo que é popular é folclore. É preciso que o motivo, fato, ato, ação, seja antigo na memória do povo; anônimo em sua autoria; divulgado em seu conhecimento; e persistente nos repertórios orais ou no hábito normal. Que sejam omissos os nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do episódio no tempo (CASCUDO, 1967). A exemplo, o autor fala sobre o processo de folclorização de uma canção popular:

A música, dita popular, executada nas cidades, alcança o interior brasileiro através dos discos, repetida, reeditada, adaptada para as charangas locais, democratizada nas sanfonas para os bailes *matutos*, já com outras soluções melódicas e “refinamentos” ajustados às predileções regionais, ampliando-se, dissolvendo-se no bojo de outras solfas, reaparecendo nas “improvisações” e “autorias”, inconscientes plágios pela audição inidentificável. A letra e a música são diversas do autêntico original, mas o folclore se enriqueceu com mais uma “composição” coletiva. Assim, trechos de óperas, acusam-se no vozerio polifônico dos pastoris, das modinhas, das quadrilhas (CASCUDO, 1967, p. 18).

Cascudo (1967) coloca o folclore como sendo uma cultura do povo, como uma cultura viva, útil, diária, natural, é o uso, o comum, embora antiquíssimo, assim como Brandão (1982) coloca que o folclore não é coisas mortas, são realidades concretas,

dinâmicas, numa constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade, tudo nele é relação e tudo nele se articula com outras coisas da cultura, em seu próprio nível, o ritual, o religioso, o tecnológico, o lúdico, e em outros. O autor levanta uma série de reflexões sobre a mobilidade do folclore:

O povo, aceitando o fato, toma-o para si, considerando-o como seu, e o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes. Assim, uma estória é contada de várias maneiras, uma cantiga tem trechos diferentes na melodia, os acontecimentos são alterados e o próprio povo diz: 'quem conta um conto, acrescenta um ponto'. A mesma coisa acontece com as danças, o teatro, as técnicas. Tudo pode ser modificado, porque o povo dança, mas suas danças não têm regulamento, não são codificadas; tanto pode o conjunto de dançadores dar três voltas completas, como apenas uma, a indumentária tanto pode ser rica e colorida como simples e ingênua. Há, contudo, uma certa estrutura que determina aquela dança, aquela estória, aquela indumentária, aquela cerâmica, e as modificações não invalidam o modelo. [...]Muitas vezes a redução do número de autores de um grupo de Bumba Meu Boi do Maranhão, obriga a que seus participantes alterem padrões antigos do ritual. Da mesma forma, o desaparecimento de alguns materiais e o aparecimento de novo podem determinar alterações criativas na feitura de uma colcha, de uma vestimenta ou de um barco de pesca (BRANDÃO, 1967, p. 37-39).

Dessa forma, para Brandão (1982), folclore são conhecimentos que se transmite de pessoa a pessoa, de grupo a grupo e de uma geração a outra seguindo padrões típicos da reprodução popular do saber: oralmente. No mesmo sentido, Cascudo (1967), coloca folclore como sendo patrimônio milenar e contemporâneo de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Cresce com conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou naturais. Para melhor compreensão do tema, Cascudo (1967) faz um estudo da etimologia da palavra: *folk* significa povo, nação, família, parentalia; *lore* significa instrução, conhecimento, sabedoria, na acepção da consciência individual do saber. Em modos simplistas, tem-se folclore como a sabedoria do povo.

Portanto, é possível compreender a transformação da quadrilha junina de cultura popular a folclore. Após aceita e incorporada no calendário festivo interiorano, a dança foi ganhando significados próprios, inseridos a partir de uma transmissão oral, familiar ou comunitária de saber, tirando de si o peso de um autor, um grupo detentor do costume, passando a ser modificada a partir das realidades locais onde era inserida, se diferenciando de acordo com suas regiões. Todas essas transformações não são rígidas, como aponta Cascudo (1947), quando coloca o folclore como uma cultura viva, natural, que sofre ressignificações e passa por manutenções diariamente, de acordo com as vivências e realidades de quem a pratica.

Ainda sobre os estudos do folclore, Brandão (1982) explana sobre o que alguns chamam comercialização do folclore. Inicialmente, o autor deixa claro a noção de folclore como saberes de uma classe subalterna. Nesse sentido, é discorrido que de maneira frequente, acontece um processo migratório de movimentos folclóricos para as grandes cidades, onde o movimento não tem tanta força e acaba sendo obrigado, para dar continuidade com as atividades, a transformar-se em espetáculo. Dessa forma, grupos populares de produtores da cultura do folclore aprendem a conviver com as divisões sociais e os padrões capitalistas de troca de bens simbólicos.

Sendo assim Brandão (1982) completa: onde há folclore há cultura, onde há cultura há processos sociais de produção e distribuição da cultura, onde há processos sociais colocando em circulação pessoas, grupos, bens, serviços e símbolos, há relação de controle e poder. Essa colocação se faz clara na relação entre os clubes das elites das grandes cidades, a criação da imagem do caipira, funcionando como dispositivo que aponta tudo o que era o oposto do metropolitano, e a quadrilha junina. Entretanto, a antropóloga Luciana Chianca (2020), em sua fala no Encontro de Pesquisadores de Quadrilha e Festa Junina, afirma a quadrilha não como um dispositivo de importação da cultura rural para as grandes cidades, mas de viabilizadora de um projeto de migração e integração através da festa e da dança, visualizando-a como forma de integração, mas também de resistência a uma cultura inteiramente metropolitana.

3.1. O nascimento da quadrilha estilizada

Castro (2012) aponta o período pós-Segunda Guerra, como um importante ponto para compreensão do crescimento dos espaços urbanos, atribuindo esse momento a intensificação do processo de urbanização e industrialização em países periféricos, como o Brasil. Nesse momento, se faz cabível, devido ao crescimento dos grandes centros urbanos, nos atentarmos também ao movimento do Êxodo Rural¹⁷ que, segundo Camarano e Abramovay (1999), entre o período 1960 e 1980, alcançou um total de 27 milhões de pessoas, com seu maior crescimento após a década de 1970, quando 44% da população ainda era rural.

Para Barroso (2019), junto aos processos migratórios, a urbanização das cidades trouxe consigo um deslocamento simbólico das práticas dos seus sujeitos, passando a configurar, sob esse novo cenário, um *habitus*¹⁸ cada vez mais marcado pela hibridação entre os elementos do campo e da cidade. Nesse contexto urbanizado, as festas, para Castro (2012), apresentam uma nova dinâmica no ponto de vista espacial, ampliando-se além das escalas locais e regionais, tendendo a se concentrar nas grandes cidades, mas também no ponto de vista de uma dinâmica simbólica, visto que há uma adaptação ou recriação desses eventos nos espaços urbanos, tendo a espetacularização, mercantilização, turistificação e culturalização como conceitos explicitados e principais agentes de transformações da festa junina no espaço metropolitano.

Com isso, os festejos, antes de cunho comunitário, ampliaram-se e tornaram-se mais complexos. Sob uma perspectiva urbana, Castro (2012) data os anos seguintes a 1970 como os de maiores transformações do movimento festivo junino brasileiro, quando um novo modelo, mais “espetacularizado”, começou a ser desenhado para as festividades pela iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e segmentos dos governos de alguns estados nordestinos. Essas mudanças eram vistas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades, transformando os festejos em festas-espetáculo, que para Farias (2011) são grandes eventos lúdicos, artísticos e musicais que criam novos e poderosos lugares do entretenimento-turismo, envolvendo em sua tessitura diversos agentes econômicos, artísticos, governamentais e extensas redes de consumo.

¹⁷ Migração da população rural para centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

¹⁸ *Habitus* é concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano” (SETTON, 2002, p 60-70)

Acompanhando as transformações das festas comunitárias em festas-espetáculo, as quadrilhas juninas também se incluíram nesse novo formato. Segundo Menezes Neto (2009), investiu-se, ainda na década de 1970, na criação de grandes concursos de quadrilhas, inicialmente, voltados somente para a quadrilha *matuta*. Estes concursos foram se transformando e o modelo reconhecido como tradicional foi perdendo força com a criação, no final da década de 1980, e o advento de um novo estilo de fazer quadrilha junina: o estilizado. Gradativamente, as quadrilhas tradicionais foram deixando de competir, pois, as competições não conseguiram comportar os dois estilos, completamente diferentes, e julgá-los sob o mesmo regulamento. (MENEZES NETO, 2009, p 21).

Para Menezes Neto (2009), as “quadrilhas ditas estilizadas”, divergem da ideia de quadrilha tradicional. Esse estilo é marcado pela descentralização simbólica do ser *matuto*, reformulando, com recusa, a caricatura como forma de representação do universo rural. O estilo não tradicional ganhou muita força nas competições, fazendo com que as quadrilhas tradicionais, ou quadrilhas *matutas*, perdessem forças, vendo-se obrigadas a se adaptarem ao modelo estilizado, ou pararem de competir. Depois de um certo tempo, foram criados festivais¹⁹ específicos para o estilo de quadrilhas *matuta*, como acontece em Natal-RN, de acordo com Chianca (2007).

A forma estilizada de fazer quadrilha é marcada por uma estética muito forte em todos os seus elementos, conforme Menezes Neto (2009, p. 45), “em oposição à simplicidade, explode o luxo, o jocosu deu lugar à padronização, a improvisação esbarra na sincronia”. Para alcançar tais marcas estéticas as quadrilhas passaram por mudanças que influenciaram desde os materiais de construção dos elementos que compõem o espetáculo aos modos de pensá-lo, fazendo com que o movimento tomasse cunho profissional, movimentando grandes equipes compostas por pessoas especializadas em diversas áreas para atuarem na criação e desenvolvimento das apresentações dos grupos, como aponta Silva (2015):

[...] as quadrilhas juninas transformaram-se em verdadeiras empresas, substituindo as roupas remendadas, o jeito *matuto* e desdentado do sertanejo por luxo e beleza, a improvisação por coreografias ensaiadas, tudo isso mobilizando figurinistas, costureiros, coreógrafos, marcadores e músicos do mais alto nível. A quadrilha junina é provavelmente o elemento cultural nordestino que sofreu maior mudança em suas características visuais, físicas e coreográficas. Para suas apresentações nos diferentes “arraiás” durante o mês de junho e início de julho, estes grupos ensaiam exaustivamente, promovem festas para arrecadação de dinheiro, montam seus grupos regionais, que em muitos casos chegam a custar o valor de um carro popular, compostos por: sanfoneiro, zabumbeiro, triangueiro, vocalistas e até mesmo, nos

¹⁹ Termo utilizado pelos praticantes ou admiradores, para denominar os concursos e campeonatos de quadrilhas juninas.

casos mais inusitados, saxofonistas e violinistas. O tecido de chita, composto de algodão e com gravuras grandes e coloridas, foi substituído por outros tecidos de maior durabilidade, deixando assim de fazer parte do tradicional traje *matuto*. Os atuais grupos juninos vivem entre dois mundos em uma adaptação constante. As quadrilhas juninas mantêm páginas nas diversas redes sociais digitais como twitter, facebook e outros como uma forma de divulgar seus trabalhos, temas e destaques o ano inteiro (SILVA, 2015, p. 5-6).

Dentro da ideia de quadrilha estilizada, elementos como o figurino, a dança, a música e o teatro sofreram modificações consideráveis. Em um cenário atual, a festa não acontece mais somente durante o mês de junho, ela se estende ao mês de julho e, em alguns casos, pode acontecer até no começo do mês de agosto. De acordo com Barroso (2019) os festejos passaram a acontecer nos centros urbanos, as periferias se tornaram locais privilegiados de realização dos festivais, geralmente tendo em seu seio algumas problemáticas sociais como a violência urbana, insegurança, falta de estrutura básica, entre outros. As festas que antes aconteciam em escolas, clubes e sítios, passam a acontecer também nos ginásios poliesportivos, praças, ruas e logradouros. A autora aponta ainda os *shoppings Centers* como um movimento crescente para a realização dos eventos juninos.

Os figurinos das quadrilhas estilizadas permaneceram com a estrutura das quadrilhas tradicionais, homens usando calças, camisas e chapéus, e mulheres usando os famosos vestidos rodados, porém, esses elementos foram convertidos em riqueza plástica e um certo luxo, transformando os típicos tecidos xadrez e chitas em trabalhos com aplicações de lantejoulas, pedrarias, paetês, canutilhos, vidrilhos, bordados luxuosos, que se assemelham com roupas do segmento de moda festa. Essas indumentárias são criadas, em alguns casos, por estilistas ou pessoas com *feeling* para costura, são guardadas e escondidas dos outros grupos até dias antes da primeira exibição e apresentadas em eventos privados para o grupo.

A musicalidade, vai para além do trio forrozeiro, sanfona, zabumba e triângulo, dando espaço a outros instrumentos, ritmos e composições próprias, destoando das tradicionais marchinhas de São João (MENEZES NETO, 2009). É feita uma imensa pesquisa de canções, das quais não, necessariamente, precisam pertencer ao ritmo forró, baião ou xaxado. A pesquisa musical, assim como as outras, é realizada a partir do tema selecionado pelo grupo, podendo levar os grupos a investir em composições feitas exclusivamente para o espetáculo. Enquanto a pesquisa está em andamento, as músicas selecionadas são rearranjadas, recriadas, independente do seu ritmo, e colocadas em um ritmo aceito pelo espetáculo.

Na dança, os passos tradicionais são diluídos e personalizados, ganham movimentos com base na sincronia e alinhamento dos dançarinos. Geralmente, o ciclo junino, para os quadrilheiros, inicia-se em janeiro, quando começam os ensaios, fazendo com que essa seja a parte de maior esforço dos brincantes²⁰ de quadrilhas estilizadas, pois os ensaios acontecem, geralmente, semanalmente, e são intensificados quando se aproxima de junho, para minimizar ao máximo os erros durante os festivais. Como são previamente ensaiadas, Menezes Neto (2009), indica que a execução dos passos acontece conforme a música, dependendo cada vez menos dos comandos do *marcador*, que assume um papel de interlocutor do grupo com os jurados e público.

Na teatralidade, por sua vez, em alguns casos, se deixa de ser apresentado apenas o casamento e os grupos se embebedam de críticas sociais e políticas, podendo, a encenação, se estender por todo o período da apresentação. Ao contrário da maneira tradicional, esse não tem mais espaço para improvisação, pois passaram a ser gravados para melhor compreensão do público e do júri. Os ensaios dessa parte dos espetáculos, geralmente acontecem em um período similar ao das coreografias, a partir de janeiro, porém em horários distintos, pois, geralmente, os atores participantes da encenação também são dançarinos.

Todos os elementos componentes de um espetáculo de quadrilha junina estilizada são alinhados com o tema escolhido pela quadrilha, fazendo com que tudo se converse, gire em torno dessa temática, e conte uma história para quem está assistindo. Os temas abordados, geralmente ganham festas de divulgação, usadas para arrecadação de verba, através da venda de ingressos, convertidos para os integrantes, de modo a minimizar seus gastos individuais na construção dos espetáculos. Toda a nova configuração da quadrilha junina é descrita por Mara Alexandre, uma das interlocutoras para realização dessa pesquisa:

O São João hoje, ele vem trazendo uma evolução muito grande, né? Que daqui a dez anos a gente não sabe como ele será. Quando eu comecei era bem diferente o número de pares, os gastos financeiros, né? As roupas, né? A maquiagem que passou por uma evolução muito grande; hoje você precisa pagar um maquiador para poder estar participando das noites de São João. Tudo isso tem a ver com o cenário para fazer um excelente trabalho. Até 2009 nós mesmas fazíamos nossas maquiagens. Então assim, a gente vê uma diferença muito grande. A partir de 2010 de ter um maquiador, a preparação, né? Os vestidos quando eu comecei, as anáguas eram de grude, a gente tinha que colocar elas lá no grude, nós preparávamos aquela goma e tal. Hoje é diferente, é uma anágua de tule. Bem diferente mesmo. Naquela época a gente pagava um ônibus para a gente poder ir para o festival e era todo o grupo junto. Mas aí a gente tinha que fazer pedágio para ajudar a quadrilha, a gente ia para os sinais para poder ajudar a quadrilha. O regional era diferente, não existiam esses instrumentos de percussão, né? Era somente o zabumba, o triângulo e a

²⁰ Nome dado aos participantes de espetáculos de quadrilha junina estilizadas, os dançarinos.

sanfona, na época que eu comecei. O sapato era aquele sapatinho que você comprava em loja, pretinho, fechado, né? Quando não era chinelinho de couro. A única coisa que eu vejo que ainda é utilizado em algumas quadrilhas é o chapéu de palha, mas ainda é bem pouco. Hoje em dia, até as quadrilhas tradicionais tem uma pitadinha do estilizado, sempre tem algo a mais. Houve uma evolução gigantesca em relação ao número de pares. Os festivais também, antes a gente dançava muito em bairros, na rua, em escolas. O número de quadrilhas, de grupos juninos era grande, era muito grupo grande. Eu lembro como hoje, eu dançava na junina puxando fogo, comecei nela, em uma quadrilha infantil. Mas era uma quadrilha que ela tinha tanto a infantil quanto a adulto. Hoje a gente vê pouquíssima quadrilha infantil. Naquela época quando eu competia, já pequeninha, em 1993, era muito bacana a gente ver o número de crianças participando, né? Diversas quadrilhas como a Cumpadre Botelho, a Almeidão, a Santa Terezinha, muita quadrilha, muito mesmo. E hoje eu vejo que poucas quadrilhas existem. As quadrilhas estilizadas foram crescendo, tudo foi aumentando. Temas de quadrilhas que a rainha participa dentro desse tema. Veio essa mudança a partir de 2013. Antes ela era uma simples rainha que não tinha aquele momento diferenciado, sabe? (Mara Alexandre, rainha e coreografa da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

Após divulgados nos eventos, os temas se dissipam em comunicação para as redes sociais, dos quais, na realidade de grandes grupos, contam com perfis com mais de 30 mil seguidores e atuam como monopolizadores dos pódios dos principais festivais do cenário, e tem a sua disposição, equipes responsáveis somente por pelo seu *marketing*. Com toda essa visibilidade e interação *online*, os grandes grupos de quadrilhas estilizadas costumam ter uma torcida sólida composta por admiradores e fãs, colaborando, junto aos concursos, para um ambiente de rivalidade entre si.

Ilustração 03 – Quadrilha estilizada.



Fonte: Arquivo pessoal. (2019)

O surgimento do novo *modus operandi* da quadrilha junina é incerto, o título de inovação é recorrido por muitos grupos, porém sua real identidade se apresenta de maneira difusa. Menezes Neto (2009), em algumas entrevistas, dados do seu campo, são apontadas algumas quadrilhas como as primeiras a se apresentar no “novo estilo” em Recife: a quadrilha Pelo Averso, de 1986, aceita pela maioria dos estudiosos e quadrilheiros, a quadrilha Meu Rico Português, datada em 1974 por um dos entrevistados, dentre outras. Chianca (2007) data as primeiras quadrilhas estilizadas de Natal em meados de 1990. Ainda sobre o surgimento do movimento estilizado de quadrilhas, a autora fala que a real paternidade do movimento não se conhece, porém, é construída a partir de diversos grupos que teriam recorrido de modo pontual e simultâneo a lantejoulas, paetês, novos tecidos, maquiagens, roupas, coreografias e temas inovadores em relação aos abordados nas quadrilhas tradicionais.

A busca pelo renome atribuído a modificação do cenário junino, o reconhecimento como grupo pioneiro, se estende também ao campo desta pesquisa, do qual dois entrevistados, Roberto Severiano e Seixas Soares, colocam a quadrilha Luar do Sertão, de Fortaleza Ceará, como precursora do modelo estilizado da quadrilha junina:

Sua residência era no Pirambú. Era uma quadrilha que tudo o que fazemos hoje, a nível Brasil jorrou dessa quadrilha que se chamava Luar do Sertão. Nos anos 90, 89. Então tudo o que se tem hoje, tudo, tudo o que se tem hoje: casamento teatral, todos os detalhes de um figurino, se dá dessa quadrilha Luar do Sertão. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

Eu costume dizer sempre isso, o São João do Brasil, ele se divide em dois momentos: antes e depois da Luar do Sertão. Por que é que eu falo isso? Até a Luar do Sertão surgir as grandes quadrilhas que naquela época era assim, [...] o traje? O figurino, né? A maioria das quadrilhas, quase cem por cento delas, as meninas com uma “rosazinha” na cabeça, só uma “rosazinha” de plástico, né? Uma coisa mais simples. Um sapatinho baixo e um “vestidozinho” de chitão, né? Pouco se maquiavam, quando muito era uma “pinturazinha”, uma coisa bem básica. E os homens, chapéu de palha, sandália de couro, né? Sandália de couro, calça brim, às vezes listrada, às vezes quadriculada, né? E camisas também de chitão ou xadrez, às vezes para dar um incremento um suspensório. Isso era como se dançava até 1989, 1990. Em 1990 vem a Luar do Sertão, né? [...] Ela trouxe para a quadra, na época que eu lembro, era cetim, era tecidos dessa natureza com brilhos, além do regional próprio, da estrutura no casamento, do cenário, dos personagens interpretando o casamento, as pessoas que faziam parte do casamento não eram brincantes, eram pessoas que eles traziam para dar vida, durante da apresentação da quadrilha essas pessoas também encenam (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

Na realidade junina natalense, seu campo de pesquisa, a antropóloga Luciana Chianca levanta que a quadrilha estilizada ganhou força, principalmente, no cenário competitivo de quadrilhas juninas, e causou muitas polêmicas quando apresentadas ao público:

A partir de sua aparição em grande escala, nos concursos (ou festivais) de quadrilhas, os grupos estilizados causaram muita polêmica por parte de jornalistas, folcloristas, intelectuais e demais autoridades “cultas” da cidade. O debate sobre essa nova expressão da dança atingiu o conjunto da sociedade natalense, provocando discussões acaloradas acerca da legitimidade do emprego dessas novas cores e materiais localmente insólitos, tais como os vidrilhos e tecidos “exóticos”, como o veludo e o cetim. Podemos perceber a amplitude desse mal-estar quando um jornalista publica uma crônica em importante jornal local, em 1996, dizendo que essas danças mais pareciam “russas, ucranianas”. Ele reprovava os dançarinos por quererem parecer o que não são: “já se viu um sertanejo dançar assim?”, interrogava-se. Outro aspecto relevante nesse debate é que nenhuma dessas autoridades desejava distinguir as quadrilhas estilizadas como uma “nova dança”. Sem essa emancipação, elas permaneceram associadas às quadrilhas tradicionais, às quais elas sempre foram comparadas. Sua situação assim é das mais desconfortáveis: enquanto os conservadores a recusam como “degradação da tradição”, os intelectuais de esquerda denunciam sua natureza “massificada”, seus promotores como “cúmplices” e seus praticantes como “vítimas da alienação cultural” que ela representaria (CHIANCA, 2007, p 53).

Este polêmico sentimento de incômodo nas pessoas que buscavam a tradição da dança, causados pelo surgimento da quadrilha estilizada, apontado por Luciana Chianca, também foi sentido pela quadrilha Luar do Sertão nos primeiros anos de atuação no cenário competitivo cearense, como aponta, em entrevista, Roberto Severiano:

No primeiro ano que a Luar do Sertão saiu para disputar com as quadrilhas tidas como referência aqui em Fortaleza, se foram 20 festivais – eu estou só dando um exemplo – ela ganhou os 20. [...] aí o povo ficou revoltado, né? “Como é que pode, uma quadrilha dessas que não é tradicional ganhar tudo?” Aí começou a questão daí. (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

Conforme a realidade de inquietação acerca do “novo” formato da dança, Menezes Neto (2007) discorre sobre a culpabilização dos quadrilheiros, acusados pela descaracterização da manifestação, colocando a legitimidade do novo estilo em xeque, enquanto a forma *matuta* era considerada a “verdadeira” quadrilha, guardiã da tradicionalidade. Diante dessa resistência, Chianca (2007) indica as zonas periféricas como setores de ocupação urbana da população quadrilheira, ou seja, essas pessoas não possuíam privilégios. Por esse motivo, além do desconforto motivado pela posição de protagonismo, pois a “elite pensante” não havia criado essa nova maneira de dançar, ainda se acrescentam elementos de conflitos identitários de bases socioeconômicas.

Mesmo com todos esses conflitos, a quadrilha estilizada conseguiu se consolidar na festa junina. Livres da tradição, investiram na invenção e criatividade, propondo espetáculos originais em cada apresentação. Com essa liberdade assegurada pela independência das amarras tradicionais da dança, os grupos seguiram um ritmo de

transformações, iniciando pela vestimenta, passando pela música, a dança, a parte cênica, até a postura, todas essas, conforme Chianca (2007) suficientemente estáveis que podemos colocar como um estilo próprio de quadrilha contemporânea. Ocupando não mais apenas um lugar folclórico, mas compondo uma manifestação também política, conforme Hayeska Barroso (2020), Luciana Chianca (2006) e Hugo Menezes Neto (2020).

Com a expansão e renovação das quadrilhas juninas ao longo do tempo, vários fatores sociais, econômicos e culturais influenciaram e modificaram de modo organizacional, social e esteticamente, o movimento. Junto a essas modificações, pensamentos como o de Gomes (2011) fazem-se presentes, que destaca as festas juninas como “espetacularizadas”, pois acompanham os avanços e exigências da pós-modernidade, incorporando novas dinâmicas e novos símbolos, que vão se fazendo presentes nos festivais juninos e dando-lhes um toque de modernidade com elementos da cultura popular que aparecem como símbolo das tradições, ligando o antigo ao novo.

Hoje, na região Nordeste do Brasil, as quadrilhas juninas são consideradas as estrelas dos festejos de São João, as pessoas se aglomeram nos grandes e pequenos festivais para apreciar os espetáculos apresentados. É o momento de redescobrir o passado e, segundo Albuquerque Junior (1999), reviver e retratar um lugar fantasioso que não existe mais, “uma fábula espacial”, como forma de reviver este passado e de também o colocar como elemento do futuro dentro de novas reconfigurações realizadas pelos grupos juninos. Assim, as quadrilhas juninas mantêm as tradições do homem do campo, atribuindo aos seus espetáculos, elementos que acompanham os avanços tecnológicos, unindo o tradicional ao moderno, adequando a realidade, renovando e mantendo as tradições.

A quadrilha, portanto, conforme a fala de Chianca (2020) no Encontro Nacional de Pesquisadores de Quadrilha e Festas Juninas, se configura como a dança que mais se atualiza, se reinventa, por isso está sempre presente nas festas juninas e mobiliza tantos jovens, pois ela tem essa capacidade de abertura ética e estética nessa reapropriação contemporânea pelos jovens das cidades brasileiras. Sendo assim, as temáticas apresentadas pelas quadrilhas juninas nos próximos anos serão de vivência cotidianas das pessoas que estão presentes nesse meio. Portanto, as quadrilhas juninas, para autora, funcionam como uma prova da capacidade de reinvenção e recriação da nossa cultura, configurando o que Barroso (2019, p 40) conclui sobre a dança: “a manifestação junina não se trata de um campo estático e/ou harmônico, mas marcado pelo seu caráter mutável”.

4. MOLDES OU ADAPTAÇÕES – OS FESTIVAIS DE QUADRILHAS JUNINAS E AS FEDERAÇÕES

A partir do movimento de espetacularização, apontado por Gomes (2011), e da criação da realidade competitiva, pontuado por Menezes Neto (2009), a apresentação junina se expressa para além da representação cultural, passando a performar também como mercadoria das grandes festas-espetáculos. Os concursos, ligados em sua maioria às quadrilhas estilizadas, representam a ascensão de uma sociedade pautada no espetáculo, que, de acordo com Debord (1997), tem suas formas e conteúdo como fundamento das condições e das finalidades de um sistema existente; da afirmação de uma escolha já feita – o consumo. O filósofo pontua, ainda, que no princípio de desenvolvimento da cultura em uma sociedade, é cravada uma luta cultural entre a tradição e a inovação, porém, visando a continuidade da evolução, a inovação precisa ser aceita.

No contexto junino, a cultura da quadrilha se adapta às duas realidades levantadas pelas teses de Guy Debord citadas anteriormente. A espetacularização da dança segue o movimento capitalista de ascensão das grandes metrópoles, quando se criam os festivais e campeonatos de quadrilha, logo após surge um modelo espetacularizado – vigente até os dias de hoje – acompanhando também a evolução da festa que deixa de ser apenas cultural e ganha cunho político. Trigo (1993) destaca que diversos campos sociais passaram a fazer parte de uma sociedade extremamente ativa, questionada, mutável e multifacetada, uma sociedade inserida em um contexto de rapidez de informações, que busca, em vários aspectos, inovação constante.

Motivados pela resistência de aceitação da inovação da dança, alguns brincantes, os mais antigos, associam as mudanças de estilo às exigências dos festivais de quadrilhas juninas. Estas competições, desde sua criação, seguem parâmetros de julgamento para definir os grupos de destaque, dentre todos apresentados, e o vencedor. Quando se iniciou a cultura dos festivais, os métodos avaliativos não seguiam padrões confiáveis de julgamento, as notas eram pontuadas sem base teórica, como apontam as entrevistas realizadas com Aterlane Martins, atuante como jurado junino desde 1998, e Carlos Alves, um dos fundadores do grupo Luar do Sertão:

Antes da década de 1990, os quesitos eram pontuados com base no saber próprio, os jurados eram tidos como “autoridades”. Mas na verdade muitos eram pessoas sem qualidade técnica, eram amigos dos “donos de festival”, patrocinadores, familiares,

etc. (Aterlane Martins, 53 anos, jurado junino. Entrevistado em 12 de março de 2021).

O julgamento era uma coisa muito restrita a determinadas pessoas, né? Eram tidas como os bambambãs, os mais entendedores da cultura junina do Ceará, né? As planilhas não eram essa coisa como é de hoje, não existia essa preocupação de as pessoas terem acesso, as pessoas depois de uma apresentação saber o que realmente acontecia, né? [...] a forma de julgamento, só eles sabiam o que estavam julgando e a gente não tinha muito acesso às planilhas. (Carlos Alves, 61 anos, um dos fundadores da quadrilha Luar do Sertão. Entrevistado em 12 de março de 2021).

Os quesitos julgados nesse momento, segundo o entrevistado Roberto Severiano, eram: originalidade, tradicionalidade, figurino e animação. Segundo o presidente da quadrilha Ceará Junino, os grupos criavam seus espetáculos com base nesse formato de avaliação vigente, trazendo sempre a mesma estética *matuta* e tradicional; até o nascimento do grupo Luar do Sertão, que ressignificou o quesito tradicionalidade, trazendo para uma configuração moderna, voltadas às origens palaciana da dança, mas acrescentada de outros elementos de estilização:

[...] Que é que aconteceu? Quando a Luar do Sertão veio no primeiro ano, ela trouxe um regional próprio, que raramente se via em quadrilha, porque era o pessoal que dançava com fita naquela época, né? Regional próprio, casamento com produção e atores de teatro, trouxe um figurino totalmente diferenciado. O que foi que a Luar do Sertão pensou? [...] quando ela veio para quadra, o que imperava naquela época, tinha no quesito de julgamento a questão de originalidade, tradicionalidade, figurino, animação, e existia uma briga muito grande entre as quadrilhas no que se tratava dessa questão da originalidade. Originalidade vem da palavra origem, né? [...] Se é pra buscar na origem, tem o termo originalidade, então a origem dela é lá na Europa. (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

A fim de organizar e apoiar o cenário competitivo de quadrilhas juninas, em 1990 surge a primeira associação junina, formada a partir da organização de uma sociedade civil, a Federação das Quadrilhas Juninas do Estado do Ceará (FEQUAJUCE). Para Cavalcante Neto (2020) com a criação da federação, o estado do Ceará passa a ter uma importância fundamental no que diz respeito às entidades juninas brasileiras, pois passa a sediar a primeira em âmbito nacional. Após a iniciativa dada pelo estado, com a criação da FEQUAJUCE, surgiu posteriormente a entidade do estado de Sergipe, a FEQUAJUSE, a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ), a nível nacional, entre outras.

Cavalcante Neto (2020) afirma que a Federação das quadrilhas juninas do Ceará nasceu a partir de três personalidades do meio junino fortalezense naquela época: Maria dos Prazeres, presidenta da quadrilha Cumade Maria; Nazareno Barros, presidente da quadrilha Arraiá do Tyrol; e Senhor Jackson, diretor da Escola Técnica Profissionalizante de Fortaleza.

A necessidade da criação da federação se deu a partir da percepção do grande crescente em números de grupos na cidade de Fortaleza e a ânsia de obter recursos públicos por parte do Governo Estadual e da Prefeitura da cidade para viabilização da criação dos espetáculos. Além de filiar, organizar e articular os grupos juninos, a entidade também passou a ser responsável por organizar festivais e competições, dos quais as bancas de júri passaram a ser compostas por jurados também filiados a instituição.

O entrevistado Aterlane Martins (2021), aponta que já na década de 1990, mesmo com a criação federativa junina, ainda não havia formação para julgadores, o que se tinha era a promoção de palestras em suas assembleias, das quais, segundo o entrevistado, “havia muito debate e briga”. No final da década, os quesitos de julgamento já haviam passado por algumas modificações, antes divididos entre originalidade, tradicionalidade, figurino e animação; nesse momento passando a ser julgados quesitos: indumentária, coreografia, conjunto, casamento, rainha e marcador. As notas para esses itens passam a ser compostas a partir da soma da pontuação atribuída a um conjunto de sub quesitos, conforme mostra a imagem 04.

Ilustração 04 – Planilha de julgamento datada de 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA
FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA
XXVI FESTIVAL DE QUADRILHAS JUNINAS
FOLHA DE VOTAÇÃO

Quadrilha : Fulô do Sertão (Senador Pompeu) Categoria : adulto
Jurado : _____ Data : 13/06/99 Dia : Domingo

INDUMENTÁRIA	Bom Gosto (2p)	Adequação (3p)	Harmonia de cores (3p)	Conjunto (2p)	Sub-Total
	1,5	3,0	1,0	1,5	5,0 (cinco)
COREOGRAFIA	Ritmo (2p)	Coordenação (3p)	Evolução Coreo. (2p)	Passos Tradic. (3p)	Sub-Total
	2,0	2,0	2,0	2,0	8,0 (oito)
CONJUNTO	Beleza (2p)	Animação (3p)	Jocosidade (3p)	Evolução (2p)	Sub-Total
	2,0	2,0	2,0	2,0	8,0 (oito)
Total de pontos obtidos →					21,0 (vinte e um)
Casamento Matuto:					
Indumentaria (2p)	Marcação (2p)	Voz (2p)	Texto (2p)	Interpretação (2p)	Total de pontos
1,0	2,0	2,0	2,0	3,0	8,0 (oito)
Rainha ou Princesa :					
Indumentária (2p)	Beleza (2p)	Jocosidade (2p)	Simpatia (2p)	Destacado (2p)	Total de pontos
1,0	0,50	1,0	1,5	1,0	5,0 (cinco)
Marcador :					
Indumentária (2p)	Ritmo (3p)	Liderança (3p)	Voz (2p)		Total de pontos
0,5	3,5	3,0	2,0		9,0 (nove)

Ass. Jurado _____ Coordenador da Mesa de Jurados _____

Fonte: Acervo da quadrilha Fulô do Sertão de Senador Pompeu²¹. (2021)

A partir dos anos 2000 surgiram, promovidos pela FEQUAJUCE, cursos de formação mais consistentes, seguindo o modelo de seminários. Segundo Aterlane Martins,

²¹ Imagem fornecida por Glauber Matos. Como solicitado, foram ocultados os dados dos jurados responsáveis.

esses eventos formativos duravam dois ou três dias e eram compostos por palestras e mesas redondas ministradas por professores universitários, profissionais de diversas áreas do movimento junino: teatro, dança, música e visualidades. As pautas desses seminários de formação tinham como base os temas da quadrilha junina e a própria planilha de votação. A partir dos anos 2000, outros quesitos foram incorporados ao material de julgamento das quadrilhas juninas, como possível observar na ilustração 05.

Ilustração 05 – Planilha de julgamento datada de 2002.

UNIÃO JUNINA – CNPJ: 04.471.928/0001-05
Rua Barão do Rio Branco, 1071 - Edifício Lobrás – 11o. Andar - Sala 1124 Centro
CEP: 60.025-061 - Fortaleza-Ce - Fone/Fax: (085)253-0374/9151-4848
Site: www.uniaojunina.hpg.com.br - e-mail: uniaojunina@bol.com.br

RECAMONDE
calçados
Fone: 385.2155

FESTIVAL: 10 Festival Fulo do Sertão
RESPONSÁVEL: Glauber Matos JURADO: _____
QUADRILHA: Milho Verde HORA APRESENTAÇÃO: _____
CATEGORIA: Adulto DATA 30 / 06 / 2002

QUADRILHA	CASAMENTO	NOIVA	NOIVO	MARCADOR	RAINHA
COREOGRAFIA 7,5	TEXTO 6,0	DESENVOLTURA 7,0	DESENVOLTURA 7,0	LIDERANÇA 8,0	DESENVOLTURA 7,0
INDUMENTÁRIA 7,5	INTERPRETAÇÃO 7,0	INTERPRETAÇÃO 7,0	INTERPRETAÇÃO 6,0	DESENVOLTURA 8,0	SIMPATIA/BELEZA 7,0
HARMONIA 7,5	MARCAÇÃO 7,0	ANIMAÇÃO 7,5	ANIMAÇÃO 7,5	ANIMAÇÃO 8,0	ANIMAÇÃO 7,5
EVOLUÇÃO/RITMO 8,0	TRADIÇÃO 7,0	HARMONIA 7,0	HARMONIA 7,0	HARMONIA 7,5	HARMONIA 7,0
ANIMAÇÃO 7,5	INDUMENTÁRIA 7,0	INDUMENTÁRIA 7,0	INDUMENTÁRIA 7,0	INDUMENTÁRIA 7,5	INDUMENTÁRIA 7,0
TOTAL 38,0	TOTAL 34,0	TOTAL 35,5	TOTAL 34,5	TOTAL 39,0	TOTAL 35,5

OBS.: DEVERÃO SER ATRIBUÍDAS NOTAS NUMA ESCALA DE 05 (CINCO) A 10 (DEZ) PONTOS, SENDO PERMITIDO NOTAS FRACIONADAS EM 0,5 (MEIO PONTO). NÃO SERÃO PERMITIDAS RASURAS, CORREÇÕES E/OU EMENDAS.

RESPONSÁVEL PELO FESTIVAL _____ PRESIDENTE DE MESA _____ JURADO(A) _____

Fonte: Acervo da quadrilha Fulo do Sertão de Senador Pompeu²². (2021)

No estado do Ceará surge outra federação em 2010, a Federação dos Eventos Juninos e Culturais do Estado do Ceará (FEJUC). A instituição tem como fundador Aldenor Holanda, conhecido pelo Festival de Quadrilhas do Conjunto Ceará, acontecido no bairro que leva o nome do festival, Conjunto Ceará, em Fortaleza, e por passar 12 anos a frente da FEQUAJUCE, no cargo de presidente. A federação é voltada a organização e filiação de eventos juninos, com suas funções voltadas ao apoio e representação de promotores e organizadores de eventos juninos. Suas ações partem de parcerias com prefeituras, tanto da capital cearense, quanto do interior do estado, atuando como promotora de seminários e eventos culturais.

²² Imagem fornecida por Glauber Matos. Como solicitado, foram ocultados os dados dos jurados responsáveis.

A criação de mais uma federação, agora voltada aos eventos, aponta um crescimento e especialização do movimento, identificado no amparo institucional e intelectual, através dos seminários de formação, aos componentes da festa junina: quadrilhas, eventos e jurados. Durante a entrevista realizada com Aterlane Martins, o professor e jurado junino aponta que a partir de 2012 a Secretaria de Cultura, tanto do estado (SECULT), quanto do município (SECULTFOR) passam a atuar como agentes públicos, aplicando o que Barroso (2019) aponta como a política dos editais. Dessa forma, se torna efetiva as formações anuais para jurados, assim como o apoio financeiro aos grupos e festivais juninos.

Os modelos de formação e seleção de jurados, segundo Aterlane Martins, seguem uma performance que visa práticas de exercícios de simulação de análise de julgamentos com base nas palestras ofertadas no período formativo. Cada instituição escolhe o tema que acha mais cabível ao momento, bem como o processo de seleção de jurados e alocação de jurados para as mesas julgadoras, que se são independentemente escolhidos. Na entrevista, Aterlane cita também a existência de um perfil básico de jurados, que exige uma qualidade técnica em algumas áreas: conhecimento de informática, sobretudo para presidentes de mesa; escolaridade, da qual se exige no mínimo o ensino médio; e experiência no meio cultural comprovada. A seleção de jurados, acontece através de prova escrita, em que se deve obter a nota mínima de sete pontos.

Com base no Manual do Jurado²³, idealizado pela FEQUAJUCE para o Festival Ceará Junino de 2013, fomentado pela SECULT, percebe-se uma organização e profissionalização do jurado junino, refletido pelo crescimento do movimento junino, seguindo um modelo de edital para seleção das bancas julgadoras dos festivais. Uma série de regras são pontuadas para a escolha dos julgadores, tais como: idade mínima de 21 anos, conclusão do ensino médio, experiência comprovada na área cultural, participação do Seminário de Formação de Jurados referente ao ano vigente e aprovação no processo como um todo. Todos esses pré-requisitos, para novos jurados, necessitam ser comprovados a partir da apresentação dos documentos, currículo digital e uma ficha de inscrição. Os candidatos aprovados em anos anteriores, necessitam apresentar somente o formulário de inscrição e comprovante residencial.

Após selecionados, os aprovados recebem o material para realização da avaliação das quadrilhas em festivais competitivos. Os materiais são o manual do jurado, caneta, camisa

²³ Material disponibilizado por Aterlane Martins. O jurado foi um dos responsáveis pela elaboração dos textos apresentados no manual. O Manual se encontrará disponível como anexo ao final do trabalho.

do evento e credencial. Além desses os jurados aprovados recebem remuneração de 100 reais, referente a diárias de trabalho, que podem ser no interior do estado ou na capital. Em todos os eventos, o grupo de júri presente recebe alimentação, que se adequa às necessidades do festival – café da manhã, almoço, jantar e lanches nos intervalos das apresentações – durante todos os dias de prática das funções previamente acordadas. É viabilizado também o transporte referente ao período trabalhado e, em caso de longo deslocamento, é disponibilizado hospedagem pelo promotor do evento.

Algumas regras de condutas são levantadas no corpo do texto do manual, tais como a obrigatoriedade da participação integral do processo de formação; o cumprimento dos horários previamente acordados, sujeito a aviso prévio em caso de impossibilidade justificada; o uso obrigatório e exclusivo do uniforme do evento; a obrigatoriedade da permanência nos lugares anteriormente decididos, durante todo o período de apresentação da quadrilha julgada; a proibição do uso de aparelhos eletrônicos de comunicação, assim como livros, revistas, jornais sobre a mesa de julgamento; não é permitido também o consumo de alimentos ou bebidas alcoólicas, e não alcoólicas, exceto água, durante o exercício das funções; os jurados não podem se comunicar de forma contínua durante a apresentação da quadrilha julgada, a não ser em caso de extrema importância; por fim, os jurados devem ser imparciais com os grupos e espetáculos apresentados.

O julgamento dos grupos apresentados deve ser feito de forma objetiva, com base em aspectos técnicos, a partir do preenchimento da Planilha de Votação com notas de 07 a 10, podendo essas serem fracionadas em décimos. Todas as notas abaixo de 08 devem ser justificadas através de textos de fácil entendimento, com base nas teorias conhecidas, em espaços específicos na planilha de votação. No manual é cobrado uma postura ética profissional por parte dos julgadores a partir das ligações afetivas com os grupos apresentados e condutas desrespeitosas com participantes em todos os âmbitos do evento.


Sobre o processo avaliativo, considerando o ano de 2013, data referente ao material recorrido, os quesitos de julgamento são: quadrilha, subjugada em coreografia, evolução, harmonia, animação e casamento; marcador, levando em consideração a desenvoltura, liderança, animação e figurino; rainha ou princesa, avaliadas a partir de animação, desenvoltura e figurino; noiva e noivo, avaliados pelos quesitos desenvoltura, interpretação, animação e figurino; e, por fim, repertório musical, considerando as letras abordadas pelo grupo, ritmo, e a relação do repertório com o tema e com os festejos juninos.

O manual traz ainda, um apanhado geral sobre os critérios de julgamentos, que se dividem entre quesitos da quadrilha e quesitos individuais. Sobre a coreografia, discorre-se que essa é o conjunto de movimentos sequenciados de uma dança, no caso da quadrilha, seguindo uma trilha musical. A pontuação desse quesito segue uma regra específica em relação aos passos tradicionais de quadrilha junina, por mais que sejam apresentados sob uma visão estilizada, se faz necessário a apresentação mínima, nesse caso, de 08 passos listados em uma relação presente na planilha de votação. A respeito do quesito evolução, se considera a harmonização das sequências de movimentos apresentados condicionando os conjuntos de movimentos futuros aos anteriores, levando em consideração o todo.

O quesito harmonia pontuado na planilha de votação, diz respeito à disposição e combinação bem ordenada entre partes de um todo. A animação é avaliada pela ótica de movimentos entusiasmados, alegre, vivaz, despertando a empolgação, a participação do público, esperando uma entrega notória dos participantes. No sub quesito figurino, é considerado o conjunto de vestuário e acessórios, que devem ser resultado de uma pesquisa e criatividade, obrigatoriamente ligado a cultura junina. Sobre o casamento, o manual o aponta somente como a representação cênica da celebração do matrimônio, no contexto tradicional da cultura junina.

No que diz respeito a desenvoltura, é colocado que essa é a representação desenvolvida com desembaraço, de forma desinibida e espontânea. A liderança é levantada a partir da condição de dirigir a apresentação, de formar dinâmica, com base na competência e autoridade. A interpretação é avaliada sob a representação contextualizada, considerada a atuação individual e a cumplicidade entre o casal durante toda a apresentação, não somente durante o casamento. As letras das músicas dizem respeito a composição escrita expressa de forma musical, podendo ser cantada ou recitada. O ritmo é medido pela sincronia de sons no tempo musical. Por fim, o Manual do Jurado discorre sobre a relação com o tema e a cultura junina, apontando que esse deve ser uma expressão de afinidade com a temática e a cultura.

Ilustração 06 – Planilha de julgamento datada de 2013.



FEQUAJUCE
FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS
JUNINAS DO CEARÁ

R. Guilherme Rocha, 218 | 5º andar | Sala 504 | Ed. Jacy
CNPJ: 09.697.795/0001-35 | CEP: 60.030-140 | Centro - Fortaleza - Ceará
Fone: (85) 3253.1436 | 8852.6552 | 9702.5858 | www.fequajuce.com.br | contato@fequajuce.com.br

PLANILHA DE VOTAÇÃO

Facebook: fequajuce quadrilha | Twitter: @fequajuce | Instagram: fequajuceoficial

DADOS GERAIS

NOME DO FESTIVAL		RESPONSÁVEL	
NOME DA QUADRILHA		COD. QUADRILHA	____/____/____
CIDADE DA QUADRILHA		CATEGORIA DA QUADRILHA <input type="checkbox"/> INFANTIL <input type="checkbox"/> ADULTO	COD. JURADO
HORA ENTRADA	HORA SAÍDA	TEMPO APRESENTAÇÃO	JURADO

QESITOS

QUADRILHA	MARCADOR	RAINHA/PRINCESA	NOIVO	NOIVA	REPERTÓRIO MUSICAL
COREOGRAFIA	DESENVOLTURA	ANIMAÇÃO	DESENVOLTURA	DESENVOLTURA	LETRA
EVOLUÇÃO	LIDERANÇA	DESENVOLTURA	INTERPRETAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	RITMO
HARMONIA	ANIMAÇÃO	FIGURINO	ANIMAÇÃO	ANIMAÇÃO	RELATIVIDADE COM O TEMA E FESTEJO JUNINO
ANIMAÇÃO	FIGURINO		FIGURINO	FIGURINO	
FIGURINO					
CASAMENTO					
TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL

ANARRIÊ
 ANAVANTU
 BALANÇÉ
 BEIJA-FLOR
 BUQUÊ DE FLORES
 CAMINHO DA ROÇA

CARACOL
 CATAVENTO
 CAVALINHO
 CINTURINHA
 CRUZ DE MALTA
 CUMPRIMENTO

GANCHO
 GRANDE RODA
 JABACULÉ
 MONTANHA RUSSA
 PARAFUSO
 PASSEIO DE NAMORADOS

PEÃO / CARRAPETA
 PERI / CONTRA
 RODA GIGANTE / ESPALHA BRASA
 RONDINHA DE QUADRO (lacinho do amor e espanhola)
 SERROTE
 SOMBRINHA

TÚNEL
 TRACILHUN
 X

Notas de 5 a 10, podendo atribuir notas fracionadas em casas decimais exemplo: 5,1 - 7,7 - 9,8; Proibido o consumo de bebidas alcoólicas durante o julgamento;
A apresentação da quadrilha é no máximo 35 minutos com tolerância de 1 minuto; Serão eliminadas a maior e menor nota por sub-questão, restando apenas 3 notas medianas
Em caso de dúvidas, consultar regulamento único dos festivais 2011.

COMENTÁRIOS:

Jurado

Presidente de Mesa

Coordenador do Evento

Via Bianca-Quadrilha Junina / Via Amarela: Fequajuce / Via Rosa: Festival.

Fonte: acervo pessoal de Aterlane Martins (2021).

No ano de 2014 o cenário junino cearense ganhou mais uma federação, a União Junina do Ceará. A organização surgiu com o intuito de unificar todos os seguimentos do movimento junino para além das quadrilhas, festivais e jurados, se atendo também aos outros profissionais atuantes do meio, como os músicos, aderecistas, figurinistas, bordadores, cenógrafos, entre outros. A União Junina do Ceará teve Francisco José Leite, conhecido como Kiko Sampaio, como primeiro presidente, contando com um time gestor cheio de personalidades do meio junino. Assim como o primeiro presidente da FEJUC, Francisco José também atuou como diretor da FEQUAJUCE, levando toda sua experiência para recém nascida.

Vale ressaltar que além dessas já citadas, há também outras federações menores surgidas posteriormente, como a Liga de Quadrilhas de Fortaleza (LIQUAFOR) e Movimento Junino do Interior (MOJUNI). Cavalcante Neto (2020), destaca a boa relação da União Junina do Ceará com outras federações do estado, como a FEJUC e a MOJUNI, além de pontuar a liberdade de filiação garantida pelo regulamento da União Junina do Ceará, que permite a mesma quadrilha se filiar a duas instituições, ao contrário do regulamento da FEQUAJUCE. Esta determinação da primeira federação brasileira, assim como a proibição de seus filiados participarem de concursos produzidos por outras entidades, ou quadrilhas filiadas em outras instituições participarem dos seus festivais, gera grande discursão no meio junino, pois os principais eventos nacionais estão ligados tanto a FEQUAJUCE, no caso do Nordestão de quadrilhas e o Nacional de Quadrilhas Juninas, quanto a União Junina no caso do Festival Globo Nordeste.

O crescimento político, em conjunto com a profissionalização do movimento em sua totalidade, refletiu, principalmente, nos grupos de quadrilha. Sob uma pressão própria de inovação, embebecidos pelo sentimento da novidade, os espetáculos juninos se tornaram cada vez mais grandiosos, ao mesmo tempo, mais efêmeros – pouco se encerra um ciclo, já se inicia o próximo. Com narrativas cada vez mais amarradas, o tema se consagra como o quesito mais importante dos espetáculos apresentados e começa a aparecer nas planilhas de votação, se adaptando ao movimento e seguindo as mudanças da cultura da dança, conforme aponta Carlos Alves na entrevista concedida dia no dia 12 de março de 2021, quando fala que as planilhas, assim como os organizadores de festivais, tiveram que se adaptar, passando por modificações, por conta do crescimento dos grupos e as propostas de temáticas apresentadas.

Ilustração 07 – Planilha de julgamento datada de 2017.

UNIÃO JUNINA DO CEARÁ **PLANILHA DE VOTAÇÃO**

Rua do Rosário, 77 | 10º andar | Sala 1001 | Edifício Vital Rolin
 CNPJ: 20.185.152/0001-77 | CEP: 60055-090 | Centro - Fortaleza - Ceará
 Fone: (85) 3231.1270 | (85) 3742.0231 | (85) 9823.6000
 www.uniaojuninadoceara.com.br | contato@uniaojuninadoceara.com.br

DADOS GERAIS

NOME DO FESTIVAL: *São João de Maracanaú 2017* RESPONSÁVEL: _____
 NOME DA QUADRILHA: *Quadrilha* CÓD. QUADRILHA: *10,06,17*
 CIDADE DA QUADRILHA: *Maracanaú do Norte* CATEGORIA DA QUADRILHA: INFANTIL ADULTO Cód. JURADO: _____
 HORA ENTRADA: *22:57* HORA SAÍDA: *11:30* TEMPO APRESENTAÇÃO: *33:22* JURADO: _____

QESITOS

QUADRILHA		MARCADOR	RAINHA/PRINCESA	CASAL DE NOIVOS	REPERTÓRIO MUSICAL
COREOGRAFIA	<i>20,0</i>	DESENVOLTURA	<i>9,8</i>	ANIMAÇÃO	<i>10,0</i>
FIGURINO	<i>9,6</i>	LIDERANÇA	<i>10,0</i>	DESENVOLTURA	<i>9,8</i>
EVOLUÇÃO	<i>9,8</i>	ANIMAÇÃO	<i>10,0</i>	FIGURINO	<i>9,7</i>
CASAMENTO	<i>9,6</i>	FIGURINO	<i>9,6</i>	DESENVOLTURA	<i>10,0</i>
HARMONIA	<i>9,8</i>			INTERPRETAÇÃO	<i>9,9</i>
TEMA	<i>9,5</i>			ANIMAÇÃO	<i>10,0</i>
ANIMAÇÃO	<i>10,0</i>			FIGURINO	<i>9,9</i>
				LETRA	<i>10,0</i>
				RITMO	<i>10,0</i>
				RELAÇÃO COM O TEMA, E FESTEJO JUNINO	<i>9,9</i>

ANARRIÉ CARACOL GANCHO PEÃO / CARRAPETA TUNEL
 ANAVANTU CATAVENTO GRANDE RODA PERI / CONTRA TRANCILIN
 BALANÇÉ CAVALINHO JABACULÉ RODA GIGANTE / ESPALHA BRASA X
 BEIJA-FLOR CINTURINHA MONTANHA RUSSA RONDINHA DE QUADRO (facinho do amor e espanhola)
 BUQUÊ DE FLORES CRUZ DE MALTA PARAFUSO SERROTE
 CAMINHO DA ROÇA CUMPRIMENTO PASSEIO DE NAMORADOS SOMBRINHA

Notas de 8 a 10, podendo atribuir notas fracionadas em casas decimais exemplo; 8,1 - 8,7 - 9,8; Proibido o consumo de bebidas alcoólicas durante o julgamento;
 A apresentação da quadrilha é no máximo 35 minutos com tolerância de 1 minuto; Serão eliminadas a maior e menor nota por sub-questo, restando apenas 3 notas medianas
 Em caso de dúvidas, consultar regulamento único dos festivais 2015.

COMENTÁRIOS:

Jurado: _____

Fonte: acervo pessoal de Aterlane Martins (2021).

Sob uma perspectiva da quadrilha, assim como o Manual do Jurado, são elaborados e disponibilizados regulamentos de festivais²⁴. Nestes documentos são reafirmadas as questões de filiação, pagamento de taxas referente a permanência como filiado e regras da federação, que nesse caso se trata da FEQUAJUCE. Sobre os festivais, o documento explana os deveres dos promotores, que vão desde a elaboração do projeto do evento; infraestrutura,

²⁴ Material disponibilizado pela diretoria da quadrilha Ceará Junino. O regulamento elaborado pela FEQUAJUCE, referente ao ano de 2019, será disponibilizado na íntegra como anexo desse trabalho.

principalmente em relação ao som; a segurança dos grupos que se apresentarão, dos jurados e do público; os horários do evento, determinados conforme as regulamentações da prefeitura, em caso de eventos realizados em ruas ou dispositivos públicos; e a realização do sorteio da ordem de apresentação de forma clara e objetiva.

O regulamento informa sobre o tempo de utilização do local de apresentação, que totaliza 50 minutos divididos em três etapas: 10 minutos para produção da área de apresentação; 35 minutos com tolerância de 01 minuto extra para apresentação; e 05 minutos para desmontagem e retirada de todos os elementos do espetáculo do espaço, inclusive os próprios brincantes. Os grupos que descumprem o tempo previsto no regulamento são penalizados com 01 ponto por cada minuto ou fração de minuto ultrapassado. Caso a quadrilha atrase para a apresentação, fica a critério do produtor do evento a realocação desse grupo para o final do evento, considerando os horários marcados com os outros grupos que, geralmente, se apresentam mais de uma vez por noite.


Para assegurar a integridade da competição, os jurados não podem ter vínculos parentais ou afetivo com nenhum grupo junino. No caso de parentes, proíbe-se que os jurados tenham até o terceiro grau de parentesco com brincantes, diretores, ex-brincantes ou profissionais ligados aos grupos. No que diz respeito a vínculo afetivo, o jurado precisa estar desligado há mais de três anos de qualquer quadrilha junina. Alguns itens são apontados como deveres estruturais dos grupos apresentados, tais como a presença dos destaques, rainha ou princesa, casal de noivos e marcador; e a obrigatoriedade de 12 passos tradicionais – regra presente no documento atualizado – apresentados em uma lista na planilha de votação. São julgados são realizados a partir dos quesitos: quadrilha, casal de noivos, marcador, rainha ou princesa e tema.

Esses quesitos, assim como apresentado anteriormente, são formados a partir de sub quesitos: coreografia, evolução, harmonia, animação, figurino, casamento, repertório, desenvoltura, interpretação, jocosidade, integração com o grupo, liderança, criatividade, pesquisa, desenvolvimento e adaptação aos festejos juninos. Em relação aos sub quesitos referentes ao ano de 2013, apresentados junto ao Manual do Jurado, é feita uma breve explicação sobre os aspectos de julgamento para cada um deles, porém, alguns outros requisitos foram acrescentados futuramente, conforme o regulamento abordado.

Dentre estes está o repertório, que faz uma relação entre o ritmo e a letra, mas agora voltada a uma visão geral tendo o tema como pontapé principal para análise do quesito. O sub quesito jocosidade, muito utilizado até a década de 2000, volta a planilha de

Julgamento, visto como a forma graciosa e cômica que se apresentam os personagens juninos. Com o crescimento da elaboração de temáticas cada vez mais complexos, o tema virou quesito avaliativo e ganhou seus sub quesitos: a criatividade, que diz respeito a inteligência e talento criativo, inovador e inventivo desse tema, frisando sempre o contexto junino; a pesquisa, vista como um conjunto de atividades fundamentadas em determinado assunto, novos conhecimentos perceptíveis nas apresentações; e o desenvolvimento, a forma que esse tema foi desenvolvido, a habilidade de transmissão dessa temática.

Ilustração 08 – Planilha de julgamento datada de 2018.



FEQUAJUCE
FEDERAÇÃO DOS QUADRILHEIROS
JUNINOS DO CEARÁ

R. Guilherme Rocha, 218 - 9º andar - Sala 907
Ed. Jacy Metrópole - Centro - Fortaleza - CE
CEP. 60.030-140 - CNPJ. 69.697.795/0001-35
Fone: 85 98704.5222 / 85 99815.7095
fequajucegestao@gmail.com

PLANILHA DE AVALIAÇÃO 2018									
FESTIVAL					RESPONSÁVEL				
NOME DA QUADRILHA					CATEGORIA			DATA	
CIDADE DA QUADRILHA					AVALIADOR				
HORA DE ENTRADA		HORA DE SAÍDA		PRODUÇÃO		APRESENTAÇÃO		DESMONTAGEM	
QUESITOS									
QUADRILHA		NOIVOS		MARCADOR		RAINHA / PRINCESA		TEMA	
COREOGRAFIA		DESENVOLTURA		LIDERANÇA		DESENVOLTURA		CRIATIVIDADE	
EVOLUÇÃO		INTERPRETAÇÃO		DESENVOLTURA		ANIMAÇÃO		PESQUISA	
HARMONIA		ANIMAÇÃO		ANIMAÇÃO		FIGURINO		DESENVOLTURA	
ANIMAÇÃO		FIGURINO		FIGURINO		JOCOSIDADE		ADAPTAÇÃO**	
FIGURINO		JOCOSIDADE		INTEGRAÇÃO*		INTEGRAÇÃO*			
CASAMENTO		INTEGRAÇÃO*		* INTEGRAÇÃO: Integração com o grupo.					
REPERTÓRIO		** ADAPTAÇÃO: Adaptação com os festejos juninos.							
PASSOS TRADICIONAIS:									
<input type="checkbox"/> ANARRIÉ <input type="checkbox"/> ANAVANTU <input type="checkbox"/> BALANCÊ <input type="checkbox"/> BEIJA-CRAVO <input type="checkbox"/> BEIJA-FLOR <input type="checkbox"/> BUQUE DE FLORES <input type="checkbox"/> CAMINHO DA ROÇA <input type="checkbox"/> CARACOL <input type="checkbox"/> CARRAPETA <input type="checkbox"/> CATAVENTO		<input type="checkbox"/> CAVALINHO <input type="checkbox"/> CINTURINHA <input type="checkbox"/> CONTRA PERI <input type="checkbox"/> COROA DE ESPINHOS <input type="checkbox"/> COSMO E DAMIÃO <input type="checkbox"/> COSTURA <input type="checkbox"/> COTOVELO <input type="checkbox"/> CRUZ DE MALTA <input type="checkbox"/> CUMPRIMENTO <input type="checkbox"/> ESPALHA BRASA		<input type="checkbox"/> ESPANHOLA <input type="checkbox"/> ESTRELINHA <input type="checkbox"/> GANCHO <input type="checkbox"/> GIRASSOL <input type="checkbox"/> GRANDE RODA <input type="checkbox"/> JABACULÉ <input type="checkbox"/> LACINHO DO AMOR <input type="checkbox"/> LAMBRETA <input type="checkbox"/> MONTANHA RUSSA <input type="checkbox"/> OLHA A CHUVA		<input type="checkbox"/> OLHA A COBRA <input type="checkbox"/> ONDA <input type="checkbox"/> PARAFUSO <input type="checkbox"/> PASSEIO DE NAMORADOS <input type="checkbox"/> PASSEIO DE QUADRO <input type="checkbox"/> PEÃO <input type="checkbox"/> PERI <input type="checkbox"/> RODA GIGANTE <input type="checkbox"/> RODINHA DE QUATRO <input type="checkbox"/> SERROTE		<input type="checkbox"/> SOMBRINHA <input type="checkbox"/> TRANCILIN <input type="checkbox"/> TRENZINHO <input type="checkbox"/> TUNEL <input type="checkbox"/> X <input type="checkbox"/> ZIG ZAG	
Cada quadrilha junina tem 35 minutos para sua apresentação, com 1 minuto de tolerância. Serão atribuídas notas de 8 a 10 para cada sub-quesito, podendo ser fracionados em casas decimais. Exemplo: 8,1 - 8,7 - 9,8. Será eliminada a menor nota por sub-quesito, restando apenas as três maiores notas. Em caso de dúvidas, consultar Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2018.									
JUSTIFICATIVAS:									

								Avaliador	

Fonte: Diretoria quadrilha Ceará Junino (2019).

A organização e criação de múltiplas entidades, apesar de representar o crescimento do movimento, também gera um sentimento de desgaste do mesmo para algumas pessoas do meio, que apontam, principalmente, as constantes brigas entre as instituições como principal elemento deteriorador. Em entrevista, Roberto Severiano, presidente da quadrilha Ceará Junino, aponta esse fato como enfraquecedor do movimento junino, pois tem como consequência a separação dos grupos em competições distintas, a partir do papel limitador das entidades. Além disso, o entrevistado também discorre sobre a relação de poder inserida nesse contexto, demonstrando, inclusive, uma preocupação com o futuro do movimento, se apoiando em alguns exemplos de irregularidades presentes nos festivais de quadrilhas juninas:

Hoje me entristece muito essa questão de entidades, porque é uma briga muito grande. Antigamente a gente só tinha uma entidade aqui, hoje nós temos quatro ou cinco. Aí fica dividida, por exemplo: nós competimos com as quadrilhas “A”, “B” e “C” aqui e não competimos com as quadrilhas “D” e “E”, e era bom quando todo mundo competia entre si, né? E isso também enfraquece o movimento. O que eu tenho observado e comentado é isso: o São João ele tende a se acabar do nosso estado, infelizmente. Quando eu falo acabar, eu posso estar sendo radical, mas as quadrilhas vão começar a capengar por conta dessas confusões que tem nas entidades, por conta que os brincantes de hoje, as crianças de hoje, os adolescentes, já não querem mais estar envolvidas, inseridas, nesse meio. Ela quer estar no computador, estar no celular, curtindo as festas. Eu já noto uma dificuldade de montar um grupo hoje. Todo mundo, todas as quadrilhas. [...] é lamentável, mas vai chegar um momento que será muito difícil se fazer quadrilha, né? A gente faz a quadrilha, gasta para caramba, trabalha sério, produz, envolve milhares de pessoas, dinheiro que se a gente for contar de janeiro a junho, passa meio milhão de reais com certeza, aí quando você vai para os festivais tá lá as confusões de entidades e as quadrilhas pagando por isso. E isso desmotiva, né? As pessoas vão se sentindo desanimadas. Nós temos cinco entidades no estado do Ceará, isso enfraquece o movimento. É um direito? É. A constituição dá direito, você cria quantas ligas você quiser, mas enfraquece. Eu podendo ter uma liga que tem 200 quadrilhas no estado, aí eu tenho cinco ligas, uma tem 150 quadrilhas, outra tem 30, outra tem 10. Onde podia estar todo mundo inserido no mesmo contexto. Aí Roberto, por que acontece isso? Eu acho que é a questão de ego, quem está no poder não quer perder o poder. O que é que aconteceu? Quem era presidente da entidade “A”, quando saiu, perdeu o cargo, não podia mais ficar, fundou outra entidade. Quem era presidente da entidade “B”, quando perdeu o cargo fundou a entidade “C”. Os caras foram deixando de ser presidente de uma entidade e fundando outra para poder continuar no poder. [...] para haver uma mudança dessa realidade e uma união no que diz respeito as federações, os presidentes de quadrilhas precisariam ter humildade de dar o braço, se juntar com outra e alavancar o movimento novamente, mas infelizmente isso não acontece. A quadrilha que está na entidade “A” e lá ela está sendo beneficiada, ela não vai querer vir pra entidade “B”. Vou te dar um exemplo claro: quando vão ser montadas as comissões julgadoras, nós presidentes de quadrilhas ficamos desesperados. Com medo de como será montada a comissão julgadora. Por quê? Porque eu sou da entidade “A”. São cinco jurados. Se na hora de sortear lá eu pegar três jurados que são da outra entidade que não faço parte, na hora que minha quadrilha dançar eu não vou ser julgado pelo o que eu apresento na quadra, eu vou ser julgado pela entidade que eu participo. (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

No estado do Ceará, o campo festivo junino, segundo Barroso (2019), é dividido em três instâncias: os agentes públicos, SECULT e SECULTFOR, através dos editais de fomento a cultura, subsidiando recursos financeiros para quadrilhas juninas e festivais; sociedade civil organizada, na figura das federações; e os agentes privados, na figura dos produtores culturais e das empresas de produção de eventos. De forma geral a esfera festiva cearense se transformou em um ambiente político e, sobretudo, politizado, suscetível, inclusive, a ações visando somente o lucro capital e simbólico. No contexto dos editais de fomento, Roberto Severiano, em entrevista, relata, em tom de denúncia, a relação de alguns grupos com o recurso financeiro recebido:

Algumas pessoas estão levando a quadrilha para quadra só de olho no que a SECULT e a SECULTFOR oferecem de dinheiro nos editais. É triste isso. Enquanto outras quadrilhas fazem o gasto do dinheiro naquilo que realmente vão colocar em quadra, algumas quadrilhas participam do edital, são contempladas, recebem lá 22, 30, 35 mil reais, e se você for ver o trabalho que está em quadra, não gastou nem 10 mil reais. Outro problema também é o seguinte: quando não tiver mais esse dinheiro da SECULT e SECULTFOR, algumas quadrilhas não conseguem sair, porque elas dependem só disso. Acho massa quando isso acontece, elas dependem dessa verba e usam o dinheiro só para a quadrilha. Eu fico triste quando eu vejo acontecer de quadrilhas que vão para ali, participam do edital, são contempladas, recebem o mesmo valor que todo mundo recebe e quando você vai ver dentro de quadra está lá os meninos de chinelo ou de tênis que se usa no dia a dia, faz duas ou três apresentações, prova que existe, e recebe esse dinheiro. (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

Os festivais, para Barroso (2019), funcionam como um meio de convergência de diferentes tipos de capital: social, simbólico, político e cultural. O público, os comerciantes que trabalham nos eventos, os patrocinadores, os servidores públicos, segurança pública, políticos em geral, vereadores, deputados, lideranças comunitárias, os fornecedores dos grupos e os próprios quadrilheiros, constituem um universo complexo que envolve uma diversidade de agentes, dos quais cada um imprime seus sentidos e significações à festa. Quanto mais os anos passam, mais evoluídas as representações juninas se tornam, com isso expectativas são criadas no evento como um todo, quem assiste espera ver algo maior a cada ano, que surpreenda; quem faz parte espera suprir as expectativas do público e jurados, vencer; quem investe espera maior retorno; quem politiza, espera o maior apoio.

A quadrilha passou por diversas transformações, e continuará passando, provavelmente de forma cada vez mais acelerada por conta da busca incessante pelo novo. Ela já foi da nobreza, da burguesia, do interiorano, do citadino, dançada nos clubes, nas escolas, nas praças, nos sítios, nas ruas, dançada despretensiosamente, até chegar na espetacularização dos festivais e competições. A partir daí as mudanças em toda diversidade de agentes são

incontáveis, podendo se destacar, dentro de uma perspectiva de mudanças na forma de se apresentar, a criação das entidades juninas.

As federações juninas foram as principais condutoras do rápido crescimento do movimento e dos grupos que, em alguns casos, passaram a se tornar grandes estrelas do São João seguidos por diversos fãs e com números grandiosos nas redes sociais. A organização e profissionalização movimento junino, a partir da figura dos eventos, das quadrilhas e dos jurados, refletem diretamente na evolução do mesmo em uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que os grupos se desenvolvem e forçam os jurados e instituições a adaptarem suas formas de julgamento dos espetáculos apresentados; os espetáculos se moldam a partir do que se espera que se apresente, o que os jurados querem ver, pois, o objetivo maior é vencer o campeonato e ter o reconhecimento de melhor grupo.

As mudanças na forma de fazer quadrilha se fazem perceptíveis a partir do entendimento da atuação das federações juninas e da observação das planilhas de julgamento ao longo dos anos. Se compararmos a planilha datada de 1999 e a de 2002, época que começaram os seminários formativos para jurados, percebe-se que alguns quesitos passaram a ser abordados de forma menos subjetiva, perdendo em 2002, por exemplo, o sub quesito bom gosto, presente no item indumentária e o sub quesito beleza, referente ao grupo como um todo. É possível visualizar a permanência da beleza no quesito rainha, pois, o título é carregado de simbologia patriarcal e de questões sociais, como aponta Chianca (2006).

Outro fator de mudança percebida nas duas planilhas, é o formato de notas, dando mais liberdade expressiva para o julgador através da forma mais livre de pontuá-las, não mais restrita apenas a pontuações de 1 a 3 pontos, ampliadas para notas de 05 a 10 pontos. Há também uma mudança no documento de votação, apresentado de maneira mais organizada com um cabeçalho mais detalhado. Nesse é possível identificar uma mudança organizacional dos próprios concursos: na imagem referente ao ano de 1999, nota-se que a competição parte de iniciativa da Prefeitura de Fortaleza; por sua vez, o documento referente ao ano de 2002, apresenta a União Brasileira de Quadrilhas e Festejos Juninos como órgão responsável pelo festival, dando uma cara mais institucionalizada ao festival e ao movimento junino em sua totalidade.

A planilha referente ao ano de 2013 foi elaborada após a criação da FEJUC, em 2010, com o envolvimento do poder público nos festejos juninos, representado pela SECULT e SECULTFOR, e instauração de formações anuais para jurados juninos em 2012. A partir dela percebe-se um formato visual ainda mais organizado e um cabeçalho ainda mais

completo, contando com um espaço para códigos, tanto do jurado, quanto da quadrilha, o que demonstra a presença de um banco de dados, tornando concurso ainda mais organizado. Itens como a hora de entrada e saída foram acrescentados ao cabeçalho, sinalizando que neste momento a regra referente ao tempo de apresentação já estava vigente, ao contrário das duas planilhas anteriormente exibidas, a referente ao ano de 1999, por exemplo, não conta com nenhum espaço para sinalizar o tempo de apresentação e a relativa ao ano de 2002 tem disponível apenas um espaço para hora de apresentação.

O figurino torna-se um item importante para toda a quadrilha, não somente para os destaques, assim como o sub quesito harmonia, que passa a ser visto sob a perspectiva total do espetáculo. A beleza é extinta do julgamento da rainha, dando um ar mais técnico e menos subjetiva, no mesmo quesito é acrescentado a desenvoltura, motivado, provavelmente, pelo crescimento do papel da rainha, principalmente no estado do Ceará, que ganha uma superprodução para a sua apresentação no espetáculo. Neste momento, nasce o item repertório musical, demonstrando uma evolução no sentido musical, pois esse ganhou espaço para julgamento, significando que esta área do espetáculo ganhou notoriedade. Sobre o formato de notas, que vão de 05 a 10 pontos, esse permanece como o aceitável para o preenchimento da planilha.

Com o constante crescimento da estilização, as federações passaram a exigir a presença de passos tradicionais nas apresentações dos grupos, passando a disponibilizar um quadro com 27 movimentos para marcação conforme a execução do grupo julgado, sendo obrigatório nesse momento, como apontado anteriormente, o mínimo de 08 passos. De forma geral, percebe-se uma certa movimentação rumo a ascensão do tema como principal fio condutor do espetáculo junino, desbancando, inclusive o tradicional casamento. Este movimento se nota, mesmo sem ainda haver um quesito somente para o tema, quando a harmonia é vista como um todo, assim como o figurino, demonstrando interesse estético em pesquisa para construção do mesmo, e, ainda, com a presença de um item somente para repertório, pois esse também é um símbolo evolutivo do tema junino.

A planilha referente ao ano de 2017 é apresentada a partir no contexto de criação da nova federação, União Junina. A estrutura da planilha permanece a mesma, contendo algumas alterações nos quesitos de julgamento. É acrescentado o item tema nas atribuições a quadrilha como um todo, consagrando a ascensão do item como importante construtor do espetáculo junino. Além dessa mudança, outras duas são perceptíveis: o julgamento em unidade do casal de noivos, corroborando para maior integração e parceria entre os destaques;

e o formato de notas passar a ser de 08 a 10 pontos, voltando, tecnicamente, ao formato de origem.

Por fim, é exibida uma planilha referente ao ano de 2018. Nesta percebe-se uma mudança mínima de formatação, excluindo os espaços referentes aos códigos de quadrilha e jurado, além do acréscimo de espaços destinados aos tempos de produção, apresentação e desmontagem, demonstrando uma maior rigidez referente a penalidade relacionada ao tempo extra. No que diz respeito aos itens pontuados, todos os destaques recebem o sub quesito integração, provavelmente inserido a partir da tentativa de se frear alguma tendência do ano anterior da qual os destaques não estavam sendo integralizados ao espetáculo como um todo. O repertório perde um espaço de requisito e passa a ser adotado como sub requisito da quadrilha como um todo. O casal de noivos resgata o sub quesito jocosidade, em um processo de resgate como inovação, readotando uma forma mais cômica, engraçada para os personagens.

Assim como o casal de noivos, a rainha também recebe o sub quesito jocosidade, provavelmente com o mesmo intuito. A maior diferença estrutural na forma de julgamento no ano de 2018 se dá pelo espaço de importância do tema, que ganha seus sub quesitos para elaboração da sua pontuação, sendo eles a criatividade, pesquisa, desenvoltura e adaptação. Neste momento o tema se consagra como o fator movente do espetáculo junino, os jurados buscam ver em todos os elementos do espetáculo a pesquisa feita na elaboração do tema. Espera-se que o espetáculo deixe algo para quem o assiste, mas sem perder a essência da cultura junina, adaptando temas diversos a essa vertente estética. Além disso, a tendência do resgate como inovação se mostra também nas opções de passos tradicionais, que se expandem para 46 tendo 12 como obrigatoriedade. Ou seja, ao mesmo tempo que se espera um tema impactante, que deixe uma mensagem, se busca manter, ou até forçar, a tradicionalidade do movimento através da dança.

5. QUADRILHA CEARÁ JUNINO

A história do grupo estudado foi compartilhada a partir de duas entrevistas: uma realizada dia 10 de março de 2019 na escola Carolino Sucupira, no bairro Parangaba, em Fortaleza, Ceará, local que aconteceram os ensaios do grupo, com o presidente da Sociedade Cultural Ceará Junino, Roberto Carlos de Souza, conhecido como Roberto Severiano ou Robertinho; e, posteriormente, dia 6 de outubro do mesmo ano, com Antônio Seixas Soares de Oliveira, conhecido como Seixas Soares, que ocupa o cargo de diretor criativo e marcador do grupo, em sua residência; ambos presentes na quadrilha Ceará Junino desde o seu surgimento. Conforme as informações apuradas, o nascimento do grupo se desenhou a partir da proximidade de Roberto com a família de Seixas, na figura de cunhado, pois Roberto já foi casado com a irmã de Seixas.

A quadrilha Ceará Junino tem suas origens em meados da década de 1980, a partir da quadrilha Cumpade Toim, no bairro Álvaro Weyne em Fortaleza, Ceará. O grupo foi criado em 1995 por D. Maria Soares, mãe de Seixas Soares, motivada pelo amor aos festejos juninos e o cultural envolvido no movimento. O nome da quadrilha foi escolhido para homenagear o pai de Seixas e marido de D. Maria, Antônio Soares, que desempenhava o papel de marcador na quadrilha. O envolvimento de Roberto Severiano se deu a partir do contato, ainda na escola, com Xênia Soares, filha de D. Maria. Em entrevista, Seixas Soares explana sobre o contexto social da quadrilha Cumpade Toim vinculando sua existência a um ambiente familiar não competitivo:

Na minha casa, desde muito cedo, a gente sempre foi envolvido com festas, tá? Desde os meus dez, oito anos sempre existiu quadrilha lá em casa. Sempre no mês de junho a gente fazia essas festas juninas, ascendia as fogueiras nas datas comemorativas dos santos, né? Todos os anos existia uma quadrilha, ensaiada ou improvisada. Essa festa a gente celebrava. Quando eu me entendi por gente, essa festa já era celebrada em família. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

Em 1989, foi decidido que a quadrilha Cumpade Toim, composta por poucos participantes, entraria no universo competitivo. Os ensaios aconteciam a partir do mês de abril no quintal da casa de D. Maria Soares, como uma forma de se preparar para as grandes competições de quadrilhas, que aconteciam nessa época, principalmente, na Emcetur, no Passeio Público e no Polo de Lazer da avenida Sargento Hermínio. A vida competitiva do grupo teve a duração de dois anos, se encerrando no ano de 1990. Apesar de uma vida

competitiva curta na quadrilha Cumpade Toim, o tempo foi suficiente para despertar nos envolvidos o desejo de continuar fazendo parte do movimento competitivo de quadrilhas juninas.

Após o encerramento da quadrilha Cumpade Toim, Roberto, Seixas, Kênia e Tânia, também filhas de D. Maria, se integraram, em 1991, no grupo Luar do Sertão por convite do então diretor artístico e geral, Francisco das Chagas Silva, conhecido no meio como Golden. Esse grupo tinha como objetivo a competição em grandes festivais de quadrilha, adotando já uma postura estilizada e adquirindo grande prestígio e, ao mesmo tempo, bastante críticas no universo junino. A presença do grupo no meio competitivo, aliado com a ousadia e inovação foram pontos chave para que os convites fossem aceitos. Seixas e Tânia Soares entraram como brincantes da quadrilha Luar do Sertão, Kênia ocupou o papel de secretária de Golden nas reuniões dos festivais e posteriormente Roberto se integrou ao grupo como dançarino e também componente do casamento, na parte cênica.

Por conta da grande mudança estrutural das quadrilhas juninas cearenses causadas pelo processo de estilização no que diz respeito, principalmente, à indumentária, apontado por Roberto Severiano e Seixas Soares em entrevista, o grupo foi alvo de muitas críticas originadas de outras quadrilhas e pensadores do movimento. Para os críticos, a quadrilha Luar do Sertão estava perdendo a essência do São João e influenciando outros grupos. Mesmo com as críticas, os entrevistados relatam que o grupo ganhou, em um primeiro momento, todos os campeonatos que participaram, até que os concorrentes se viram obrigados a se adequar ao modo estilizado de quadrilha, com o intuito de criar um cenário mais competitivo nos festivais e, dessa forma, a Luar do Sertão perder sua hegemonia nos festejos.

Em 2003 os líderes do grupo Luar do Sertão decidiram dar uma pausa nas atividades da quadrilha, nesse momento, Roberto, Seixas, suas irmãs, e outras pessoas que participavam da Luar do Sertão junto a eles, viram-se sem grupo. Roberto relata que quando isso aconteceu, o seu pensamento era voltado ao descanso do movimento, pois as atividades do ciclo junino são muito massivas, intensificando-se ainda mais nos meses mais próximos aos festejos, fazendo com que seja necessário que os participantes administrem e dividam seu tempo entre as tarefas do grupo, trabalho e vida social.

Porém, ao dia 6 de julho de 2003, durante a comemoração do aniversário de Roberto, algumas pessoas propuseram a criação de uma quadrilha voltada para festivais juninos no bairro Álvaro Weyne, pois o bairro não possuía representação competitiva de quadrilha. De maneira bem desacreditada, foi marcada uma reunião para o dia 20 de julho de

2003 no Centro Social Urbano Virgílio Távora, no bairro Pirambú, onde Roberto trabalhava como diretor, com o objetivo de verificar a possibilidade da criação dessa nova quadrilha. Seixas e Roberto afirmam que a quantidade de pessoas que compareceram ao encontro foi surpreendente, todos ali pareciam empolgados com a ideia e muito dispostos a colaborar com esse novo projeto. No fim dessa reunião já havia sido decidido que eles sairiam em 2004 como uma forma de teste e o nome do grupo: Quadrilha Ceará Junino.

Segundo com as informações descritas no site da quadrilha, em 2004 eles saíram com 26 pares, ou seja, 52 dançantes, e o tema espetáculo foi “O São João de ontem e o São João de hoje”. Em 2005 o número de participantes aumentou, a quadrilha saiu com 28 pares e o tema “Viva nosso casal de noivos”. Em 2006 nota-se a aceitação do trabalho do grupo, o número de participantes subiu consideravelmente em relação ao ano anterior, saindo com 40 pares e o tema “A fogueira junina”. Nesse ano a diretoria da Quadrilha Ceará Junino, devido as proporções que o grupo estava tomando, notou a necessidade de transformar o grupo em uma entidade jurídica, passando a se chamar Sociedade Cultural Ceará Junino.

No ano seguinte, 2007, a Ceará Junino entrou em quadra também com 40 pares de dançarinos e o tema apresentado foi “A festa da colheita do milho”. Em 2008 o número de participantes voltou a aumentar, dessa vez o grupo estava com 50 pares de brincantes em quadra e o tema intitulado de “Da Europa ao Sertão para casar com Lampião”. Em 2009 a quantidade de pares permaneceu a mesma do ano anterior, 50, com o tema “A Ceará Junino te traz, um pouco do São João que não se ver mais”. Em 2010, novamente com 50 pares, o tema do espetáculo foi “O colorido das fitas te leva ao São João da Ceará Junino”. Em 2011 o número de pares voltou a aumentar, nesse ano o grupo foi para as quadras com 54 pares, tendo como tema “Juntando o molejo daqui com a chiqueza de lá, nasceu a Ceará.

Em 2012, também com 54 pares, o grupo teve como tema “Ceará Junino canta e dança Luiz Gonzaga”. Em 2013 o tema foi “No arraiá da Ceará Junino: fé, força e coragem do vaqueiro nordestino”, esse ano o espetáculo tomou outros rumos, foi levada para algumas apresentações Dona Dina, mestra da cultura popular, que por muitos anos foi presidenta da Associação dos Vaqueiros de Canindé, esse espetáculo contou com 150 pessoas em quadra. Em 2014 o espetáculo teve 160 pessoas envolvidas no projeto, o tema desse ano foi “Ceará Junino e a outra face do cangaço”. Em 2015, “A fé” foi o tema e o projeto foi realizado por 150 pessoas em quadra. Em 2016 com o tema “A carta”, a quadrilha levou para as quadras 180 pessoas que foram responsáveis por um dos anos mais marcantes para o grupo, pela primeira vez a quadrilha foi campeã nacional.

Esse ano também foi um dos mais marcantes para o grupo no que diz respeito a premiações. Em 2017 o tema foi “Sintonize” composto por 68 pares em quadra. Em 2018, a quadrilha trabalhou o tema “Telas vivas”, talvez o mais temático de todos os anos, com um tema voltado para o indígena, o espetáculo foi composto por 66 pares. Por fim, em 2019, foi apresentado o espetáculo “É tudo verdade”, que retratava a história, baseada em fatos reais, de quatro pescadores que saíram de Fortaleza ao Rio de Janeiro em busca de direitos para os trabalhadores do mar, composto por 50 pares.

5.1. Espetáculo “É tudo verdade”

No ano de 2019 o tema escolhido para a criação do espetáculo da quadrilha Ceará Junino foi desenvolvido a partir do universo do pescador e das rendeiras, intitulado por “É tudo verdade”. A temática baseia-se em um filme que mescla a ficção e relatos reais no formato de documentário, chamado “It’s all true²⁵”, do cineasta norte-americano Orson Welles. De acordo com informações colhidas em campo e no site Enciclopédia Itaú Cultural²⁶, o filme, produzido pela companhia cinematográfica Radio-Keith-Orpheum Corporation (RKO), teve suas gravações iniciadas em 1942. O roteiro foi dividido em quatro capítulos: “A História do Jazz”, baseada na autobiografia do músico norte-americano Louis Armstrong; *My Friend Bonito*, que tem como foco histórias acontecidas no México dos anos de 1908; *The Captain’s Chair*, previsto para ser filmado na Baía de Hudson, no norte canadense; e, por fim, *Love Story*, contando a história de seus pais.

A partir de uma visita ao Brasil em 1941, Orson Welles decide modificar o projeto do filme, acrescentando dois novos episódios gravados em solo brasileiro: *The Story of Samba* e *Four Men on a Raft*. O segundo dos novos episódios, que em tradução livre significa quatro homens em uma jangada, foi a abordagem do universo dos pescadores escolhidas pela quadrilha como temática para o ano de 2019. Neste, é contada a história de quatro pescadores jangadeiros, Jacaré, Jerônimo, Tatá e Mané Preto, que saíram em alto mar, os quatro em uma única jangada, de Fortaleza ao Rio de Janeiro, com o intuito de reivindicar, a Getúlio Vargas, Presidente do Brasil naquele momento, direitos para classe de trabalhadores do mar.

²⁵ Tradução livre: É Tudo verdade. Mesmo nome escolhido para nomear o espetáculo do grupo.

²⁶ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69072/e-tudo-verdade>>

Quando questionado sobre o que motivou a escolha do tema, em uma conversa realizada na quadra da Escola Carolino Sucupira, realizada no dia 10 de março de 2019, o diretor criativo da quadrilha e marcador da quadrilha Ceará Junino, Seixa Soares, menciona uma certa ligação do tema atual com o apresentado no ano anterior, quando abordado a história de Iracema, do qual o grupo não obteve um resultado competitivo satisfatório. Trazendo para um universo mais próximo à cultura nordestina, que se espera nos espetáculos de quadrilhas, com base em pontos de melhoras para alcançar bons resultados nos festivais, e ainda de uma visão mercadológica do que é bem visto em um espetáculo junino, o tema foi escolhido para ser apresentado, como é possível visualizar na fala do criador:

Ano passado a gente resolveu falar de Iracema. Dentro da pesquisa eu fui encontrando elementos muito importantes sobre a história de pescador, do mar, da mulher rendeira; um universo muito positivo. E ano passado a gente foi muito feliz, de maneira pessoal, mas para julgamento cultural a nível de quadrilha, faltava décimos e a gente acabava não obtendo o resultado de sair daqueles locais com primeiro lugar. Então, ao conversar com alguns folcloristas, pessoas renomadas da cultura do Ceará, eles me falaram assim: Seixas, a gente gostaria, pela potência que é a Ceará Junino, ver um espetáculo que consiga assistir em dezembro e identificar como espetáculo junino, e hoje nós estamos em junho e não conseguimos ver, conseguimos ver um grande espetáculo, mas junino não. Aquilo que tinha visto, da história de pescador, me despertou. É algo bem cultural do Ceará. A gente conseguiu encontrar uma história de quatro pescadores que se aventuraram, na década de quarenta, ali da Praia dos Peixes, que hoje é a Praia de Iracema até o Rio de Janeiro. E eles se aventuraram de sair daqui do Ceará ao encontro do Presidente Getúlio Vargas para reivindicar tudo aquilo que de fato eles não tinham. O líder do grupo era o Jacaré. Era o Tatá, o Jacaré e o nome dos outros dois eu não recordo agora. Eles saíram em alto mar, chegaram no Rio de Janeiro, foram ovacionados, o Getúlio Vargas recebeu eles com honras, desfilaram na avenida Dias Brancos – eu não sei se é essa, mas a gente pode ver direitinho. Então a gente trouxe isso para o nosso espetáculo. Nós vamos abrir esse espetáculo com esses quatro pescadores que vão se aventurar. E o nome do espetáculo vai se chamar É tudo verdade. [...] Então baseado nisso foi que a gente foi tendo sensibilidade de que hoje esse tema me possibilitava elencar cinco pontos que eu acredito que hoje o São João está comprando: uma parte de produção cenográfica que muda, as pessoas vão ver uma mudança; um figurino forte; com coreografia forte; com base de músicas fortes; e um tema bem desenvolvido. Então, dentro desses cinco pontos e desse pescador, a gente encontrou uma possibilidade de fazer um grande espetáculo. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

As pesquisas e projetos para execução do espetáculo “É tudo verdade”, mesmo partindo do trabalho do ano anterior, se iniciaram junto ao encerramento do ciclo junino passado, no começo do mês de agosto de 2018. A execução do projeto, através do sistema de ensaios, teve o pontapé inicial no dia 27 de janeiro de 2019, no Ginásio Poliesportivo da Parangaba, com um evento intitulado de “Primeiro Ensaio”. Apesar de ser chamado primeiro ensaio, este evento que acontece sempre no começo do ano e do ciclo junino, adotado,

inclusive, por outras quadrilhas de grande porte no cenário junino de Fortaleza, não é de fato um ensaio. Trata-se de um evento de marketing, utilizado para divulgação do grupo e do início dos trabalhos através das próprias redes sociais e das mídias juninas²⁷, como uma forma captar de novos contribuintes para o grupo.

O “Primeiro Ensaio” é amplamente divulgado muitos dias antes da data marcada pelas mídias juninas, pelo próprio grupo e seus participantes, com intuito de alcançar a maior quantidade de pessoas, pois quanto maior o recurso, tanto humano, quanto financeiro, maior o espetáculo apresentado. Este evento é o momento de chamar atenção daqueles que estão inseridos no meio, portanto, a quadrilha Ceará Junino investiu em estrutura que contava com uma equipe responsável por iluminação, muito próxima à iluminação utilizada nos espetáculos apresentados nas competições; uma equipe encarregada pelo sistema de som, priorizando sempre a melhor qualidade possível; uma banda própria, conhecida como regional; um espaço com *backdrop*²⁸ para divulgação do evento através de fotos; e um espaço específico para entrevistas juntos as diversas mídias juninas presentes.

O encontro, que é sempre aberto ao público, foi tido como um sucesso para os dirigentes, o espaço ficou visivelmente cheio. Para muitos, aquele é um momento de matar a saudade do São João, no que diz respeito a dança e ao universo junino, para além das fronteiras do grupo – ainda em janeiro. Trata-se de um evento cercado de sociabilidades e reencontros, pois o contato entre os brincantes, de forma abrangente, é minimizado após o término do ciclo junino, marcando o momento de volta para suas tarefas cotidianas. O “Primeiro Ensaio” é marcado pela intensificação e euforia daqueles inseridos no campo, principalmente os dançarinos, que socializam entre si de forma calorosa. Nesse momento o vínculo, para muitos, volta a se intensificar, e o evento assume também um lugar de mecanismo para criação de novos vínculos, através da inclusão de novos participantes.

²⁷ As mídias juninas são páginas especializadas somente neste tema. Elas atuam na cobertura de eventos do meio, tanto os promovidos pelos grupos, quanto os institucionais, no caso dos festivais, por exemplo. Alguns são voltados ao apoio cultural, outros seguem um viés humorísticos.

²⁸ Ferramenta de marketing constituída de um painel grande com uma ou várias imagens impressas – geralmente a logo da marca, podendo conter também a de patrocinadores.

Ilustração 09 – Evento Primeiro Ensaio, dia 27 de janeiro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O “Primeiro Ensaio” funcionou como um aquecimento para o início do ciclo junino. Nele, os dirigentes da quadrilha falaram sobre o projeto que se iniciou naquele momento com o público presente e não presente, através de avisos e entrevistas concedidas às mídias juninas; aproveitaram o momento para divulgar os patrocinadores do grupo; para comercializar as camisetas usadas nos ensaios²⁹; apresentar os destaques; porém, o momento mais esperado foi – e sempre é – a dança. Os brincantes presentes levaram seus acessórios para exercer seus papéis de dançarinos, os homens, o chapéu, e as mulheres, as saias, e começaram a dançar em uma espécie de quadrilha improvisada sob os comandos de Seixas Soares, que naquele momento passou a exercer seu papel de marcador, verbalizando e indicando os passos que os dançarinos deviam executar. Enquanto àqueles presentes somente para prestigiar, permaneceram nas arquibancadas assistindo a dança.

Após este evento, iniciou-se, de fato, o período de ensaios fechados aos brincantes para a construção do espetáculo, acontecendo sempre na quadra da escola pública Carolino Sucupira, no bairro Parangaba, em Fortaleza, Ceará. A preparação aconteceu, inicialmente, aos domingos, e depois do período do carnaval se estendeu também aos sábados e feriados. O segundo encontro, no dia 3 de fevereiro de 2019 foi marcado por uma seletiva de dançarinos para uma espécie de balé, composta por quinze selecionados, que acompanhariam as coreografias da quadrilha, não como dançarinos convencionais, mas causando um efeito

²⁹ A comercialização das camisetas funciona como apoio financeiro para execução do espetáculo. Segundo a equipe gestora da quadrilha, o valor arrecadado é convertido em recursos para a realização do projeto.

visual em pontos específicos do espetáculo, principalmente no momento de apresentação dos noivos e da rainha.

Ilustração 10 – Seleção do corpo de baile da quadrilha, dia 03 de fevereiro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A seletiva contou com a participação de vinte e três candidatos, que passaram pela análise de dois coreógrafos do grupo, Diego Rocha, responsável junto a Mara Alexandre, que não estava presente nesse momento por ter passado por uma cirurgia, pela coreografia da quadrilha, e Eliovaldo Ananias, conhecido como Eli, responsável pelo próprio balé. Além dos coreógrafos do grupo, a seletiva contou também com um convidado extra, atuando como validador daquela seletiva, Rondinelli Façanha, proprietário da Fábrica de Movimentos, uma companhia de dança em Fortaleza. A seleção, acontecida dia 3 de fevereiro, só teve seu resultado divulgado na semana seguinte pelo diretor criativo do grupo e o coreógrafo responsável pelo balé.

No espaço da quadra da escola, já naquele primeiro momento, acontecia muitas coisas simultâneas. Na arquibancada, alguns brincantes levavam lanches para vender, dividindo o espaço com os parentes e acompanhantes daqueles que estavam ali para dançar; na quadra, o regional tocava, enquanto os dançarinos do balé passavam pela seletiva; também na quadra, estava uma equipe composta por 5 pessoas, sentadas em mesas com computadores, fazendo uma espécie de cadastro dos participantes do grupo. Nos ensaios seguintes essas interações se intensificaram na quadra, até que cada representação artística que necessitava de ensaio encontrou seu local de trabalho dentro do espaço da escola. A quadrilha, no que diz respeito a dança de pares, permaneceu na quadra; o corpo de baile se mudou para o refeitório,

no fundo da escola; o casamento, parte cênica, se alocou no pátio. Apesar de acontecer em lugares distintos, tudo era realizado de forma simultânea.

No final de todos os ensaios, Seixas Soares, diretor criativo do espetáculo, convidava todos do grupo a sentarem no chão, no centro da quadra, e passava alguns informes relacionados aos ensaios futuros, eventos que o grupo realizaria, desempenho do grupo em relação à construção do espetáculo e questões financeiras. Ainda no primeiro dia de ensaio fechado, em uma dessas reuniões, foi levantada a questão da taxa para fazer parte do grupo, valor que todos os brincantes necessitam pagar para se manter no espetáculo³⁰. Em 2019, essa taxa estava no valor de 800 reais para o par de dançarinos, ou seja, 400 reais para cada participante. Parte desse dinheiro foi destinado ao pagamento do regional, que acompanhava todos os ensaios do grupo aos domingos e ensaiava entre si, durante a semana, no Zalém Studios, um estúdio de gravações localizado no bairro Montese. A outra parte do valor pago pelos brincantes era destinado para a compra dos tecidos dos figurinos usados pelos mesmos.

O valor do carnê, maneira que os dirigentes chamavam a taxa de participação, podia ser pago gradualmente ou todo de uma vez, além de poder usar venda de rifas, promovidas pela diretoria do grupo, ou de ingressos dos eventos realizados, para quitar esta quantia. Como forma de arrecadação de dinheiro para minimizar os gastos dos brincantes, a diretoria da quadrilha Ceará Junino organiza anualmente um evento para divulgação do repertório criado para o espetáculo, que assim como o “Primeiro Ensaio”, é comum entre outros grupos. O evento aconteceu em um formato aberto a qualquer público que adquirisse um ingresso no valor de 20 reais, do qual todo valor dos ingressos vendidos pelos brincantes, foi subtraído do valor do carnê.

A festa foi realizada no dia 18 de maio de 2019, na casa de shows Complexo Armazém, no bairro Centro, em Fortaleza. Além do regional da quadrilha apresentando as músicas do espetáculo, o evento contou também com algumas atrações do cenário do forró, estilo musical consumido pelo meio junino. Participaram da festa: a banda intitulada por Forró na Veia e a cantora Alessandra Nagy, que também é a vocalista do regional da quadrilha, que fez um show à parte, cantando músicas antigas do estilo musical. O evento contou com um amplo público dividido entre os próprios brincantes e seus familiares, pessoas de outros grupos que foram prestigiar o evento, as mídias juninas que trabalharam na

³⁰ Segundo informações levantadas em campo, e ainda frisadas pelos participantes, todos os grupos juninos de grande porte costumam cobrar essa taxa para assegurar o pagamento de contas básicas para o funcionamento do espetáculo e ensaios.

divulgação e os frequentadores da casa de show, que não necessariamente conhecia o grupo ou o motivo da festa.

Ilustração 11 – Imagem de divulgação do evento de lançamento de repertório.



Fonte: Página da quadrilha no site Facebook³¹ (2021).

Atualmente, para a diretoria da quadrilha Ceará Junino, um dos maiores problemas é o alto valor de investimento para participar do espetáculo, pois se percebe que esse é um dos principais limitantes no que diz respeito à captação de novos membros para o grupo e permanência dos que já fazem parte, como é possível perceber nas falas das brincantes Carla e Camila:

Eu, infelizmente, não faço mais parte do grupo. O ritmo dos ensaios é muito puxado, as vezes têm ensaios na semana e eu estou no trabalho. Eu também não tenho como manter os gastos do grupo, só recebo um salário mínimo. Toda vez que venho ensaiar eu gasto. (Carla, 29 anos, ex brincante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada em 24 de março de 2019).

É comprometimento, gente, é responsabilidade. Você se compromete com aquilo. Quadrilha é uma brincadeira, mas é uma brincadeira séria. É muito dinheiro investido, é muito tempo investido para ser feito de qualquer forma (Camila Monteiro, brincante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 02 de junho de 2019).

Os valores de permanência permeiam várias áreas do espetáculo, são somados a partir das viagens, cobradas as passagens e hospedagens; os figurinos, e aqui se enquadra tudo

³¹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/322321301187060/photos/pb.100050187322930.-2207520000..12276287135790457/?type=3> > Acesso em: 22 de março de 2021.

o que engloba esse universo: sapatos, calça, camisa, pedrarias para o bordado, a mão de obra do próprio bordado, meia calça, anágua, saia, parte superior da vestimenta feminina, arranjo e itens cenográficos; cabelo e maquiagem para todas as apresentações; alimentação e transporte, durante todo o período de ensaios e concursos; e a taxa de participação. Somando todos os gastos, as despesas chegam a cerca de 10 mil reais por par, dentro de uma realidade de pessoas sem um alto poder socioeconômico.

Portanto, visando minimizar os custos dos brincantes, os dirigentes, além dos eventos e rifas, adotaram outras medidas para a redução dos gastos. Primeiramente aconteceu a oficina de automaquiagem, encabeçada pelos maquiadores responsáveis por a criação da maquiagem do espetáculo. Trata-se de uma ação voltada a todas as damas³², com intuito de ensiná-las a fazer a maquiagem do espetáculo. Inicialmente é feita uma triagem, para identificar quem tem aptidão para maquiagem, pois são estabelecidos alguns padrões que precisam ser seguidos. Após isso, iniciam-se as aulas, que acontecem em um formato sequencial, funcionando como unidades: pele, olho, sobrancelha e boca.

Ilustração 12 – Oficina de maquiagem, dia 17 de fevereiro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Com o mesmo intuito, foi realizada uma oficina de bordado. Assim como a voltada à maquiagem, essa também é ministrada pelo profissional responsável pela criação do bordado dos figurinos do espetáculo. Também aberto a todos os integrantes e parentes, nessa se ensina como executar o trabalho manual nos figurinos. Em um primeiro momento, não se pode mostrar a totalidade do figurino, pois esse é escondido, inclusive dos próprios brincantes, de modo a causar uma expectativa no público e evitar a cópia por parte de outras

³² Brincantes que performam o papel feminino no espetáculo.

quadrilhas. Com esse limitante, o conteúdo é passado e acompanhado por partes, sem que os brincantes tenham acesso ao todo. As duas oficinas acontecem de forma gratuita e simultânea com os ensaios, influenciando na baixa adesão por parte dos brincantes.

Ilustração 13 – Oficina de bordado, dia 10 de março de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Além do evento de divulgação do repertório, a quadrilha Ceará Junino realizou, no ano de 2019, outros dois grandes eventos: um em formato de reunião, voltado para os brincantes, que funcionou como uma exposição do tema e exibição da indumentária; e o outro se trata da estreia do grupo. A reunião expositiva dos elementos do espetáculo aconteceu dia 07 de maio de 2019, em um dos três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), localizado no bairro Barra do Ceará, que geograficamente se localiza próximo ao bairro em que a quadrilha foi formada, Álvaro Weyne. O evento foi extremamente fechado aos dançarinos, sem participação de familiares ou público, pois os detalhes do espetáculo, segundo a lógica dos criadores, devem ser guardados até o dia da estreia.

A disponibilidade para uso do teatro no dispositivo da prefeitura fortalezense, foi uma terça-feira. Por esse motivo, devido a disponibilidade de tempo de brincantes que trabalham o dia todo, o evento se iniciou às 19:30. A programação foi introduzida com uma produção audiovisual com os integrantes do casamento, principalmente os noivos. Após isso, Seixas Soares, discorreu sobre o tema, explicando detalhadamente a história dos pescadores, pois até então, os dançarinos estavam ensaiando a dança sem conhecer profundamente o tema.

Os brincantes sabiam somente o nome do espetáculo, mas não a história por trás. O evento contou com algumas atrações culturais, como uma apresentação de balé clássico, de estudantes do CUCA e dança do coco.

O principal motivo para aquele evento acontecer, na percepção dos dançarinos, ficou para o último momento: apresentação do figurino aos brincantes. A roupa como instrumentalização mais direta da estética do espetáculo, da vaidade pessoal e social, do julgamento de quem o assiste, influenciadora da autoestima, ganha uma importância muito grande para quem dança. No contexto Ceará Junino, o peso da indumentária é ainda maior, pois o grupo se autointitula como o portador das mais belas damas do Brasil. Este título, reafirmado sempre que possível pelos dirigentes e dançantes, ultrapassa as barreiras da quadrilha, sendo compartilhado por fãs e algumas pessoas inseridas no contexto junino, contribuindo para uma certa ansiedade em relação ao figurino.

Ilustração 14 – Reunião de exibição do figurino e tema, dia 07 de maio de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

A estreia do espetáculo “É tudo verdade” aconteceu dia 02 de junho de 2019. Assim como o “Primeiro Ensaio”, o evento aconteceu no Ginásio Poliesportivo da Parangaba, dispositivo público administrado pela Prefeitura da cidade de Fortaleza. Como forma de conseguir recursos para apoiar o período de apresentações que duraria em média dois meses a partir daquele momento, foi cobrado um ingresso no valor de 10 reais para arquibancada, e outro ingresso no valor de 30 reais para sentar em um espaço com visão privilegiada dos espetáculos apresentados. O evento, além da primeira apresentação do grupo, contava também com a apresentação de duas quadrilhas infantis: Rei do Cangaço e Cumpade Chico.

Tendo seu início as vinte e uma horas, o acontecimento durou até uma e trinta da manhã, quando o público já esvaziava o local e ficava somente os participantes emocionados com o início do ciclo de apresentações e a realização de entregar ao público um espetáculo fruto de tanto tempo de ensaio e doação dos participantes. Segundo a organização do evento, o local da apresentação alcançou a quantidade máxima de expectadores, obtendo um enorme sucesso de público, simbolizando o quanto o trabalho da quadrilha Ceará Junino tem notoriedade no meio junino.

Ilustração 15 – Estreia do espetáculo “É tudo verdade”, dia 02 de junho de 2019.



Fonte: Página da quadrilha no site Facebook³³ (2021).

Momentos antes da estreia, os brincantes se reuniram em uma praça ao lado do ginásio, duas horas antes horário previsto para a apresentação, com intuito de finalizar a produção pessoal de cada um, para sociabilizar entre si, mas, principalmente, para se apoiar, pois, todos os componentes estavam visivelmente muito nervosos. Seixas, momentos antes da apresentação, juntou somente os homens do grupo em um círculo, pois há uma crença de que o homem guia a dança da mulher, e comunicou alguns comandos para apresentação. O

³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/322321301187060/photos/pb.100050187322930.-2207520000./2347655385320298/?type=3> Acesso em: 22 de março de 2021.

projetista do espetáculo fez um discurso sobre a construção da montagem e os desafios superados, demonstrando, em seu modo de falar, a atuação da quadrilha em um ambiente completamente competitivo quando no discurso são citados, mesmo que indiretamente, outros grupos, através de uma posição de controle:

Hoje a Ceará Junino vive um momento incrível, é o dia inteiro, a gente ia se emocionando gratuitamente, lembrando das coisas, dos nossos ensaios, do custo e de muita coisa. Então, esse local que nós estamos vendo aí lotado é para lhe ver, tá? A galera está ali para lhe ver, lhe aplaudir. Então nada de nervosismo, vamos curtir essa noite. Eu quero que se sandália quebrou? Deixa, meu irmão, e vamos. Esse momento, ele é nosso. Eu preciso que você entenda e desbrave isso, tá? Te livra da tensão, te livra de tudo e curte isso. Quem tem que estar nervosos são eles, quem tem que estar preocupados são eles. Se você gostou da roupa, exibe essa roupa com propriedade, porque isso custou caro, caralho! Isso foi forte! Foi um trabalho de pesquisa forte, identificando cada detalhe, então não é qualquer coisa. Exibe essa porra porque isso é, isso aqui é bonito e a gente paga para ficar bonito, dentro de uma roupa de pescador que ninguém acreditava. Então, se apropria dessas verdades e pega, porque assim: depois de amanhã a gente pega e perde todo nosso valor que a gente tem. De jeito nenhum! De forma nenhuma, nenhum resultado vai tirar o nosso valor, tá? E essa noite tem que quebrar tudo. Se a sandália quebrou, o chapéu caiu, eu quero é uma liberdade de que quem manda aqui somos nós. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Áudio gravado em campo em 02 de junho de 2019).

De modo geral, o espetáculo de trinta e quatro minutos de duração foi construído a partir de vinte e seis ensaios gerais, acontecidos, em sua grande maioria, na escola Carolino Sucupira, no Bairro Parangaba, em Fortaleza, Ceará. O espetáculo “É tudo verdade” foi apresentado dezesseis vezes, com apresentações em festivais na cidade de Fortaleza, nos bairros Parangaba, Cajazeiras, Barra do Ceará, Granja Portugal, Conjunto Ceará, Pan-Americano, Carlito Pamplona, Bairro Ellery, Dionísio Torres, Parquelândia e Demócrito Rocha; em regiões metropolitanas, com apresentações em Maracanaú, Eusébio e Jijoca de Jericoacoara; e apresentações em outros estados, com exibições em Campina grande, na Paraíba, e Mossoró, em Rio Grande do Norte.

O repertório foi composto por doze músicas, divididas em três categorias: músicas compostas para a quadrilha, músicas folclóricas e músicas populares brasileiras. As canções produzidas para o grupo, quatro das dozes apresentada, parte delas são conhecidas pelo meio, consideradas como “hinos juninos”, presentes no repertório da quadrilha há alguns anos, outra parte são desenvolvidas com base no tema para compor o espetáculo. O repertório com base folclórico, foi composto por três músicas: “Coco na beira do mar” e “Voa andorinha”, introduzindo o universo praiano através da dança do coco; e a famosa música “Mulher rendeira”, sob a mesma perspectiva, mas voltado para um olhar feminino. Por fim, foram

utilizadas 6 canções de origem popular, adaptadas e rearranjadas para compor o espetáculo: “O mar” e “Temporal” de Dorival Caymmi; “Arrastão” de Elis Regina; “Velho pescador” de Luiz Gonzaga; e “Todo azul do mar” de Flávio Venturini.

Com o tema voltado a realidade do pescador e das rendeiras, o grupo não poderia deixar de abordar essa temática na dramaturgia do espetáculo. A estória encenada foi composta por dezessete atores, contando a realidade de duas famílias: a do noivo e da noiva. O noivo atuava como rendeiro, tinha uma mãe “masculinizada” e um pai “afeminado”, a noiva, por sua vez, era filha de pais que praticavam sexo sem pudor, apesar da idade. Além desses, o casamento contou com os tradicionais personagens: o padre, a freira fofqueira, a autoridade e o juiz. A trama, que acontecia em um ambiente de praia, circulava em torno do relacionamento – não apoiado – dos noivos; dos pescadores que buscam direito para melhores condições de vida para a comunidade; da figura do dono de empresa de pesca que não se preocupava com os direitos trabalhistas dos seus empregados; e do casamento propriamente dito.

A cenografia era composta por uma jangada grande e outras quatro menores, quatro painéis grandes, dois com a imagem do mar de um lado e uma renda do outro, outros dois com a foto dos quatro pescadores retirados do documentário – e história verdadeira – abordado pelo grupo: Jacaré, Jerônimo, Mané Preto e Tatá. O espetáculo contou também com um grande sistema de luzes coloridas que se adequavam a momentos específicos do *show*, posicionadas na parte frontal e lateral de encenação dos atores e dançarinos. Além desses, também eram utilizados para causar efeitos à apresentação estalos, fumaça feita com extintores de incêndio, bombas de papel picado, tornando-a ainda mais espetacularizada, com o intuito de impactar o público e os jurados presentes.

O figurino foi dividido em alguns momentos. Inicialmente, tanto os homens quanto as mulheres iniciaram o espetáculo cobertos com uma capa de chuva azul com aplicação de *led*, também azul, simbolizando o mar, logo após essa representação apenas os atores que performam papéis masculinos tiram as capas e mostram a caracterização de um figurino simples, inspirado em dançarinos de coco. Em um segundo momento, tanto os homens, quanto mulheres, usam o figurino oficial, que permanece até o fim do espetáculo. Os noivos possuíram três vestimentas ao decorrer da apresentação: uma para a encenação, outra para o seu momento específico do espetáculo e, por fim, uma bem mais luxuosa, usado no meio da apresentação. A rainha inicia com um vestido verde, diferente das outras dançarinas, e sua faixa, no momento da sua apresentação, ela fez a troca para um vestido todo espelhado,

inspirado na representação da estrela que guia os pescadores. Nos momentos de troca de figurino, o seu par, o rei da quadrilha, também a acompanha para manter a coerência de figurinos, mesmo a apresentação ser exclusiva apenas da rainha.

Na parte cênica, os figurinos circulavam, de modo geral, em uma roupa simples, inspiradas em um modelo antigo de fazer quadrilha, retratando o homem do campo. O padre utilizava uma vestimenta cheia de espuma, para deixá-lo com uma aparência de sobrepeso excessivo; o casal de noivos contava com um figurino mais simples, no contexto da regionalidade pesqueira; a freira vestia uma indumentária inspirada figura real religiosa, porém de forma cômica, com uma saia com anáguas; e o empresário trajava um paletó, e em certo momento passa a utilizar uma cabeça de tubarão feita de esponja para simbolizar uma figura maliciosa e “assustadora”.

Ilustração 16 – Apresentação do figurino para o grupo.



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Além desses, o corpo de baile se apresenta sempre com um figurino composto por um *collant* de malha com uma pintura representando um corpo humano, porém com traços marítimos, pois estes personagens representavam seres marinhos em alguns momentos, e a própria água em outros.

O espetáculo apresentado pela quadrilha Ceará Junino no ano de 2019 foi composto por, em média, duzentos e cinquenta contribuintes na figura dos: coreógrafos; dançantes; profissionais atuantes na construção dos elementos: estilista, costureiras, bordadores, sapateiro, chapeleiro, cenografista; músicos; equipe de estúdio; pessoas que

atuaram no apoio, encarregados pela montagem e desmontagem do cenário; equipe de iluminação; equipe de som; motoristas, responsáveis pelo transporte dos brincantes e dos elementos de cena aos locais dos espetáculos; e os responsáveis pela parte burocrática, como inscrição em editais e festivais.

De forma descritiva, o espetáculo se inicia com uma representação do mar, composta pelos brincantes vestidos capas de chuva com *led* azul. Após este momento, os homens performam a dança do coco, como uma estratégia de representação cultural tradicional, em seguida acontece a encenação do casamento simulado e o momento dos noivos junto ao corpo de baile. Os painéis se abrem e os brincantes, juntos ao corpo de baile, incorporam uma coreografia de balé contemporâneo, até que a quadrilha, propriamente falando, se inicia.

Na apresentação da quadrilha estudada há alguns momentos de destaque, são eles: o momento das damas, com a representação de rendeiras a partir de uma coreografia própria, expressando publicamente a figura, automeada, das mais belas damas do São João; e o momento dos cavalheiros, de forma menos expressivas, retomando a dança do coco. Por fim, o espetáculo se finaliza com a performance da rainha, representando a chegada dos jangadeiros viajantes ao Rio de Janeiro e o encontro com Getúlio Vargas.

5.2. A quadrilha como comunidade

Firth (1974) determina como comunidade um grupo de pessoas que participam de atividades comuns e se ligam através de múltiplas relações. Nesse contexto, trazendo para a realidade da cultura junina brasileira, percebe-se que essa ideia se constitui a partir de níveis de comunidade. considerando o cenário quadrilheiro ao nível Brasil, constitui-se um sentido de comunidade partido da realização de uma atividade em comum, a dança, e um conjunto símbolos e signos comuns a todos inseridos nesse meio. Esta mesma linha lógica se aplica em uma visão regional, da qual há um afinamento nesse todo a partir das diferenças, outra vez partidas da cultura, da forma de fazer e dançar quadrilha, que se fortifica em um universo simbólico compartilhado através da construção histórica da região em questão e, em uma ótica contemporânea, relações interestaduais de competições de quadrilhas juninas.

Mesmo dentro desse ideal regional, ainda é perceptível, partindo da definição de comunidade de Firth (1974), outra noção, ainda mais fragmentada, dentro de uma realidade estadual. Esta se faz notória através das múltiplas relações entre os grupos, tendo como

principal ponto, a constituição de um estilo estadual partido da relação entre as quadrilhas e os festivais, com base em um sistema de quesitos e notas que se adaptam à realidade dos grandes grupos, pois esses estão mais propícios à inovação. Além disso, a formação de uma comunidade estadual se fundamenta também pela atuação destes grandes grupos como verdadeiros lançadores de tendências, conforme apontado por Seixas Soares, quando coloca a quadrilha Ceará Junino como grande lançadora de tendências do São João, sendo copiada por quadrilhas de todo o Brasil.

Embora os grandes grupos funcionem como propagadores de um estilo junino em de determinada região, os elementos são aplicados em outras quadrilhas a partir de distintas realidades sociais, financeira e, sobretudo, de execução. A ideia de um estilo homogêneo de quadrilha para determinado estado é completamente inexistente, pois os grupos considerados para tal padrão, são megagrupos que não representam, por diversos motivos, a comunidade junina de um estado em sua totalidade. Menezes Neto (2009) aponta o cenário competitivo regional como um dos principais difusores de uma errônea noção de homogeneidade, pois estes tendem colocar todos os grupos de um estado em um mesmo padrão:

Os concursos regionais ao articular outro nível de pertencimento, podem gerar uma nova classificação, pois, “pernambucana” ou “cearense”, por exemplo, que deveriam ser apenas adjetivos pátrios para identificação de sua localidade, são preenchidos de conteúdos e passam a representar uma estética específica e característica do Estado denotando uma falsa impressão de homogeneidade, como se toda as quadrilhas de um mesmo estado compartilhassem, invariavelmente, da mesma concepção (MENEZES NETO, 2009, p 64-65).

A partir da realidade competitiva e do crescimento do movimento junino com a organização social doravante a criação das federações juninas, as quadrilhas passaram a fazer parte de um ambiente que gradativamente se tornou mais competitivo. Desse modo, os grupos passaram a temer o plágio, se fechando cada vez mais em seus processos criativos, a fim de evitar o vazamento de informações. Esta prática foi ainda mais intensificada com a consagração dos temas como guias chaves para construção dos espetáculos. No caso do grupo estudado, quadrilha Ceará Junino, é possível perceber este movimento, quando as informações do espetáculo de forma geral e o figurino só são exibidos e explicados aos próprios brincantes em um evento fechado, vinte cinco dias antes da estreia do espetáculo.

Portanto, podemos falar também da existência de uma comunidade junina com base em cidades, pois estas têm uma relação ainda mais próxima com base nas competições diretas, mas também em uma comunidade constituída pelos próprios grupos, pois estes

trabalham de forma conjunta, ainda mais que as quadrilhas de uma cidade, estado, região ou país; mesmo que todos os níveis tenham suas múltiplas relações e participem de atividades comuns: a competição e a dança da quadrilha. Para melhor compreensão de comunidade Firth (1974) aponta quatro componentes essenciais para a existência social de uma comunidade, são estes a composição social, os controles sociais, os meios sociais e os padrões sociais:

A composição social é essencialmente a ordenação das pessoas que compõem a comunidade. Inclui a divisão das pessoas por sua ocupação, a graduação hierárquica, inclusive a ritual, assim como a organização das pessoas por seu papel social e status sociais. [...] Os controles sociais são os fatos regularizadores da vida da comunidade, que envolve sistemas de crença e procedimentos através dos quais a atividade pode ser guiada e controlada. Incluem também os conjuntos de regras de etiqueta, moral, lei e ritual. [...] Toda vida em comunidade envolve um sistema de padrões, que organiza a escolha das atividades e julga a eficácia da performance. Esses padrões sociais representam valores em sua expressão como atividade (FIRTH, 1974, p. 59-60).

Na realidade comunitária de uma quadrilha junina, sob a perspectiva da quadrilha Ceará Junino, é notória a existência de todos os componentes levantados por Firth (1974). O primeiro componente para configuração de comunidade, a composição social, é percebida a partir dos setores de funcionamento e as pessoas responsáveis por tal, em prol da manutenção da quadrilha: a dança, o teatro, o figurino, o cenário, a criação. Além disso, se faz muito clara uma noção hierárquica, pois o grupo funciona a partir de representatividades de poder na figura do presidente, vice-presidente e diretor, mas também, para além de uma questão institucional, com a concepção de *status* a partir da representação dos destaques: casal de noivos, rainha e marcador.

O *status* no meio ultrapassa os papéis de destaque somente na configuração do espetáculo, colocando o próprio grupo como marcador social, pois há uma *glamourização* em fazer parte de grandes quadrilhas. A visibilidade daqueles que fazem parte desses grupos, no meio junino, é maior que àqueles que estão em grupos menores. Portanto, o ato de participar de quadrilhas como a Ceará Junino, por exemplo, já é um ato munido de *status* social. Conforme com os dados levantados em campo, a quadrilha Ceará Junino tem a maioria dos seus atores residentes de áreas periféricas de Fortaleza, com a maior concentração em torno do bairro Barra do Ceará, confirmando a lógica da antropóloga Luciana Chianca (2007), quando afirma serem as zonas periféricas os setores residenciais das pessoas que constituem o meio junino.

Por estarem inseridos em uma realidade socioeconômica sem muitos privilégios, os brincantes são atraídos pela visibilidade e grandiosidade dos espetáculos apresentados

pelos grandes grupos. O pertencimento dos brincantes nestes espetáculos, apesar de todas as dificuldades, principalmente financeiras, são nutridos pelo sentimento de pertença ao movimento através de um grupo famoso, se traduzindo na construção simbólica de visibilidade, pertença e acesso a um tipo de luxo que estes não possuem em suas vidas cotidianas. O ato de dançar quadrilha permite aos brincantes encarar realidades diferentes das suas, fugir dos afazeres do dia a dia, vivenciar aquilo como uma experimentação de algo que não se tem, como apontam Talita, Ingrid e Dulcelina:

Dançar quadrilha representa mais que vim todos os sábados e domingos, é uma válvula de escape de todos os afazeres, do trabalho, da vida de dona de casa, de mãe, de profissional. E eu acho que é uma válvula de escape realmente, o dançar, o confraternizar com os amigos. [...] No dançar eu consigo transmitir alegria, minha vontade, minha beleza, a minha beleza que eu digo assim, porque a gente se produz, a gente demanda de um tempo pra poder ficar bonita. E assim, eu acho que é uma extensão de todo o esforço que a gente passa durante seis meses. (Talita Karla, 29 anos, maquiadora e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 17 de fevereiro de 2019).

Dançar tem que vir de você, é uma inspiração que você tem que ter enorme. É você acreditar também em você, porque também se você não acreditar, você nunca vai conseguir executar um movimento. Dançar isso aqui é vida. Para os ricos, luxo é dinheiro, para a gente o luxo é dançar. (Ingrid Rodrigues, 20 anos, dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 17 de fevereiro de 2019).

Eu sempre busco na quadrilha viver a Dulce diferente, que não é professora de educação física, que não é mãe, que não é dona de casa, que não é esposa. [...] O momento de você poder ser outra pessoa, de poder fazer coisas diferentes. E aquilo é muito prazeroso para mim, eu amo fazer isso. (Dulcelina Lima, 37 anos, diretora de marketing e noiva da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 4 de setembro de 2019).

No grupo, de forma cultural, é incitada a competição interna para a escolha de quem ocupa as primeiras fileiras do espetáculo. A aceitação dessa competição por parte dos brincantes é motivada por um *status* simbólico dentro e fora da quadrilha Ceará Junino, pois as fileiras frontais estão os dançarinos com melhores desempenhos. Além disso, dentro de um universo de visibilidade, de ser visto, são os que pertencem a esse território no espetáculo que estão em evidência quando desempenham a função de dançarinos. As fileiras colocam em voga uma questão de ego e autossatisfação pessoal daqueles que conseguem avançar em direção à frente do espetáculo, podendo ser um indicador de permanência ou abandono do grupo, como aconteceu na construção do espetáculo “É tudo verdade” da quadrilha Ceará Junino, quando por ser deslocada uma fileira para trás, uma das brincantes se desligou do grupo e passou a compor o espetáculo de um grupo rival.

Na configuração da quadrilha como um meio cultural e, sobretudo, social, alguns aspectos da performance masculina e feminina, dentro de uma ótica heteronormativa arraigada de aspectos sexistas, são predeterminados àqueles que fazem parte como dançantes. Seixas Soares no segundo ensaio da quadrilha Ceará Junino em 2019, enquanto visualiza o desempenho dos brincantes, apontou os homens como a força do espetáculo, a garra, a espinha dorsal de um corpo; e as mulheres como a leveza, a beleza, a alma desse corpo. Nessa colocação, alguns pontos são questionáveis, pois reafirmam o papel apenas estético da mulher, enquanto o homem é o responsável por fazer, atuando como um marcador social da performance feminina e masculina no espetáculo junino.

Apesar dos altos custos e ensaios exaustivos nos dias de descanso da rotina diária, os atores sociais do universo junino demonstram grande interesse em fazer parte dos espetáculos, mesmo que isso signifique se endividar para além do período do ciclo junino. Se comparados os gastos dos personagens masculinos e femininos do espetáculo junino, o gasto feminino é muito maior, pois a parte estética feminina requer muito mais recursos. Por esse motivo, geralmente, os gastos durante todo o ciclo junino, de janeiro a julho, são divididos entre os pares; em alguns outros casos, estes em menor frequência, o gasto é todo custeado pelo cavalheiro, seguindo uma lógica também patriarcal do homem provedor.

O segundo componente essencial para a existência social apontado por Firth (1974) são os controles sociais. Estes são assegurados através da institucionalização dos papéis de liderança e poder nas figuras do presidente, vice-presidente, diretor criativo e os responsáveis pela criação de outros setores, principalmente na dança, na maquiagem e no bordado, pois os brincantes precisam seguir os direcionamentos desses. O controle para o autor se dá também a partir do sistema de crença e rituais. Neste contexto, a quadrilha Ceará Junino possui, desde seu primeiro ensaio, um momento de oração junto ao grupo católico Shalom³⁴, podendo este ser guiado pela figura de integrantes do grupo católico convidado, ou somente na figura de Seixas Soares, participante da comunidade.

Os encontros acontecem sempre antes dos ensaios. Seixas convida todos que se sentirem à vontade, os brincantes e acompanhantes, a se posicionarem em um círculo na quadra e inicia um momento reflexivo e de oração. O momento mistura uma espécie de discurso motivador, em formato de pregação; com músicas gospel; e orações da religião

³⁴ Presente em dezenas de países do mundo, a Comunidade Católica Shalom é formada por homens e mulheres que, na diversidade das formas de vida presentes na Igreja, engajam-se em uma vida comunitária e missionária com a finalidade de levar o Evangelho de Jesus Cristo a todos os homens e mulheres, especialmente aqueles distantes de Cristo e da Igreja. (SITE Shalom. Disponível em: < <https://comshalom.org/comunidade/>>).

católica. Os dirigentes da quadrilha, principalmente Seixas Soares e Roberto Severiano, relatam que a partir desse momento, algumas pessoas os colocam em um lugar de líder e se sentem confortáveis para partilhar vivências e pedir conselhos. Estes momentos sempre levam alguns participantes, motivados pelo misticismo que é mesclado com as questões internas e pessoais, a chegar ao ponto de extrema emoção, chorando enquanto a oração acontece.

Nem todos presentes nos ensaios participam do momento. Isto acontece por alguns não se sentirem à vontade, ou aquela ocasião não condizer com a manifestação religiosa aderida, ou, ainda, por preferirem orar em lugares separados. De modo geral, a maioria presente participa da oração por compartilharem da crença, dos símbolos e signos colocados ali; por aprovar e aceitar a fala do Seixas, que por vezes mescla com discursos de autoajuda, com uma base de *coach*³⁵, pois o diretor criativo tem formação nessa área; ou apenas para manter aparência, estando presente para fazer parte do momento, se incluir.

Os controles sociais se dão também a partir da exigência no que diz respeito às datas e horários dos ensaios, apresentações e viagens. O processo criativo, principalmente da coreografia, se baseia na presença de todos os participantes, pois uns dependem dos outro na formação de desenhos coreográficos. Por conta disso, a cobrança do cumprimento dos horários estipulados para os ensaios era corriqueira, pois o atraso no horário significava o atraso em relação ao avanço coreográfico do coletivo. Mesmo em um ambiente repleto de competição interna, o que predomina é o comprometimento com o todo. É comum, dentro de um ambiente de ensaio, se deparar com a cena de pessoas, geralmente aqueles que estão nas fileiras frontais, repassando, em momento de pausa, a coreografia para aqueles que se atrasaram.

A cobrança em relação aos horários de apresentações e viagens são justificadas pela penalização ao grupo como todo nos festivais. Estas punições acontecem a partir do desconto de notas, na eliminação da quadrilha da competição, ou, em alguns casos, a realocação para o final do festival, passando a ser o último a se apresentar. Quando algum brincante tem problema para comparecer ao local de apresentação, como aconteceu com a quadrilha estudada no Festival Arraiá da Juventude, acontecido dia 08 de junho de 2019 no bairro Barra do Ceará, o grupo precisa fazer um ensaio de última hora, reorganizando as coreografias para serem feitas sem a presença do faltante e, conseqüentemente, sem o par.

³⁵A palavra *coach* deriva do inglês e significa literalmente treinador, especialmente usada para se referir ao treinador esportivo ou ao professor que apoia individualmente um aluno numa disciplina específica. É usada em português com um uso específico que não remonta totalmente o seu significado em inglês. (FONTE: Dicionário Oxford Languages).

Estas situações geralmente causam uma certa frustração naqueles que dançam juntos, pois apesar de não haver possibilidade de dançar solo, são colocados em cheques todos os esforços físicos e financeiros através dos ensaios e da quantidade de tempo e dinheiro investidos.

O terceiro componente para se obter uma comunidade é o meio social. Este se faz muito claro na constituição do grupo, do circuito junino e de toda uma comunidade do qual estes estão envolvidos. As relações dentro do meio vão se afunilando a partir da proximidade dos agentes, por mais que em todos os níveis haja trocas, estas são intensificadas nas relações mais próximas, como as constituídas nos grupos juninos. Por fim, Firth (1974) aponta os padrões sociais como fator constituinte de um meio comunitário. Tomando a quadrilha estudada e suas construções como exemplo, as concepções de constituição dos espetáculos têm sempre uma base inovadora, de ser percebido pelo meio como referência, conforme aponta Seixas Soares:

Hoje faz oito anos que nós fomos percebendo que nós estávamos deixando para o cenário de quadrilha algo sólido. Então foi despertando em mim e em todas as pessoas que trabalha comigo que nós estávamos deixando uma herança para São João. Então, a partir daquele momento começou-se uma cobrança. Essa cobrança ela vem através de uma evolução, experiência de vida, ela vem crescendo através do número de espetáculos, ela vai crescendo quando você vai dançar quatro horas da manhã e tem uma multidão lhe esperando. Então você vai percebendo que importância você passa a ter para o Brasil, culturalmente direcionado para as quadrilhas. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado dia 06 de outubro de 2019).

Neste contexto, o ato de participar da quadrilha Ceará Junino, já traz consigo a característica inovadora com um padrão, os participantes, veteranos e novos, já esperam esse formato de construção do grupo, e o próprio espera uma postura condizente com a proposta inovante dos espetáculos, formando um perfil particular para o grupo. Esse perfil, no que diz respeito à figura feminina do espetáculo, a dama, se faz perceptível na imagem da rainha e coreógrafa da quadrilha, Mara Alexandre. Estudante de dança pela Universidade Federal do Ceará (UFC), expressando em seus movimentos e comportamentos a mescla de teoria acadêmica e prática da vivência no meio, a rainha da quadrilha Ceará Junino, dentro do perfil inovador do grupo, conseguiu criar um estilo próprio de dança que, em pouco tempo, foi exportado para outras quadrilhas em formato de *workshop*, repassando não somente as maneiras de dançar, mas também o padrão do grupo.

Em um sentido de comunidade estabelecida, Firth (1974), aponta os primeiros grupos como os mais importantes para o desenvolvimento social, esses grupos são tidos como primários por serem o menor tipo de unidade cooperativa de uma sociedade, são unidades de

pequena escala cujos membros mantêm um contato pessoal estreito na vida diária, como por exemplo as famílias, grupos de trabalhos, grupos de vizinhança, grupo de recreação, e neste caso, os grupos juninos. Esses grupos são socialmente vitais, pois oferecem vários tipos de satisfação pessoal como sentir-se seguro em meio ao grupo, exercer poder sobre outros, exibir habilidades e inventar soluções para suprir as necessidades do grupo, obter gratificações morais através da exibição de amor e auto sacrifício.

Cascudo (1947) coloca que nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família, dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetivo, este sentimento se estende quando Firth (1974) destaca que os diferentes grupos primários tendem a coincidir ou a se sobrepor em grande parte. Isso acontece quando familiares se encontram na mesma igreja ou escola, trabalham juntos ou participam dos mesmos grupos recreativos. Essa prática é muito comum na quadrilha Ceará Junino, pois, como já levantado anteriormente, o grupo teve seu início no seio familiar e se estendeu, através do seu crescimento, para outros membros, porém grande parte da família inicial permanece até hoje. Assim acontece também com brincantes que, em alguns casos, dividem as quadras com seus conjuges, parentes e até parentes mais próximos: mães, pais e tios.

De modo geral, a quadrilha é compreendida como comunidade, pois as atividades exercidas são comuns a todos que dançam através das múltiplas relações do meio. Este movimento comunitário se intensifica com o nascimento das competições, pois nesse momento os grupos necessitam se organizar para ensaios e as relações entre os atores e o meio se fortalecem. Atualmente, no viés espetacularizado e estilizado, os grupos além de movimentarem uma maneira própria de convívio através de costumes e modos, funcionam também como verdadeiras empresas, com setores específicos para cada parte criativa e burocrática do processo de criação do espetáculo, de modo a otimizar e controlar o desenvolvimento.

5.3. Organização setorial da quadrilha Ceará Junino

Assim como a noção de comunidade se constituiu na quadrilha junina, principalmente após o surgimento do movimento competitivo, esta mudança no ambiente do dançar mesclada com a evolução e organização dos festivais, a partir das federações, influenciou também na mudança estrutural da quadrilha. Antes feita de uma maneira intuitiva, sem aparatos técnicos, hoje a quadrilha se apropria de conceitos administrativos e teóricos e constituem verdadeiras empresas, dividindo seus processos em setores, como aponta Roberto Severiano, presidente da quadrilha:

Aí tem o grupo de gestão, tem o grupo de maquiagem, tem o grupo de figurino, tem o grupo financeiro. Porque desse jeito fica mais fácil, porque se tornou muito grande. Quem tomava de conta, na verdade, de isso aqui era eu e o Seixas. Desde o começo foi sempre nós dois, né? Os outros ajudavam, mas a frente era sempre a gente. Aí chega um momento que não dá mais não, foi tomando uma proporção muito grande. Aí se formou esses grupos e eles ajudam muito dentro da quadrilha, né? (Roberto Severiano, 53 anos, presidente da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 10 de março de 2019).

No ambiente empresarial³⁶, Chiavenato (2003) destaca a administração como forma de orientar, dirigir e controlar os esforços de um grupo de indivíduos para um objetivo comum, uma atividade essencial a todo esforço humano coletivo, seja na empresa industrial, na empresa de serviços, na igreja, grupos teatrais, ou, no caso desta investigação, o campo junino. Neste sentido, compreende-se que para execução do projeto de um espetáculo de grandes grupos, se faz inevitável o uso da administração e suas teorias, pois é necessário, principalmente em um meio competitivo, controlar a execução do planejamento para que nada saia do esperado e o grupo obtenha bons resultados nas competições.

Maximiano (2000), destaca como funções administrativas o planejamento, organização, liderança e controle. Chiavenato (2003), por sua vez, define o planejamento como a função que determina antecipadamente quais são os objetivos a serem atingidos e como se deve fazer para alcançá-los. Nesse estágio, o autor destaca como funções a definição da missão, formulação dos objetivos, definição dos planos para alcançá-los e a programação das atividades.

Já a organização, é definida por Chiavenato (2003) como o ato de organizar, estruturar e integrar os recursos e as pessoas para atingir os objetivos. Processo que consiste

³⁶ organização econômica, civil ou comercial, constituída para explorar um ramo de negócio e oferecer ao mercado bens e/ou serviços.

em determinar as atividades específicas necessárias ao alcance dos objetivos planejados, adaptando as atividades em uma estrutura lógica, as designado aos seus responsáveis. Ou seja, aqui, os objetivos são desmiuçados em metas. Nesse momento acontece a departamentação na divisão das atividades em setores com proximidade de conhecimentos técnicos e, por fim, são apontados os cargos e tarefas daqueles que compõem o quadro de funcionários com base também nas suas competências.

A direção está ligada ao funcionamento dos planejamentos. O papel da direção é direcionar e dinamizar a empresa através da comunicação, liderança e motivação, com o objetivo de dirigir os esforços para um propósito comum. Por fim, Chiavenato (2003), coloca o controle como assegurador dos resultados planejados, organizados e dirigidos quanto aos objetivos previamente estabelecidos. Sua essência está na verificação da atividade controlada, identificando se a ação está ou não alcançando os objetivos ou resultados. O autor divide o controle em um processo cíclico composto por quatro fases:

O estabelecimento de padrões ou critérios, que proporcionam meios para se estabelecer o que deverá fazer e qual desempenho ou resultado a ser aceito como normal ou desejável. [...]Observação do desempenho, que busca obter informação precisa a respeito daquilo que está sendo controlado. [...]Comparação do desempenho com o padrão estabelecido, com função de verificar eventuais desvios ou variações. [...]Ação corretiva, visa fazer com que aquilo que é feito seja feito exatamente de acordo com o que se pretendia fazer (CHIAVENATO, 2003, p. 176-178).

No contexto da criação do espetáculo, conforme o processo da quadrilha Ceará Junino, a missão geral é, de certa forma, universal a todas as montagens: constituir um espetáculo inovador que encha os olhos de quem o assiste, resultando no bom desempenho nos festivais. O processo criativo se inicia com uma base do que se quer abordar, e é nessa etapa que os objetivos são estipulados. No caso do grupo estudado, que o tema circularia em torno do universo de pescadores, contando a história que seria retratada pelo filme de Orson Welles, o espetáculo precisa estar nos padrões inovadores adotados como marca pelo grupo, mas ao mesmo tempo ao universo junino, retratado a partir de uma “regionalidade” e “tradicionalidade” no que diz respeito ao formato.

A partir disso os diretores determinam e planejam como serão levantados os recursos, principalmente financeiro, para executar o projeto: as rifas, eventos e carnês pagos pelos participantes; a quantidade de brincantes necessários para realização do espetáculo; e como serão abordados esteticamente os elementos. Apoiado nisso, o grupo de dirigentes cria estratégias para alcançar o público, através do “Primeiro Ensaio”, por exemplo, pois os recursos, tanto financeiro quando humanos, serão constituídos através do alcance de novos e

antigos membros. O ciclo junino já se inicia com toda a programação semestral, referente ao período de ensaios e construção do espetáculo, pré-definida. O mesmo acontece com as competições, o grupo já inicia o período de apresentações sabendo quais os festivais se apresentarão.

Por se tratar de um grupo muito grande, faz-se necessária a divisão setorial para melhor funcionamento dos planejamentos, que partem de Seixas Soares, diretor criativo do grupo, junto a contribuições da diretoria nas tomadas de decisões, no papel de Roberto Severiano como presidente, Tony Lima como vice-presidente, Wagner Pereira e Tânia Soares como secretários. Esta configuração é constituída seguindo os parâmetros de organização e liderança, tidos como segunda e terceira funções administrativas na teoria de Chiavenato (2003). A setorização se configurou com as sete áreas de divisão do grupo: gestão, figurino, marketing, produção, coreografia, casamento e regional. A equipe de gestão, composta por cinco membros, tem a função de gerir a logística de quaisquer produções que a quadrilha realizasse para conseguir recursos, fossem elas o planejamento para uma viagem, a produção de um evento ou a comercialização de camisetas, por exemplo.

O grupo responsável pelo figurino, com quatro componentes, se encarrega pela parte burocrática para a realização do figurino: sinalizar as cores escolhidas pelos pares, compra de aviamentos e tecidos dentro e fora do estado do Ceará. Além de tirar as dúvidas dos brincantes. O marketing da quadrilha, composto por nove integrantes, conta com uma gestora e tem seu funcionamento voltado, principalmente, para as redes sociais, a partir da realização e divulgação de eventos e criação de comunicação visual. Estes também criam, em algumas datas comemorativas, ações para os brincantes. A equipe de produção, as pessoas responsáveis pelo trabalho de montagem do espetáculo, trabalho mais manual e pesado, foi composta por seis gestores, porém, ao longo do espetáculo, outras pessoas passam a compor este time também – geralmente os familiares dos dançantes.

As coreografias do espetáculo foram subdivididas entre os três coreógrafos: o corpo de baile, composto por quinze bailarinos e a coreografia do casal de noivos, assinadas por Elioaldo Ananias; a coreografia do grupo como um todo, a quadrilha, dividida entre Diego Rocha e Mara Alexandre; e a rainha da quadrilha, além de coreografar o grupo, também foi responsável por realizar e executar seus próprios movimentos. O casamento, toda a parte cênica do espetáculo, foi coordenada por Cleiber Andrade, atuando como roteirista e desenvolvedor do enredo do espetáculo na totalidade. A encenação do casamento contou com a atuação de dezesseis pessoas. A quadrilha contou também, para o espetáculo apresentado,

com os responsáveis pela parte musical: o regional. Esta equipe, formado por um gerente e dez músicos, encarregados, além de tocar e cantar as músicas dançadas, por fazer a pesquisa das mesmas, no caso do gerente, e os rearranjos e adaptações dessas, no caso dos músicos.

Além desses, a quadrilha Ceará Junino também contou com uma equipe, composta por quatro maquiadores, voltada para elaboração e reprodução das maquiagens de todos os personagens do espetáculo: dançarinos, corpo de baile, casamento e destaques. Existiram ainda, fora do ambiente de ensaios, um grupo de profissionais responsáveis pela execução do figurino, do qual faziam parte uma estilista, quatro costureiras, um sapateiro, um chapeleiro, uma artesã e um bordador, totalizando nove profissionais. No mesmo sentido de operacionalização dos projetos, estava presente um cenógrafo, responsável por toda a execução da construção das jangadas utilizadas, e duas pessoas responsáveis pela impressão dos painéis. Portanto, em modos gerais, a quadrilha Ceará Junino se organiza conforme o organograma a seguir:

Ilustração 17 – Organograma organizacional da quadrilha Ceará Junino 2019.



Fonte: Elaboração própria do autor.

Por fim, o controle é assegurado pelo grupo a partir da criação de padrões em todas as áreas visuais: dança, figurino como um todo, maquiagem e cabelo. Para assegurar estes padrões, são realizadas constantes inspeções de desempenho pelos setores criativos e, ainda, pela minuciosa revista de Seixas Soares. Em alguns casos, especialmente para as mulheres, pois essas contam com uma produção mais acentuada, o diretor criativo pode indicar que o elemento estético seja refeito, ou, em casos extremos, mencionado por alguns brincantes do grupo, por conta do não alcance do padrão a participação em competições pode ser vetada, intencionado por assegurar a grandiosidade estética do grupo e, sobretudo, o título autodeclarado de “As damas mais belas do São João do Brasil”.

5.4. Processos criativos na construção da quadrilha junina atual – Espetáculo “É tudo verdade”

A evolução do meio junino é representada e percebida a partir dos grandes espetáculos apresentados pelos grupos. A cada ano os trabalhos elaborados pelas quadrilhas, tendo em vista o anseio pela superação, adquirem mais o formato de *show*, se munindo cada vez mais da beleza plástica a fim de se destacar perante os outros grupos e se assegurar como inovadores e grandiosos, apoiando-se no deslumbramento do público. Para realização de tamanhas produções, sob uma perspectiva comercial da quadrilha junina seguindo padrões empresariais, como apontado no tópico anterior, os grupos passam por um longo processo criativo dos seus elementos, construindo verdadeiros produtos de cunho artístico e cultural.

A partir de uma visão comercial, considerando uma criação com base no *design*, Lubart (2007) coloca que o processo criativo diz respeito à sucessão de pensamentos e ações que desembocam nas criações originais e adaptadas. O autor define como modelo clássico de processos criativos um sistema dividido em quatro partes: a fase da preparação, que diz respeito a coleta de informações, análises iniciais e trabalho consciente; a fase da incubação, que se refere ao descanso, jogos associativos inconscientes e esquecimento dos detalhes; a fase da iluminação, que diz respeito a emergência da ideia; e a fase da verificação, que diz respeito a conclusão das ideias.

No mesmo sentido de elaboração de uma metodologia projetual, Munari (1981) defende uma linha lógica dividida em doze pontos para o processo criativo na projeção de um novo produto. Esse método se inicia pela definição de um problema; após se faz a identificação e definição do tipo de solução pretendida que, conforme a necessidade do

projeto, pode ser: solução provisória, solução definitiva, solução puramente comercial, uma solução que dure no tempo, uma solução tecnicamente sofisticada ou uma simples e econômica. Ainda sobre o problema, se faz necessário percebê-lo sob a divisão em seus componentes, pois quando colocados em evidência os pequenos problemas que compõem o todo, a compreensão e resolução do problema inicial se torna mais fácil.

Após a sedimentação do problema, se inicia a pesquisa de dados, com o intuito de identificar quais recursos já foram utilizados para o mesmo segmento de atuação; seguido da análise das informações recolhidas, julgando, a partir dos dados pesquisados, o que melhor se enquadra na realidade do projeto. Com todos os dados recolhidos e analisados, é o momento de a criatividade entrar em ação se mesclando com as informações para encontrar a melhor solução possível para o problema. Nesse momento entra em cena mais uma etapa de colhimento de dados, desta vez direcionado às possíveis tecnologias disponíveis para execução do planejado, que após selecionado, passa pela etapa de experimentação, verificando se o resultado alcançado pela técnica e material escolhidos conseguem proporcionar os resultados esperados.

Murani (1981) aponta que as experimentações se transformam em modelos realizados para demonstração de possibilidades dos materiais selecionados. A partir daí, inicia-se o processo de verificação dos mesmos sob o olhar e opiniões de terceiros, que para o autor, é o momento de demonstrar suas decisões para solução de problemas às pessoas próximas e de confiança, pois estes podem contribuir, a partir de uma visão mais ampla, para melhorias do planejado. Somente depois da definição definitiva dos materiais e formas são feitos os desenhos construtivos, que se desdobram no modelo, conseqüentemente na solução encontrada para resolução do problema, que posteriormente, se transforma em produto e inicia-se a produção.

O campo da quadrilha junina contemporânea, assim identificada a quadrilha estilizada em voga nos festivais juninos atuais, apesar de aplicá-lo inconscientemente em partes, não utiliza em seu processo criativo os processos tais quais teorizados por Lubart (2007) e Murani (1981) como guias condutores de suas criações. Mesmo sendo colocado com um produto cíclico, que se renova anualmente, os grandes espetáculos carregam em seu seio grande carga artística e cultural, colocando em pauta o que Murani (1981) enfatiza quando afirma que o projetar é fácil quando se sabe o que fazer. No âmbito junino, as formas de fazer a dança, se constituíram sob uma conduta folclórica, passadas por gerações com base na

vivência e experimentação. Mesmo que não se saiba como fazer determinado elemento de inovação, se conhece o meio a partir de uma vasta experiência de vivências.

Murani (1981) aponta que a criatividade, que de acordo como senso comum se entende como principal condutor do processo criativo, não significa improvisação sem métodos, desse modo apenas se faz confusão e se cria a ilusão de se sentir um artista livre. Nesse contexto, dentro de uma perspectiva social e cultural, Ostrewer (1978) defende que a natureza do criar diz respeito a uma criatividade individual dentro de um meio cultural, que ao mesmo tempo que o meio é transformado, dá margem para sua própria transformação a partir da construção de percepção desse mesmo meio cultural inserido, como meio inspirador para criação. A autora ainda aponta que a criação, por sua vez, se forma a partir de atitudes básicas do ser: da sua capacidade renovadora e seu engajamento.

Para Ostrewer (1978), quando as criações tomam forma elas passam a ser entendidas como uma estrutura de relações, pois é a partir da forma que se constitui o poder significativo. Assim, as ordenações passam a surgir em nossas percepções e se cria um seletivo enfoque que existe nos próprios relacionamentos. Os relacionamentos, segundo a autora, são divididos em dois tipos: um voltado a organização do campo e outro a organização do grupo. No campo se fixam os acontecimentos reconhecidos como importantes, o fenômeno é vivenciado pela sua existência sensual. Neste tipo, a percepção de si, das coisas e do próprio fazer se constitui de um modo mais subjetivo e específico. Já nas organizações de grupo, é comum a comparação e a generalização; a percepção pode ser compreendida como mais objetivada nos acontecimentos e tendo consequências mais racionais.

Usando o universo da quadrilha junina como exemplo, entende-se o grupo junino como o campo e o meio competitivo como o grupo. Na quadrilha, os espetáculos são criados sob uma ideia de deslumbre dentro de uma visão clara e objetiva a partir dos campeonatos que são pretendidos participar. Já no meio competitivo, os torneios seguem um padrão na sua constituição, pois as quadrilhas são percebidas pelos jurados e espectadores a partir da comparação entre os grupos e a generalização do que se espera, limitando a participação a um certo perfil. O perceber, no meio competitivo, é mais objetivo, pois todos presentes já sabem o que esperam do grupo apresentado.

Assim como o criar está diretamente ligado ao meio cultural, para Ostrower (1978) o estilo também está diretamente ligado a este fator, pois ele é uma maneira de pensar, e o pensamento perpassa a realidade dos signos, símbolos e significados de uma sociedade. Trata-se então de uma expressão alcançada somente após adquirir experiência e dominar o

meio inserido; o estilo é uma forma de imaginar e agir; uma forma de cultura estabelecida no campo ou no grupo; diz respeito às visões de vida; é no estilo que estão os conhecimentos, técnicas e tecnologias disponíveis a uma sociedade em um determinado momento, portanto ele afeta diretamente o processo criativo, pois todo criar depende de modo direto das tecnologias e métodos disponíveis.

A autora define o processo de criação como um processo vivido que abrange uma abertura da consciência, sendo enriquecedor tanto para quem cria quanto para quem recebe a criação. Dentro de uma visão de arte, para Ostrower (2013), é inexistente a criação artística sem acasos, pois eles se traduzem em momentos de inspiração ou descobertas, apontando para novas direções e soluções. Sob a perspectiva geral da criação, seja ela artística ou comercial, há sempre uma problemática na compreensão do público dentro de uma sociedade voltada ao consumo, as pessoas não enxergam as criações como fruto de um processo, um caminho percorrido pela sensibilidade, imaginação, pesquisa, testes; somente o produto final é valorado.

A quadrilha junina atual passa a ocupar facilmente dois lugares criativos: o de produto, consumido quase que de forma comercializada, do qual se pode facilmente aplicar os princípios criativos do *design*; e o artístico, quando se colocam em pauta as formas expressivas do seu produto, constituídas, mesmo que em sua não totalidade, de uma liberdade criativa que ao mesmo tempo que é deslumbrada, é consumida nos eventos juninos. Munari (1981) aponta em sua teoria projetual, duas categorias de produtos: o complicado, quando os elementos que o compõem pertencem às várias classes diferentes; e o complexo, constituído de um grande número de elementos reagrupáveis, mas em poucas classes. Nesse contexto, a quadrilha junina é colocada como um produto complexo, pois sua completude é construída a partir de vários elementos.

No estudo do espetáculo “É tudo verdade”, apresentado pela quadrilha Ceará Junino em 2019, o processo se iniciou, como apontado anteriormente, a partir das pesquisas do trabalho do ano anterior. Nesse contexto, Seixas Soares, projetista do espetáculo, partindo de suas pesquisas, chegou no enredo central apresentado, a história dos quatro pescadores abordada no filme “*It’s all true*”, que se desemborcou no nome do espetáculo. Faz-se importante frisar que o processo criativo junino não acontece de forma sistêmica, acompanhando uma linha sequencial de acontecimentos, pelo contrário, após a decisão do enredo central, todas as linhas criativas acontecem de forma quase que simultânea.

Para Seixas Soares, o processo criativo do grupo se inicia com a observação de atividades habituais, como a leitura de livros, acessos na internet, de espetáculos assistidos, e nesse contexto surge a vontade de falar sobre determinado assunto, assumindo, de forma mais romantizada, a ideia de pesquisa apontada por Munari (1981) ou preparação para Lubart (2007), partindo de uma interação e interpretação do meio vivido, conforme Ostrower (1978). Nesse processo criativo de Seixas, ainda é levado em consideração os elementos de mercado como importante quesito avaliativo para as tomadas de decisões de realização do projeto, como apontado pelo mesmo em entrevista:

Diante do cenário cultural de quadrilha que está comprando; você percebe uma identificação, o cenário e o mercado de quadrilha está comprando esse estilo de espetáculo e você se identifica com aquilo. Então você faz a junção. (Seixas Soares, 42 anos, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado dia 06 de outubro de 2019).

A partir disso, como forma de aprofundamento do tema, as demandas criativas vão sendo passadas para os componentes da equipe criativa do espetáculo; sempre avaliadas e gerenciadas por Seixas. Inicialmente o trabalho se inicia com o responsável pela parte cênica, que no ano de 2019 foi encabeçada por Cleiber Andrade. Seu processo criativo iniciou-se a partir de um briefing. Atuante na área de comunicação de um banco, o diretor cênico faz uma alusão a sua área de atuação, “como se fosse em uma agência de publicidade”. Os mentores do espetáculo chegam até ele com uma linha de pensamento e, a partir disso, é montada uma proposta.

Neste momento criativo, com foco na parte interpretativa do espetáculo, Cleiber aponta a necessidade de uma conexão com o *mainstream* (o que alcançou popularidade geral), para além da parte histórica abordada. Isso se dá por conta da validação de um público variado que alcança diferentes faixas etárias, condições sociais e escolaridades. Dentro desse contexto, no ano de 2019, a partir de uma observação social, foi decidido trabalhar temáticas como: luta por direitos; luta por igualdades; pessoas na eminência de perda de direitos; pessoas em processo de construção das coisas; problematização de exercícios de direitos e expressão na figura de idosos que ainda transam e marido afeminado e esposa masculinizada, entre outros.

O processo criativo pessoal do diretor cênico é baseado em vivências e em uma visão de alcance de público. As ideias vão surgindo de acordo com suas pesquisas e das informações passadas por Seixas Soares, e ele vai gravando-as e mandando em um grupo criado na plataforma WhatsApp só para armazenamento de ideias. Após um tempo, quando é

obtido uma boa quantidade de ideias, ele se senta, faz um quebra cabeça mental, montando uma dramaturgia com início, meio e fim, e escreve a estória. Essa estória não diz respeito somente ao casamento, mas também como uma forma de *storytelling*, a capacidade de contar histórias de maneira relevante, para todo o espetáculo.

Os elementos, nesse momento, segundo o criador de cena, são feitos se adequando a forma Ceará junino de fazer espetáculos, colocando em pauta um estilo adquirido pelo grupo a partir da sua experiência, conforme Ostrower (1978). Após criada a linha lógica do espetáculo e do casamento, Cleiber passa para as audições de atores e os ensaios para realização do casório simulado, que acontecem juntos aos ensaios gerais, se fazendo necessária a não participação dos atores como dançantes, exceto o casal de noivos que precisa, obrigatoriamente, participar da dança, pois fazem parte da estrutura cultural da quadrilha. Além das narrativas, o diretor de cena também foi responsável, junto a Seixas Soares, pela parte visual do espetáculo, atuando na definição de iluminação, cenários e elementos.

Ilustração 18 – Ensaio do casamento com teste de figurino acontecido na escola Carolino Sucupira no dia 25 de maio de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No âmbito da musicalidade, o processo se inicia com o contato de Seixas Soares com o responsável pelo setor criativo, assim como em todas as criações do espetáculo. Nesse ambiente, a criação é dividida em dois momentos: o de pesquisa, que tem Julian Feliz, diretor musical do grupo, como responsável por selecionar canções para o projeto; e processo de criação dos arranjos, do qual todos os músicos presentes no regional. O processo de Julian é muito próximo ao Seixas Soares, pois o enredo do espetáculo parte do diretor criativo, enquanto Julian Feliz, através das pesquisas, constrói um acervo musical com mais de uma opção para os momentos estipulados por Seixas Soares, dentro de uma narrativa geral criada por Cleiber Andrade. Além de uma pesquisa de músicas já existentes, Julian também atuou, no espetáculo de 2019, diretamente em contato com dois compositores: Leandro Ferreira e Márcio Viana.

O segundo momento da musicalidade, também inspecionado por Seixas Soares, acontece, de início, no estúdio de gravação. Nessa etapa as músicas selecionadas por Julian são trabalhadas pelos músicos, com a finalidade de transformá-las para que fiquem no formato da música junina dançada pela quadrilha, porém, no contexto da quadrilha junina atual, não se faz necessário que esteja no estilo musical forró. Julian, apesar de estar a frente desse setor no grupo, não tem nenhuma formação em música. Este fato é refletido no estúdio, pois algumas canções selecionadas, de forma técnica, não são compatíveis com o que se deseja para o espetáculo, fazendo necessária a substituição por outra.

Ilustração 19 – Encontro do grupo musical em estúdio dia 16 de abril de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A dança também se apresenta como um fator decisivo para permanência da música no repertório, pois a relação entre música e dança é quase conjunta, uma depende da outra e o espetáculo depende das duas. Após selecionada, rearranjada, aprovada, a música vai para a quadra de ensaio, onde os coreógrafos a trabalha junto aos dançarinos. Neste momento, a música passa por uma nova avaliação, podendo não mais ser substituída, mas estando suscetível a alterações de arranjo. Por fim, as músicas voltam para os estúdios, agora para gravação da versão final. Por mais que a quadrilha Ceará Junino opte por utilizar um regional e não uma gravação – talvez até por uma questão de *status* e luxo, pois a contratação de um grupo musical é de gasto elevado –, toda a musicalidade é gravada e disponibilizada em plataformas digitais para que os fãs possam acessá-las.

No que tange a coreografia, o processo foi dividido entre alguns profissionais: a dança da quadrilha em casais foi coreografada, como apontado anteriormente, por Diego Rocha e Mara Alexandre; Mara sendo responsável também pela própria coreografia como rainha e em parte com a coreografia dos noivos; Eliovaldo Ananias foi responsabilizado pelo momento dos noivos e as coreografias do balé que acompanha a quadrilha em momentos pontuais da apresentação. Os três coreógrafos partiram suas criações do enredo central e de um percurso determinado anteriormente por Seixas e Cleiber. Antes de atuarem nas quadras o processo se inicia em reuniões que acontecem nas casas dos dirigentes do grupo, a fim de alinhar e montar os elementos do espetáculo, conforme Mara Alexandre:

A gente se encontra e ele (Seixas) chega e fala qual é a proposta; a pesquisa como é que funciona; o que é que a gente tem que pesquisar a partir dali, né? Qual é o tema que a gente tem de buscar estudar. E daí são vários encontros que temos a noite, para falar da proposta, quais os melhores caminhos para seguir, o que vai ser mais atrativo para aquele ano. Como será o esse processo em relação aos corpos de dançarinos que a gente tem dentro do grupo, para a gente buscar a melhor forma de execução de movimentos. O cenário, como a gente pode estar usando na dança, o que pode ser melhorado. Ver as dificuldades do ano anterior e buscar estratégias para um melhor ano, o que a gente pode fazer de diferente. Sempre buscando inovar o tempo todo. (Mara Alexandre, coreografa e rainha da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

O desenvolvimento criativo dos três coreógrafos à frente do projeto tem seus primeiros passos em uma pesquisa experimental. Esta parte da problemática de como colocar movimentações que lembrem pescadores e rendeiras na dança sem perder as características de São João, de quadrilha. De acordo com as entrevistas realizadas³⁷, a construção se iniciou

³⁷ Diego Rocha entrevistado dia 25 de setembro de 2019, no seu local de trabalho no bairro Passaré, em Fortaleza, Ceará; Mara Alexandre entrevistada dia 11 de outubro de 2019, em um salão de beleza no bairro

em conjunto, mesmo que de forma não constante, com os três coreógrafos se encontrando quando podiam, mas sempre trocando mensagens pelo telefone. A partir do primeiro ensaio fechado, dia 03 de fevereiro, o processo foi dividido, Diego comandou a construção coreográfica da dança, com suporte de Eliovaldo Ananias, e Mara Alexandre só começou a participar dos ensaios no mês de abril, pois estava se recuperando de uma cirurgia, o que retardou sua volta às quadras.

A maior preocupação do setor coreográfico foi direcionada para a elaboração de coreografias acessíveis, pois o campo não é composto por atores profissionais da dança, são dançarinos amadores com capacidades diversas de absorção e reprodução das coreografias. Nesse sentido, os coreógrafos exercitam, em suas criações, um processo empático com a elaboração de movimentos, porém, mesmo nesse processo, alguns brincantes sentem dificuldades e, nesses momentos, os criadores atuam também como encorajadores, incentivando e se atentando mais àqueles que sentem maiores dificuldades. Um processo comum nos ensaios da dança é a atuação dos próprios dançantes como encorajadores, ajudando uns aos outros a executar as coreografias da melhor maneira possível.

Ilustração 20 – Ensaio coreográfico dia 27 de abril de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A construção da coreografia seguiu um cronograma, pois foi estipulado pelos dirigentes do grupo que a partir do mês de maio, mês que antecedia a estreia do espetáculo no meio competitivo, os ensaios precisariam englobar o espetáculo como um todo para evitar possíveis erros. As músicas foram trabalhadas na ordem do percurso do espetáculo; conforme se encerrava uma parte, retornava toda a coreografia desde o início, colocando em pauta a aprendizagem por repetição. Por mais que as coreografias fossem levadas à escola onde aconteciam os ensaios já formuladas, somente na execução se tinha noção visual geral das mesmas, com isso, em vários momentos, os passos testados foram reprovados por Seixas e refeitos de forma presencial no próprio ensaio, configurando um processo criativo experimental.

Os desenhos coreográficos do corpo de baile foram criados no mesmo processo cronológico que a dança geral, seguindo a ordem da apresentação. Os bailarinos ensaiavam a parte dos dançantes de pares, e no fim do ensaio, quando se repassava todo o avanço do dia, se juntavam com a quadrilha para visualização da criação. Os destaques, rainha e casal de noivos, ensaiavam em momentos diferentes, pois precisavam estar presentes nos ensaios gerais, Mara como coreografa e os noivos como dançantes de par. Dessa forma, suas coreografias foram guardadas do próprio grupo até o dia 25 de maio, uma semana antes da apresentação de estreia do espetáculo, para gerar uma expectativa nos brincantes. A exibição das coreografias dos destaques foi recebida pelos dançarinos como um evento, naquele momento eles se transformaram no público vibrante, pois aquela dança simbolizava o espetáculo em sua totalidade.

A cenografia do espetáculo foi produzida por Seu Aurino, que reside na cidade de Maranguape, no Ceará. A partir de tudo que já foi decidido em conjunto com a equipe de dança e cênica, Seixas leva as informações ao cenógrafo a partir de uma ideia direcionada, porém, com liberdade criativa de Seu Aurino para acrescentar à execução. A partir das informações recebidas, são feitos os croquis que, geralmente, passam por diversas alterações antes da aprovação. Quando o modelo é definido e aprovado, inicia-se a parte executiva. Seu Aurino foi responsável pela criação dos cinco barcos presentes no espetáculo, cuidando da marcenaria e ferragem, entregando os elementos praticamente prontos para a estreia.

Ilustração 21 – Construção da cenografia do espetáculo “É tudo verdade”.

Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O processo criativo dos figurinos, encabeçado pelo próprio diretor criativo da quadrilha, Seixas Soares, partiu da idealização do tema para sua constituição. Segundo dados colhidos em uma entrevista, a criação se iniciou a partir de observações das maneiras de vida dos pescadores e rendeiras e quais elementos poderiam sair desse universo para agregar a indumentária do espetáculo. As informações colhidas foram mescladas com pesquisas sobre a história abordada como tema, as ideias obtidas junto ao bordador do grupo e a identidade da quadrilha Ceará Junino. A partir disso, a figura da estilista Aimee Brito entra no desenvolvimento. Apesar da formação na área de moda, o serviço prestado pela estilista é de ilustração, pois o diretor criativo do grupo chega com um *briefing* específico do que se deseja.

Ilustração 22 – Croquis do figurino produzidos por Aimee Brito para o espetáculo “É tudo verdade”.

Fonte: Acervo pessoal de Seixas Soares (2019).

O ponto seguinte da criação se dá com o modelo físico da peça idealizada, assumindo um papel de prototipagem. Quando a primeira peça é finalizada, os responsáveis a testam em dançantes, identificando possíveis mudanças para a melhoria da peça. Após aprovado, o figurino parte para a produção com as costureiras, sendo Regiane Leão, a costureira responsável por todas as saias; Otília Gomes, a costureira que produz todas as anáguas; Arthur Brennan, responsável pela construção dos corpetes dos figurinos femininos; os arranjos de cabelo e acessórios tiveram Tânia Soares como responsável; as vestimentas dos homens foram operacionalizadas pela costureira Ivonete Ferreira; o chapeleiro do espetáculo foi Wilson oliveira; já os sapatos, foram confeccionados por Pedro Pierre. Toda a linha produtiva é residente do bairro de origem da quadrilha, Álvaro Weyne, localizado em uma zona periférica da cidade de Fortaleza, Ceará.

Nos modelos de protótipo é adicionado o bordado, que tem seu processo criativo iniciado junto com o figurino como um todo. Essa criação partiu de Carlos Demetrius, a partir das informações da temática central do espetáculo e algumas ideias partidas de fotos geradoras que Seixas Soares apresentou ao bordador. O processo se inicia com a criação de croquis, que passam pela aprovação e se transforma no protótipo, assim como o modelo do figurino. O figurino masculino contava com bordado na camisa e nas laterais da calça, enquanto no feminino estava presente no corpete. Como o tema foi voltado para a pesca, foi decidido utilizar alguns símbolos, como búzios, conchas, cavalos marinhos e estrelas do mar, sendo que os animais foram confeccionados de acrílico. Além desses elementos, o bordado foi composto por vidrilhos e pedrarias para trazer o luxo esperado pelo figurino.

Ilustração 23 – Brincante bordando o corpete do seu figurino horas antes da estreia.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Uma das maiores preocupações de Demetrihus ao criar o bordado estão relacionadas a movimentação dos dançantes, pois o peso das pedrarias e os elementos maiores, como a estrela e o cavalo marinho, colocados em lugares errados podem comprometer a mobilidade de quem o usa. No momento que o bordado é finalizado, ele passa pela avaliação prática, sendo testado em algum brincante, como apontado anteriormente e, assim como o figurino têxtil, o bordado passa por modificações até tomar a melhor forma para o diretor criativo da quadrilha. Quando aprovada a versão final do bordado, Carlos Demetrihus inicia o processo de oficinas para ensinar os dançantes, que não querem – ou podem – pagar pelo serviço, a bordar a própria vestimenta. O processo é acompanhado de perto pelo bordador, passando por um controle para assegurar que todos os figurinos fiquem da mesma forma.

O bordador também é responsável pela idealização e execução dos bordados dos figurinos da rainha da quadrilha, seguindo o processo criativo junto a mesma e ao diretor criativo. O processo segue o mesmo sentido do figurino comum, preocupando-se ainda mais com a mobilidade corporal, pois a rainha da quadrilha é profissional da dança, e tem uma certa exigência enquanto esse quesito. As provas são feitas diretamente com a dançarina, que vai apontando possíveis pontos de melhora, até que o figurino esteja pronto para sua apresentação. Além desses, Demetrihus também se responsabiliza pelo figurino do corpo de baile. A criação acontece em conjunto com Eliovaldo Ananias, coreógrafo responsável pelo balé.

A partir do momento que o conceito foi definido junto ao coreógrafo, Demetrihus iniciou o processo criativo em cima da ideia de seres de água. O modelo foi criado desde de um *collant*, uma espécie de macacão fabricado em tecido de malha, que foi tingido em tons de azuis, para remeter a água; além da pintura azul, foi desenhado manualmente várias escamas, para simbolizar a vida marinha; também foi pintado um formato de corpo humano, marcando os músculos do abdômen, para trazer a figura humanoide para o ser aquático. Após esse processo, foram sendo introduzidos outros elementos, como luvas em formato de nadadeiras e botas, que seguiam a mesma pintura do *collant*, passando uma ideia de unidade; acessório de cabeça; ombreiras com correntes; e cinto. Além desses, foi produzido um adereço, também tingido em tons de azul e branco, com uma base em metal, que funcionava como um esplendor, utilizado em alguns momentos específicos do espetáculo.

Ilustração 24 – Figurino do corpo de baile.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A maquiagem é elaborada por um grupo de 4 maquiadores, com o intuito de compor a beleza estética do espetáculo, levando em consideração o tema abordado e os elementos de figurino. A equipe responsável pela criação tem como maior desafio criar algo padronizado que abranja todas as etnias presentes no grupo, levando em consideração sempre os traços de “feminilidade”. A partir da compreensão do tema, a gestora da equipe de maquiagem, Katty Silva, cria o modelo inicial que passa pela a avaliação dos outros componentes do grupo, composto por Roberta Erica, Talita Karla e Israel Wiclef. A partir da apresentação ao restante do grupo, todos eles trabalham em cima da criação de Katty, modificando e acrescentando alguns pontos até a aprovação de Seixas Soares. A datar da aprovação, se iniciam os encontros da oficina de auto maquiagem. Vale ressaltar que as dançantes do grupo só podem se maquiar para as apresentações com maquiadores avaliados pela equipe responsável, para assegurar o padrão construído para a beleza estética.

O marketing, que trabalha, principalmente, a comunicação do tema da temporada nas redes sociais da quadrilha, tem sua criação, assim como em todas as outras áreas, partida das percepções estéticas de Seixas Soares alinhadas com a temática abordada. Os elementos do universo da pesca entram em ênfase nas peças publicitárias divulgadas incessantemente uma semana antes da estreia do espetáculo. Após esse dia, o feed dá lugar a fotografias

compartilhadas por mídias e fotógrafos presentes nos festivais que o grupo se apresenta. As peças, em sua grande maioria, são construídas por Marcos Silva, que atua como design gráfico do grupo. As criações vão sendo feitas de acordo com as necessidades levantadas por Seixas Soares e Dulcelina Lima, diretora de marketing e noiva da quadrilha Ceará Junino.

Além do enfoque na comunicação do tema, o setor também cria estratégias para movimentar as redes no período de ensaios. Estas estratégias são pensadas em reuniões do grupo de marketing, que acontecem em períodos fora dos ensaios gerais do grupo. No ano de 2019, o grupo desenvolveu algumas ações que se iniciou na divulgação do “Primeiro Ensaio”, seguindo de algumas produções de entrevistas no formato de transmissões ao vivo nas redes da quadrilha. Um dos eventos bastante difundido pelo grupo, foi a *live* do grupo musical da quadrilha, que aconteceu dia 13 de maio de 2019, a poucos dias do evento de lançamento do repertório do espetáculo, que aconteceu dia 18 de maio de 2019. A transmissão funcionou como tática de divulgação do evento, a fim de acionar a curiosidade dos fãs do grupo e daqueles inseridos no universo junino.

Ilustração 25 – Transmissão ao vivo do grupo musical no dia 13 de maio de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A equipe de marketing também tem como função o contato com as mídias especializadas no movimento junino para divulgação de seus eventos e ações, para maior disseminação de informações. Além disso, o grupo também é responsável por ações em datas comemorativas, como a páscoa, por exemplo, que contou com um pula-pula inflável e quiosques de algodão doce e pipoca para os brincantes e parentes do grupo. Estes elementos fizeram parte da ação através de parcerias com empresas atuantes no universo de festas infantis, que em troca de divulgação concederam, durante um período de tempo, todo esse

material de fora gratuita. O marketing da quadrilha também planejou uma ação, dessa vez mais simplificada, para o dia das mulheres; distribuindo flores e chocolates para as brincantes do grupo. De forma geral, o grupo de marketing tem como função gerar engajamento de seguidores, fãs e dos próprios brincantes do grupo, tendo seus processos voltados para o planejamento e execução dessas ações.

Percebe-se na criação do espetáculo junino, com todos os processos artísticos e comerciais que o formam, uma linha lógica muito próxima das teorias criativas de Lubart (2007) e Murani (1981) não só nas suas primeiras fases, como apontado anteriormente, mas em todo o processo. Os métodos criativos apontados por Lubart (2007), se fazem presentes na coleta de informações, com as pesquisas que se iniciaram no mês de agosto de 2018, após a finalização do ciclo junino anterior; após disso as ideias tem um período de incubação até outubro, quando se começa as reuniões da diretoria; passando para a fase da iluminação, que são as construções de fato; chegando na fase da verificação, quando as ideias são concluídas e colocadas no seu objetivo, que nesse caso é o espetáculo apresentado na temporada de 2019.

Já na metodologia de Murani (1981), a definição do problema é realizada, de forma quase que genérica, acrescentando informações com base no circuito junino anterior, que são os pontos de melhoria para a criação do espetáculo, a fim de alcançar os melhores resultados possíveis no âmbito dos concursos. Para tal problema, compreende-se que a solução é provisória, pois a cada ano os pontos de melhorias serão diferentes, o próprio cenário será diferente, pois ele faz parte de uma cultura móvel, como aponta Chianca (2019). Com o início dos processos criativos das diferentes áreas, percebem-se vários problemas pontuais em cada um dos setores. Para a compreensão desses micro problemas dentro da construção de um todo, é aplicada a fase da divisão do problema defendido por Murani (1981).

A pesquisa de dados acontece de forma geral, na definição do tema e dos elementos que se pretendeu trabalhar no espetáculo “É tudo verdade”, mas também é notória, a partir da análise dos processos criativos descritos, a investigação em todos os outros setores. Esses dados passam por uma análise dos criadores, mas, principalmente, do diretor criativo, que controla todo o processo direcionando os elementos para a criação final. A criatividade está presente em todos os momentos da criação do espetáculo junino, pois os elementos presentes partem de visões artísticas e pensamentos inventivos, principalmente nos grandes grupos, que buscam incansavelmente a inovação. Mas dentro da visão do autor, a criatividade

é voltada para o melhor resultado, que indiscutivelmente, a partir dos pontos abordados, se faz presente no processo criativo da quadrilha Ceará Junino.

A pesquisa de dados tecnológicos é basicamente fundida com a experimentação, pois os processos, principalmente no que diz respeito ao figurino e cenografia, são construídos a partir de testes, provas e aprovações. O processo de verificação teorizado por Murani (1981), é cumprido sob as constantes trocas que acontecem nas reuniões da diretoria; de forma mais direta, é possível observar essa etapa criativa na construção da maquiagem da quadrilha, da qual o processo se inicia em uma pessoa e é apresentado para as outras responsáveis, a fim de buscar melhoras para a criação, assim como todos os outros setores, no fim sempre passam pela aprovação de Seixas Soares. Os desenhos construtivos também não acontecem conforme as pesquisas, como sugere o autor, eles acontecem na prática, pois todo o processo criativo é muito vivencial. Por fim o grupo chega na solução do problema, que é a finalização do espetáculo, validada somente com os resultados no meio competitivo.

Mesmo sem o conhecimento teórico, podemos considerar que, à sua maneira, a quadrilha executa teorias criativas, trazendo à tona o que Murani (1981) diz sobre o método projetual, que esse é algo que pode ser modificado quando houver outros valores que o melhorem; porém, sua linha de raciocínio não sofre grandes alterações, podendo, em caso de grandes projetos, aumentar o número de especialistas e colaboradores, adaptando para a nova situação que se torna infinitamente mais complexa. Dentro da perspectiva cultural e social apontada por Ostrewer (1978), verificou-se que o meio influencia diretamente a criação do campo, que apesar de partir de um processo criativo e artístico, em sua maior parte, também leva em consideração as exigências do meio social que atua. A experiência é expressa no estilo criado e na autossatisfação oriunda dos resultados positivos vindos do cumprimento das exigências.

6. QUANDO A QUADRILHA ENTRA NA MODA

Após a compreensão do movimento junino através do seu processo histórico, político, social e criativo; o presente capítulo abordará a problemática central da presente pesquisa: compreender como a moda influencia a constituição e construção da quadrilha junina. Para melhor entendimento, o capítulo também fará uma análise do complexo meio social que a quadrilha atual se constitui, a partir da amostragem selecionada, a temporada junina referente ao ano de 2019 da quadrilha Ceará Junino, com o espetáculo “É tudo verdade”. Neste capítulo também será abordada a análise dos dados colhidos a partir da pesquisa em campo e das entrevistas realizadas com os criadores centrais dos elementos do espetáculo apresentado pelo grupo.

Apesar do objetivo geral da pesquisa estar atrelado à moda, a mesma só está presente no último capítulo do trabalho pois, dentro da estratégia adotada, faz muito mais sentido a compreensão da constituição e construção do movimento e da própria quadrilha junina e seus elementos, para, somente após essa imersão, identificar a partir das teorias clássicas e contemporâneas da moda, como a mesma influencia a manifestação cultural. Dessa forma, a leitura do presente trabalho se torna mais fluida e livre das influências teóricas a respeito do ponto central da investigação, contribuindo para um entendimento claro sobre o meio retratado e suas particularidades antes de explanar sobre a presença da moda em todo o processo histórico e atual da dança junina.

Antes de adentrarmos realidade histórica e social da quadrilha junina em paralelo à moda, faz-se importante o entendimento desta que será abordado neste capítulo e objetivo desse trabalho. O filósofo Gilles Lipovetsky (1989) associa o surgimento da moda ao momento em que é introduzida uma dessemelhança extrema na aparência dos sexos, da criação da roupa masculina e feminina a partir da segunda metade do século XIV. O autor compreende que após desse momento constitui-se o culto das novidades; a mudança se cristaliza em uma nova norma coletiva permanente, que traduz a autonomia dos homens no mundo das aparências. Portanto, Lipovetsky compreende a moda como a paixão pelo novo, capaz de possibilitar a liberdade expressiva do homem sobre si mesmo.

Já o filósofo e sociólogo George Simmel (2005) defende a moda como uma instituição de hierarquia social. A moda é colocada em um formato piramidal, na qual as elites, pertencentes ao topo da pirâmide, constituem a moda no seu cotidiano, as camadas sobrepostas passam a copiar, e antes mesmo da informação chegar à última camada, aqueles

que estão no topo constituem uma nova moda, motivados pela distinção social. Dessa forma é construído o que o autor chama de modas de classe, um sistema responsável por conduzir os indivíduos às trilhas que todos seguem a partir da imitação. Por outro lado, essa mesma moda que é imitada, também é satisfatória no que diz respeito a diferenciação entre os grupos sociais.

O termo moda, segundo Calanca, (2008), é utilizado em múltiplos contextos, podendo estar presente em vários aspectos de uma vida social. Em um primeiro momento, moda está sempre ligada ao velho e novo, presente e passado, imobilidade e mobilidade. Mesmo que envolvida em outros diversos âmbitos de uma vida social e coletiva, conforme destaca alguns estudiosos da área, como Svendsen (2010) e Sant'Anna (2007), para Calanca (2008), quando se fala em moda, geralmente o entendimento – e pensamento comum – se volta para roupas e o modo de vestir, porém, mesmo vista por essa perspectiva, a da roupa, a moda alcança um sentido mais amplo através de uma significação do corpo, de quem o veste e da relação desses elementos com a sociedade que se faz parte, assumindo assim, uma visão mais amplificada que o modo simplista de entendimento da moda como somente como vestuário.

Calanca (2008, p 11) entende a moda como “o fenômeno social da mudança cíclica dos costumes, das escolhas e dos gostos, que passa a ser coletivamente validado e aceito como quase obrigatório”. Abrindo margem para uma outra abordagem, de uma moda que conquistou todas as esferas de uma vida social, presente nos comportamentos, gostos, ideias, artes, móveis, roupas, objetos e linguagens. Assim como Calanca, Svendsen (2010) também traz a discussão a respeito da moda para um viés mais amplo tirando-a do contexto somente do vestuário, afirmando que esse fenômeno invade os limites de todas as outras áreas do consumo, penetrando também a arte, a política e a ciência.

Com o objetivo de exemplificar a amplitude do fenômeno moda, Svendsen (2010) utiliza do meio acadêmico e intelectual como demonstrativo, afirmando que os assuntos abordados por essa comunidade têm a ver com quais estão *in* e quais estão *out*. Portanto, para o autor, a moda está associada a duas categorias: uma partida de um ponto de vista da compreensão popular, ligada ao vestuário; porém, dentro de universo mais amplificado, trata-se de um mecanismo, uma lógica ou uma ideologia geral que também se aplica à área do vestuário e não somente a ele. Neste contexto, Mara Rúbia Sant'Anna (2007) também faz uma ligação entre a moda e o vestuário, frisando que mesmo ligados, esses não podem ser

confundidos, pois o vestuário proporciona o exercício da moda, e esta atua no campo do imaginário, dos significantes, atuando como parte integrante da cultura.

Com base nas teorias apresentadas a respeito da moda, pode-se afirmar, que a quadrilha junina está inserida em todas. Após a chegada da dança na Corte Francesa, ela passa por um processo que Simmel (2005) chama de imitação³⁸, quando as outras cortes do continente europeu passam a aderir, a partir da influência e do papel criador de modas dos franceses, a quadrilha como dança palaciana, da corte, como uma forma de pertencimento em relação àqueles que estão na mesma situação – nesse caso social. Após a chegada ao Brasil, através da Família Real Portuguesa, é possível identificar um outro ponto marcado pela moda, a clara ação da forma piramidal de classes, teorizada por Simmel (2005), inicialmente dançada por nobres, posteriormente dançada por elites burguesas, até chegar na última camada da pirâmide social.

Esta questão se torna mais clara quando os costumes do palácio são deixados de lado, por conta da mudança de regime político, e a elite burguesa passa a não usufruir mais do baile, que vai descendo perante as camadas baixas até chegar no interior e ser dançada por pessoas sem prestígio socioeconômico. Nesse sentido, Sant'Anna (2007) coloca a moda como agenciadora, impulsionadora, qualificante, que seleciona e ressignifica a ação do parecer, mas sem perder de vista o motor social. Sob o ponto de vista da quadrilha junina, essa passa pelo processo de folclorização, sendo imitada a partir de um olhar para cima, realizando uma aspiração, mas trazendo a manifestação para sua esfera social, modificando sua forma inicial e ressignificando aos seus significados culturais.

Lipovetsky (1989), defende que a mudança da moda acontece de forma incessante, porém, destaca que nem tudo nela muda, essas modificações rápidas dizem respeito às questões estéticas. Após a saída da dança dos salões da elite social, a quadrilha continuou, mesmo que de forma “aportuguesada”, com o uso de alguns comandos em francês. Suas mudanças mais rápidas se deram nas vestimentas, modificando-se lentamente a partir das representações visuais. Tendo como base o século XIX como o período inicial de massificação da dança junina; na história social da moda, este é um importante momento, pois o século XIX dá início a um período de amplificação da mesma, que segundo Svendsen

³⁸ A imitação nos proporciona, de pronto, o estímulo de uma efetiva prova de força, na medida em que não exige nenhum esforço criativo e pessoal relevante, e nos é conferida de forma leve e direta a partir do caráter dado do seu conteúdo. Ao mesmo tempo, ela nos dá a tranquilidade de não estarmos sozinhos na ação em questão. Ela se sobrepõe à forma como uma atividade é costumeiramente executada, como um fundamento sólido que desobriga a execução atual da dificuldade de carregar a si próprio. Na imitação é o grupo que conduz o indivíduo, na medida em que, simplesmente, transmite a forma do seu comportamento e liberta o indivíduo da tortura e da responsabilidade da escolha (SIMMEL, 2005, p 161).

(2010), estava caminhando, nesse momento, em um sentido de não pertencer somente a um pequeno grupo de pessoas influentes, mas sim a todas esferas sociais.

Ilustração 26 – Mudanças de estilo da dança.



Fonte: imagens retiradas do site ABC Espanha³⁹, Repórter Junino⁴⁰ e da página da quadrilha Ceará Junino⁴¹ (2021).

Sobre o processo de democratização da moda, Lipovetsky (1989), destaca a constituição da “moda de cem anos” como difusora, em todas as classes sociais, do gosto pela novidade, emancipando a aparência das normas tradicionais, inclusive no âmbito da sociedade, contribuindo também para mudança de ordem social saindo da visão holista-tradicional. O autor descreve o processo de constituição do que o próprio intitula de “moda de cem anos”, tida como o início da primeira fase da modernidade, da mudança altamente acelerada, mas também do desenvolvimento pessoal e do bem-estar:

Foi ao longo da segunda metade do século XIX que a moda, no sentido moderno do termo, instalou-se. Certamente nem tudo então é absolutamente novo, longe disso, mas, de maneira evidente, apareceu um sistema de produção e de difusão desconhecido até então e que se manterá com uma grande regularidade durante um século. Tal é o fenômeno histórico a sublinhar aqui: a despeito dos progressos tecnológicos, de suas incessantes reviravoltas ou “revoluções” estilísticas, a moda não escapou àquilo que se pode muito bem chamar de uma estrutura de longa duração. Da metade do século XIX até a década de 1960, momento, com efeito, em que o sistema começa a fender-se e a readaptar-se parcialmente, a moda vai repousar sobre uma organização a tal ponto estável que é legítimo falar de uma moda de cem anos, primeira fase da história da moda moderna, seu momento heroico e sublime.

³⁹ Disponível em: < https://www.abc.es/espana/canarias/abci-cuando-toda-europa-bailo-ritmo-canario-201710281214_noticia.html?ref=https%3A%2F%2Fwww.abc.es%2Fespana%2Fcanarias%2Fabci-cuando-toda-europa-bailo-ritmo-canario-201710281214_noticia.html > Acesso em: 22 de março de 2021.

⁴⁰ Disponível em: < <https://reporterjunino.com.br/2014/06/20/reportagem-especial-as-cores-e-moda-do-sao-joao/> > Acesso em: 22 de março de 2021.

⁴¹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/322321301187060/photos/pb.100050187322930.-2207520000..2371943436224826/?type=3> > Acesso em: 22 de março de 2021.

Moda de cem anos: sem dúvida, maneira de dizer que um ciclo está terminado, maneira sobretudo de insistir em tudo o que nos une ainda, profundamente, a essa fase fundadora, instituidora de uma nova organização do efêmero, de uma nova lógica do poder chamada a experimentar um extraordinário destino histórico, já que se imporá cada vez mais no coração de nossas sociedades no decorrer do século XX. (LIPOVETSKY, 1989, p 60).

Durante o período de evolução da moda, seguindo a teoria da “moda de cem anos”, a quadrilha junina passou por grandes modificações, as pessoas menos abastardas, presentes nos campos, começaram a consumir um certo tipo de moda de classes através da dança, ainda que em um sistema de cópia, reproduzindo-a à sua maneira. Após as iniciativas políticas e de diferenciação entre a capital e o interior, a partir de 1950, segundo Chianca (2008), uma década antes de a moda se instaurar completamente na vida social geral, a dança começa a expressar algumas formas de moda através, principalmente, da aparência, mesmo que em um contexto de caricatura.

Daniela Calanca (2008), aponta que as roupas, os objetos que cobrimos o corpo, são o modo que os corpos entram em contato com o mundo externo, na mesma linha de raciocínio Sant’Anna (2007) aponta que além da vestimenta, elementos como os hábitos de higiene, alimentação, cosmética, perfumaria, depilação, penteado, entre outros, são responsáveis pela transmutação de um corpo biológico em um corpo social e político. A roupa rasgada e de tecidos baratos, mesmo que usada somente no momento do *rito*, simbolizava, naquele momento histórico, o senso comum da imagem que os cidadãos tinham em relação aos interioranos, que, de certa forma, se estende até os dias atuais.

Ilustração 27 – Jeca Tatú de Monteiro Lobato.



Fonte: imagem retirada do site Estadão⁴² (2021).

⁴² Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/blogs/reclames-do-estadao/jeca-tatu/> > Acesso em: 22 de março de 2021.

Após estabelecida a expansão do sistema de moda, após o fim da “moda de cem anos”, Sant’Anna (2007) coloca que o *ethos* moda foi constituído e experimentado, passando a estar em seu pleno funcionamento. Nesse contexto surgem as competições de quadrilhas juninas e as grandes espetacularizações, desenhando o que vem a se consolidar com a quadrilha estilizada: um movimento de espetáculos efêmeros. Para Svendsen (2010) a emergência da moda como um fenômeno histórico tem o rompimento com a tradição como uma característica essencial do modernismo. É nesse contexto que a quadrilha estilizada se solidifica na cultura junina. A espetacularização e a crescente organização do ambiente competitivo contribuem para uma busca incessante pelo novo.

Ilustração 28 – Indumentária da quadrilha Ceará Junino no ano de 2018.



Fonte: arquivo pessoal de Seixas Soares (2021).

Novamente a mudança da festa junina atinge em primeira instância os elementos mais superficiais, a estética. A roupa que não é mais com base na figura *matuta* toma uma forma mais comercial, colocando em pauta, segundo Calanca (2008), que o vestir funciona como um sistema de regras desdobrado em duas direções: as roupas tradicionais e aquelas que estão na moda. No ambiente junino, não só a roupa passou por essa dualidade fomentada pela moda, mas todos os outros elementos estruturais, passando por uma complexa evolução motivada também pela organização do movimento, levando a tradicional dança para um

ambiente mais politizado, ordenado e, conseqüentemente, em busca de uma constante profissionalização.

Para Lipovetsky (2004) quando a moda passa a permitir uma libertação dos indivíduos para com suas individualidades, foi possibilitada uma autonominação que permitiu os indivíduos não seguissem mais os caminhos preestabelecidos pela tradição, contribuindo com uma certa desvalorização do passado e a valorização do novo. O autor ainda afirma que a responsabilidade substituiu uma utopia festiva, tudo passa a ser visto somente pela ótica da competitividade e do sucesso. Os dois pontos levantados pelo autor, o novo e o sucesso, a partir dos anos de 2013, passam a se tornar verdadeiros motivadores para o movimento, do qual os grupos em busca de um sucesso no ambiente competitivo, estão cada vez mais focados na criação de espetáculos inovadores em todos os seus aspectos.

A quadrilha junina tida como uma cultura Nordestina brasileira, produzida – ao formato que conhecemos – pela folclorização de elementos tradicionais, foi transformada diversas vezes pela moda. Inicialmente, de forma mais lenta, seguindo os avanços da época, até adquirir um formato de mudanças constantes em conjunto com a modernidade. Com o passar dos anos, converteu-se em uma estrutura social organizada, politizada e profissional, constituindo um meio próprio para aqueles adeptos a dança, formando dentro dos seus múltiplos canais, também modas próprias. Portanto, se faz pertinente a fala de Svendsen (2010, p 13) “É difícil conceber algum fenômeno social que não seja influenciado por mudanças da moda – quer seja a forma do corpo, o design de automóveis, a política ou a arte”.

6.1. É tudo verdade e a moda – análise de dados do campo

Durante o período de dez meses, foi acompanhada, em campo, a trajetória do espetáculo “É tudo verdade” da quadrilha Ceará Junino. Para além da pesquisa etnográfica, um dos caminhos para obtenção de dados foi a elaboração de entrevistas com os responsáveis pela criação em suas diversas áreas: figurino, maquiagem, casamento, musicalidade e coreografia. As entrevistas foram realizadas em locais marcados previamente com os representantes criativos do grupo, alguns em suas casas, outros no local de trabalho. Todas aconteceram na cidade de Fortaleza, Ceará, no período de agosto, setembro e outubro de 2019.

Portanto, os dez meses envolvidos diretamente com este meio social foram divididos em sete meses destinados à construção e apresentações do espetáculo criado, e três meses utilizados para execução das entrevistas. No que diz respeito a estrutura das entrevistas realizadas, pensadas sob uma perspectiva de entrevistas semiestruturadas, estas foram feitas a partir da elaboração de um modelo central composto por oito perguntas a fim de compreender, a partir da ótica de postos de trabalho e processos criativos, como a moda influencia na criação do espetáculo do grupo. Estas entrevistas foram documentadas em áudios e vídeos, e posteriormente transcritas, para que houvesse maior fluidez nas respostas e melhor compreensão.

Sobre a primeira questão levantada aos participantes, abordou-se suas identificações, qual o nome, idade, profissão e função dentro do grupo. A faixa etária dos entrevistados é de 28 a 53 anos, todos seguem áreas profissionais distintas uns dos outros, como exemplo, Seixas Soares, que coloca sua profissão como vendedor e empresário:

Eu sou hoje, consultor de vendas da marca Joico aqui no Estado do Ceará. Faz sete anos que eu represento essa marca no estado. Em virtude disso, eu colhi o fruto também de fazer, de inaugurar uma loja, de ter uma loja de bijuterias, Coisas de Maria. Em homenagem a minha mãe, por toda a riqueza que ela me ofereceu como filho. (Seixas Soares, 42, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

E Cleiber Andrade, que atua na área de comunicação de um banco:

Eu trabalho no Instituto Nordeste e Cidadania, que trabalha com cultura pro Banco do Nordeste, em relação aos programas Crediamigo e Agroamigo do “BNB”. Como eu trabalho na parte de comunicação, desde cedo eu comecei a criar e eles viram esse meu potencial e permitiram eu desse evasão a isso. (Cleiber Andrade, 41 anos, responsável pela parte cênica da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 28 de setembro de 2019).

A partir do cruzamento dos dados obtidos na primeira pergunta direcionada aos entrevistados, e entrando no segundo questionamento, que diz respeito ao primeiro contato com o grupo, percebe-se que os agentes com maior idade, em sua maioria, estão no grupo desde sua criação, ou a mais tempo que os de idade inferiores, conforme a resposta dada por Seixas Soares e Talita Karla:

No final de 2003, para 2004, a gente iniciou a quadrilha Ceará Junino. Ai hoje fazem dezesseis anos que eu sou o projetista desse espetáculo. Cuido de todos os detalhes, né? Eu escolho o tema que é desenvolvido por todas as equipes, como há dezesseis anos atrás. (Seixas Soares, 42, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

Meu primeiro contato com a quadrilha foi acompanhando a minha irmã. Ela começou a dançar em 2013, na Ceará Junino e eu maquiava ela. Eu passei por um teste para fazer a produção dela. Eu era bem amadora, né? Mas irmã sempre dá uma oportunidade para a pessoa da família. A gente começou a fazer o cabelo e a maquiagem dela, e aí quando foi em 2014 eu decidi dançar na quadrilha, entrar como brincante, e esse ano eu participei da equipe de maquiagem. (Talita Karla, 29 anos, maquiadora e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

Com base nas informações colhidas é possível perceber que a larga faixa etária dos criadores do espetáculo simboliza uma renovação e profissionalização das funções construtivas. Isso se mostra na relação da atuação profissional fora do ambiente junino e a aquela exercida no campo da dança. Seixas Soares, por exemplo, em seus afazeres cotidianos, conforme abordado anteriormente, trabalha como consultor de vendas, e na quadrilha atua no exercício da função de Diretor Criativo. Por outro lado, os componentes dos setores criativo da quadrilha, com menores idades e tempo de participação, atuam também de forma profissional nas áreas desempenhadas dentro do grupo, como é o caso de Diego Rocha, coreografo do espetáculo, que passou a fazer parte da quadrilha a partir de 2013, e da maquiadora Talita Karla:

Eu cresci dentro desse ramo de academias, né? Minha mãe tem uma escola de dança e eu cresci dentro dessa escola. E de lá pra cá fui me engajando cada vez mais. Entrei pra graduação em educação física, fiz minha pós-graduação em *personal trainer* e dei aulas de jazz por muito tempo. (Diego Rocha, 34, coreografo e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 26 de outubro de 2019).

Sou formada em design de moda, mas trabalho como maquiadora profissional porque eu gosto muito produções criativas. Eu comecei a maquiar mais por paixão, antes era uma brincadeira, mas como profissão eu fui me aperfeiçoando com cursos e hoje em dia eu vivo da maquiagem. (Talita Karla, 29 anos, maquiadora e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

A experiência com aulas de jazz e a capacitação com preparo físico de Diego, assim como a profissionalização de Talita a partir dos cursos de maquiagem e a própria formação universitária, os situam em uma posição de qualificação para com as atividades desenvolvidas na criação dos elementos da quadrilha, colocando em pauta um novo perfil, mais profissional, para o movimento junino. Este perfil é cada vez mais difundido com o crescimento e organização do movimento e a valorização do meio competitivo, colocando em pauta a renovação cíclica de suas formas através do anseio pelo novo, conforme apontado no capítulo 4 do presente trabalho.

Para além das questões levantadas sobre a faixa etária e a renovação do perfil criativo do quadrilheiro, adentrando no terceiro questionamento das entrevistas, que diz respeito ao processo criativo pessoal de cada componente responsável pela composição do espetáculo “É tudo verdade”, coloca-se também em evidência, dentro do formato empresarial da organização e divisão dos setores criativos da quadrilha, a presença de Seixas Soares como validador e ponto de partida de todos os elementos criados.

Todos os entrevistados afirmam que os processos se iniciam com uma conversa com o diretor criativo, e durante a criação todos os percursos passam por um constante controle do mesmo. Essa ação configura uma estrutura hierárquica de poder, no qual se possibilita uma liberdade criativa, mas essa é mensurada, reavaliada e realocada constantemente conforme as necessidades e exigências de um mercado consumidor do espetáculo na figura de Seixas Soares.

Os dois pontos abordados anteriormente, profissionalização e adequação de mercado, estão diretamente ligados um ao outro, mas também à organização e estruturação do movimento como um todo, criando um ambiente cada vez mais competitivo. O grande crescimento, a nível de estrutura, dos eventos juninos e das próprias quadrilhas, que passaram a alcançar altos números nas suas redes sociais, faz com que as cobranças sejam cada vez mais amplificadas. Dessa forma, é notável um comum pensamento de constante superação, perpassando a profissionalização dos criadores, o resultado do mercado, e a aprovação de quem assiste. Nesse contexto, o ideal prevalecido em todo o ambiente criativo, é o do novo, transformando as criações em abjetos de consumo cada vez mais efêmeros, conforme é possível notar nas falas de Julian Feliz e Cleiber Andrade:

Sempre tem muita cobrança por inovação. As quadrilhas estão extremamente em evolução. Na Ceará Junino tem essa cobrança por parte de tudo, por parte do público, por parte dos brincantes, por parte da diretoria, por parte de tudo tem essa

cobrança por evolução. (Julian Feliz, 32 anos, diretor musical e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

No São João o ano termina quando estreia. Suas entregas e o que você faz. Evidente que você vai cumprir aquela tabela de espetáculos da melhor forma profissional porque também você persegue resultado e satisfação do público. Quando você começa a pensar no outro ano, se pensa em o que fazer para alcançar algumas pessoas, tentar trazer coisas novas, superar o que foi feito no ano anterior. (Cleiber Andrade, 41 anos, responsável pela parte cênica da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 28 de setembro de 2019).

Levando em consideração as bases da teoria da moda defendida por Lipovetsky (1989), que associa a moda à paixão pelo novo, e a defendida por Calanca (2008), que fala sobre a mudança cíclica das coisas, trazendo sempre uma ideia de renovação, faz-se importante a verificação de como esse fenômeno acontece no campo estudado. Nesse sentido, na sexta pergunta do questionário aplicado, os entrevistados foram questionados a respeito da inovação. As respostas nos mostram que esse fenômeno é comum no meio, pois todos os entrevistados afirmam e realçam a inovação como uma característica quase obrigatória no meio social que estão inseridos, pois há uma cobrança pessoal e do grupo que fazem parte a respeito do novo, conforme percebemos na fala de Mara Alexandre:

A inovação é uma coisa que eu sempre busco. Todos os anos eu busco trazer algo novo, mas sem sair do tema, né? Sempre representando aquilo. Eu mesma me cobro por esse novo. É algo que eu acredito e vejo como muito importante ter sempre esse novo. Sempre buscar possibilidades. Se não tiver o novo, isso não atrai, isso não te satisfaz, repetir a mesma coisa, não trazer a novidade. E isso se reflete tanto em você, quanto em todas as pessoas que estão ali pra lhe ver dançar. (Mara Alexandre, rainha e coreógrafa da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

De forma mais direta, quando questionados sobre a influência da moda nas criações do espetáculo, na quarta pergunta do questionário, todos os entrevistados, a partir de distintos pontos de vista, reconheceram a presença da mesma em todo o movimento. Cleiber Andrade a identificou de forma mais amplificada, assim como as concepções sobre moda de Svendsen (2010) e Sant'Anna (2007):

Eu procuro sempre estar antenado com o que a gente chama de moda, né? O que é o costume daquele momento. O que as pessoas estão falando, o que as pessoas estão pensando, o que as pessoas estão sentindo e, principalmente, o que as pessoas estão vivendo. Já que para mim funciona no conceito de criar narrativas. (Cleiber Andrade, 41 anos, responsável pela parte cênica da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 28 de setembro de 2019).

Já Seixas Soares e Diego Rocha, a enxergam sob uma perspectiva do vestir, no caso do espetáculo junino, a partir do figurino:

Eu me identifico demais, eu adoro o processo criativo de moda. Eu quero que a roupa fale do espetáculo com muita facilidade, então é a equipe que é direcionada por mim diretamente. Há uma presença do Seixas de uma maneira intensa. Eu me identifico na construção do figurino, aquilo me dá um prazer. Eu ver aquela roupa falando daquele tema, a roupa tendo alma, né? É uma sensação assim incrível. (Seixas Soares, 42, diretor criativo e marcador da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

A questão do figurino interfere diretamente na coreografia. Por exemplo, tem muitos movimentos que a gente se abaixa e dependendo do que a gente estiver usando de figurino não dar para fazer, então a gente precisa adaptar. As vezes a gente monta uma coreografia sem pensar nisso, e aí quando vai para prática a coreografia não pode ser executada como a gente gostaria que ela fosse. A questão da moda, se a gente vai dançar com sandália é uma coisa, se a gente vai dançar com sapato é outra coisa, então assim, interfere demais. (Diego Rocha, 34, coreógrafo e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 26 de outubro de 2019).

Apesar das perspectivas de moda verificadas a partir das entrevistas e das percepções do campo, uma outra se faz ainda mais presente, seguindo uma hierarquização de classes, de acordo com o que o sistema descrito por George Simmel (2005). Nota-se, quando abordados sobre inspirações, uma postura de autossuficiência no que diz respeito ao meio inserido, se auto colocando em uma posição de criadores de tendências:

Por mim eu faria mais de tudo, porque eu gosto muito quando você faz coisas novas, mas coisas novas bem fundamentadas, interessantes, que possam ser absorvidas e que possam ser tendência por um tempo, né? Eu quero que ela seja canibalizada rápida, para que outra tendência surja, para que sempre tenha o novo, para que seja ação, movimento. (Cleiber Andrade, 41 anos, responsável pela parte cênica da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 28 de setembro de 2019).

De forma mais clara nas colocações de Mara Alexandre e Seixas Soares, esse ideal inovador adotado pelo grupo se estende à uma posição da quadrilha Ceará Junino como referência no movimento brasileiro da dança:

A Ceará Junino é uma quadrilha de nível Brasil, é uma quadrilha que inspira outras quadrilhas, é uma quadrilha que sempre busca esse diferencial, o novo. Ela é uma quadrilha que idealiza muitas coisas, e isso é algo que a gente se cobra em relação à competição, ao espetáculo, né? Essa questão do novo acaba servindo de inspiração para outros grupos, fazendo com que a gente acabe lançando tendências para esse mundo de quadrilha. (Mara Alexandre, rainha e coreografa da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

Eu acho que a Ceará Junino ela sempre faz um trabalho com um diferencial de todas as quadrilhas do Brasil, né? Nós temos quadrilhas no estado do Ceará, na cidade de Fortaleza, que fazem trabalhos incríveis, mas não conseguem desenvolver um trabalho a nível de indumentária, com tanta riqueza, como a Ceará Junino faz. Então a Ceará Junino, ela dita moda, culturalmente, para o cenário de quadrilha. (Seixas Soares, 42, diretor criativo e projetista da quadrilha Ceará Junino. Entrevistado em 6 de outubro de 2019).

O sentir-se referência no campo social da quadrilha Ceará Junino é reforçado e assegurado pelo auto título de “damas mais belas do São João do Brasil” que é internalizado e reproduzido pelos brincantes que passam a valorar a participação do grupo como status social, responsável pela grande quantidade de membros dançantes. Nesse contexto cria-se o que George Simmel (2005) chama de “janotas”, aqueles que levam a moda para além das suas medidas, criando, frequentemente, uma moda a partir da invenção, por parte de alguma personalidade, nesse caso a própria quadrilha Ceará Junino, na forma de vestir, se comportar, se apresentar, até de dançar. Para o autor, o que satisfaz esse “inventor” é a mistura entre o sentimento de individualidade, de possuir algo especial e particular, e o sentimento social da imitação, agindo como difusor do seu espírito:

A gente busca sempre escrever uma história. Todos os anos a gente fica marcado em algo: seja com um solo das meninas, seja com um momento de abertura da quadrilha, seja no momento do meu desfile ou no momento dos noivos. É algo que a gente acaba tocando nas pessoas e nos grupos e sendo inspiração para eles. (Mara Alexandre, rainha e coreografa da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

O fato de ser reconhecidos como um grande grupo, que alcança uma quantidade significativa de fãs e admiradores em suas redes sociais, somado aos grandes espetáculos apresentados e títulos conquistados, cria, no meio junino, uma imagem de grupo de sucesso. Essa idealização colabora com a proliferação de seus modos de fazer, conforme podemos notar na fala de Rosimeire, uma das dançantes do grupo, em entrevista no dia 07 de maio de 2019, após o evento de exibição dos figurinos para o grupo, que aponta a quadrilha estudada como a fonte de todo o seu saber, excluindo as experiências do grupo menor que fazia parte:

Foi uma superação, desde que eu cheguei na Ceará, porque eu vim de uma quadrilha muito pequena, nunca tinha dançado e o tempo foi passando e eu fui conquistando meu espaço, foi aprendendo, e tudo o que eu sei hoje, eu devo a Ceará. Então passou um filme na cabeça porque, assim, uma sensação de orgulho com a sensação de vai valer a pena, já está valendo. São, assim, são vários sentimentos misturados. É inexplicável, é, aquela sensação, realmente, de que por mais cansativo que seja, por mais difícil, porque sempre aparece uma dificuldade, no final tudo vai valer a pena. Assim, é um amor inexplicável. Eu tenho muito orgulho de dançar São João e de dançar na Ceará Junino. Então, quando eu vi aquele figurino, que eu me imaginei, e sei tudo o que a gente ainda vai passar pela frente no São João, foi indescritível o que eu senti. (Rosimeire, 26 anos, dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 07 de maio de 2019).

É nesse momento de destaque que a pirâmide social da moda, de acordo com Simmel (2005), é estruturada, pois aqueles que são observados geram nas camadas mais baixas – aqui pode se considerar quadrilhas de interiores com menos recursos financeiros e

humanos – uma percepção de destaque e permanência no ambiente competitivo de quadrilhas juninas.

A quadrilha Ceará Junino representa uma dualidade social na qual, por um lado, assume um papel social elevado no meio junino; por outro, os atores sociais participantes do ambiente da quadrilha Ceará Junino, são, em sua maioria, pertencentes de uma realidade social totalmente diferente daquela que o grupo representa. Como apontado anteriormente, isso acontece pela vontade de serem notados, pelo o acesso a um tipo de luxo que esses não têm contato em suas vidas cotidianas, embebecidos por uma experimentação do que seria a fama:

É engraçado quando nós brincantes chegamos nos lugares e as pessoas querem tirar foto com a gente. Porque nós somos referências, nós somos personagens daquele espetáculo. A indumentária da quadrilha ela tem um tanto certo de adereços, de acessórios, que combinam, que não fogem da proposta, mas que é extremamente luxuosa. Ficam todas lindas, glamurosas, e todo mundo fica se sentindo bela, rica. (Talita Karla, 29 anos, maquiadora e dançante da quadrilha Ceará Junino. Entrevistada dia 11 de outubro de 2019).

As palavras “luxuosa” e, especialmente, “rica”, utilizadas por Talita Karla, coloca em pauta a imagem esperada por quem faz parte do grupo, simbolizando uma espécie de acesso à essas pessoas, possibilitando, inclusive, um percurso imaginado de apresentações, conforme colocado pela dançante Rosimeire. O que é esperado da quadrilha, em todos os âmbitos já mencionados, é assegurado pela identidade criada, que tem como agentes de manutenção o próprio grupo, a partir dos seus diretores e criadores e o meio inserido, sob a perspectiva do público e dos outros grupos pertencentes.

A fala da maquiadora e dançante do grupo, assim como a do diretor criativo, Seixas Soares, também demonstra o grande foco estético do figurino do espetáculo, que estão diretamente ligados aos interesses do meio, se adequando às realidades de performances de gênero, os elementos de distinção social, ou ao menos uma experimentação desses, a expressão da cultura, a questões de beleza, que estão diretamente ligadas à auto estima, entre outros. Quando se pensa no vestuário como detentor de tantos significados, teorias como a de Sant’Anna (2007) se fazem pertinentes, pois a mesma enxerga as roupas como signos que carregam uma série de significados que imprimem aos seu portador um posicionamento político no meio vivenciado.

Portanto, o ato da participação do grupo em questão tem consigo o sentimento de pertencimento ao próprio grupo, que é visto como grande, luxuoso, inovador, dentre outros adjetivos, e a diferenciação daqueles grupos que, a partir da crença do meio, não têm esses

atributos. Apesar das estreitas relações dentro do ambiente junino, diferentes grupos desenvolvem modas distintas, colocando em pauta o que Simmel (2005) aponta como um marcador de pertencimento intragrupal ao mesmo tempo que determina uma diferença extragrupal, expressando o que o autor chama de cópia, essa voltada para os costumes internos, pois inserir-se em um grupo social significa a dominação dos seus códigos.

O ambiente constitutivo da quadrilha Ceará Junino é cheio de possibilidades para criação, legitimação e reprodução de modos e modas. Por se tratar de um ambiente organizado, que busca uma profissionalização de suas ações com o foco no desempenho nos festivais, e se organiza também de forma social, esses fatores abrem enorme margem para o desenvolvimento de múltiplas facetas de moda.

De forma mais direta, se pode identificar a moda em todos os processos: no figurino, com todos os elementos de pesquisa que o cercam e o próprio processo de criação e execução do mesmo; na dança, pois os elementos seguem ou são criados para serem tendências no meio; na maquiagem, que acompanha o tema, mas também o que está sendo feito em outros âmbitos sociais; na musicalidade, que acompanha toda a evolução dos estilos e, também, tendências do meio; na parte cênica, pois essa está diretamente ligada aos assuntos, inclusive políticos, que estão em voga; nos elementos de marketing criados para um público de perfil específico. Portanto, a quadrilha e moda têm uma relação muito próxima. Ouso dizer que é impossível pensar em quadrilha estilizada e não pensar em moda.

7. CONCLUSÃO

No próprio título, “A influência da moda na constituição e construção da quadrilha junina moderna – Análise do espetáculo da quadrilha Ceará Junino no ano de 2019”, o trabalho já explicita o objetivo de suas abordagens, seguindo a indagação base motivadora desse trabalho: como a moda influencia a quadrilha? A partir disso foram pensados e divididos três aspectos para essa análise: histórico, constituição do local de atuação e o próprio processo criativo da quadrilha moderna. Dentro do ponto de partida dessa pesquisa, o histórico, e sob o questionamento de como se constituiu a dança, percebe-se um teor político desde as origens do próprio rito que constitui a dança, que teve suas festividades podadas ao catolicismo.

Na perspectiva do objeto abordado, a dança; sua constituição parte de uma perspectiva cultural, social e de costumes, de acordo com a forma de expansão da quadrilha, que parte de uma troca cultural entre Inglaterra e França, e se expande a todos os outros países como um fenômeno de moda associada ao costume de dançar. O baile, em suas raízes, é diretamente associado às questões de classe, praticada pelos nobres e elites, posteriormente se alargando a outras camadas sociais por um processo de recriação e imitação.

Assim como o festejo, que passa a ser incluso de forma restrita a partir dos anos de 1940, conforme Chianca (2007), a quadrilha também tem suas origens diretamente ligadas às questões políticas por partir de um costume tido como moda seguindo os modos das realezas, – no caso do Brasil, a portuguesa – a um costume desprezado pelo mesmo motivo, causado pela mudança política. Mesmo se afastando das grandes elites, saindo de “moda”, a dança não desapareceu, pois já havia se iniciado o que Lipovetsky (1989) chama de “moda dos cem anos”, possibilitando o acesso de camadas sociais menos favorecidas ao baile, contribuindo com sua manutenção.

Já em âmbito brasileiro, ainda sobre o teor político, a dança constituiu sua estética clássica a partir do processo induzido da construção de uma identidade nacional e nordestina, externalizando em seus elementos, principalmente nos modos de agir e vestir, o preconceito sob a figura do homem campista e todos os signos e símbolos que o rodeiam. A partir de 1980, depois da criação do formato de concursos, a dança passa por um dos seus momentos políticos mais importantes: problematizam-se as estéticas tradicionalistas de ridicularização do homem do campo na figura do *matuto*, e cria-se uma nova forma de fazer quadrilha, a estilizada.

O segundo questionamento surge na compreensão da cultura como elemento de influência na evolução da quadrilha. Entendendo o conceito de cultura, percebe-se que tudo que faz parte de uma sociedade está incluso no meio cultural, portanto, a quadrilha também é um desses elementos. A partir desse ponto, e da compreensão da diferença entre cultura popular e folclore, nota-se que a quadrilha partiu de uma cultura popular, tida como cultura pura da manifestação festiva nobre no século XIX, com a manifestação política no meio em que era exercida, foi adotada por pessoas mais distantes a esse meio e passou por um processo de folclorização durante o século XX, fazendo com que os novos atores a praticassem sob a perspectiva de suas vivências.

A partir da década de 1970, a dança passada pelo processo folclorização é resgatada e ressignificada, colocando em evidencia um novo momento cultural de exaltação das grandes cidades. O processo valorizador das grandes metrópoles trouxe consigo fenômenos migratórios, fazendo surgir um novo modo de fazer quadrilha, não mais no modelo do campo, agora feitos pelos mesmos atores, que passaram a viver nas capitais, e suas próximas gerações, através da absorção do saber de forma folclórica. Fazendo a dança ocupar não mais um lugar abastado como os nobres ou elites, mas uma um lugar periférico, sem privilégios socioeconômicos.

Apesar de ser proliferada entre as gerações em um processo folclórico, são colocadas em pauta, dentro da nova realidade da população, que passa a expressar questões cotidianas como elemento comum à dança da quadrilha, um novo formato da dança em um novo contexto: um modelo mais espetacularizado, seguindo as exigências de consumo de uma sociedade moderna que é pautada no novo, na inovação, transformando o tradicional em algo que coloque em prática essas novas formas. Dessa forma, o movimento se mune do caráter inovador também como uma forma de manter viva as a prática da dança, tornando-a interessante às novas gerações, nascidas em meio ao cultural citadino. Por outro lado, utiliza-se a dança como uma forma de integração da cultura dos seus antepassados, ou de si próprios, às novas exigências do meio social, simbolizando uma forma de resistência a uma cultura somente da cidade; constituindo a quadrilha estilizada.

Com base na compreensão do movimento competitivo junino como contribuinte do processo de renovação da quadrilha, entendeu-se que esse foi o principal motivador para a transformação da quadrilha *matuta*/tradicional para o modelo estilizado, tendo essa mudança partida dos quesitos avaliados. A organização social, a partir da criação das federações, intensificou a estreita relação entre quadrilha junina e o novo, colaborando com a constante

profissionalização dos elementos que formam a quadrilha, pois com as federações também se iniciaram as formações de julgadores e a especialização dos próprios eventos, contribuindo com a intensificação das cobranças relacionadas às apresentações.

Se por um lado o movimento competitivo moldou a quadrilha, por outro esse foi moldado pelos grupos, que motivados pelas novidades, tornaram seus espetáculos cada vez mais efêmeros, passaram a criar novos modos de fazer, obrigando os métodos avaliativos a seguir os novos formatos do espetáculo junino. Nesse contexto, atualmente destaca-se o tema como guia para as criações e execuções das criações juninas, tendo como ponto de partida a rápida mudança dos temas, que precisam ser diferentes anualmente, colocando em pauta a “desvalorização” do que passou, e a hipervalorização do que está por vir, do novo.

Tendo como ponto de análise a organização e os processos criativos da quadrilha Ceará Junino, foi identificado que apesar de não ter o conhecimento técnico, os processos criadores seguem estruturas apontadas por teorias, sendo reconfiguradas de acordo com as necessidades do grupo. Todo desenvolvimento é dividido entre diferentes grupos de pessoas, determinados como setores, seguindo as teorias administrativas apontadas. De modo geral, o procedimento criativo funciona em conjunto com a setorização, se adaptando às cobranças mercadológicas dos eventos competitivos, trabalhando, assim como os processos criativos de moda, com base em um tema específico.

A criação do espetáculo estudado é centralizada a partir de uma figura validadora, porém isso não significa que todos os grupos funcionem da mesma forma. Todos os elementos são pensados e criados a partir de uma estética plástica, um processo comum ao ambiente dos *shows*, tendo um foco especial para o figurino pois esse tem o seu sentido amplificado, passando de um elemento do espetáculo a um elemento pessoal para cada dançante. Esse movimento aflora um processo de autopercepção e de expectativa com a maneira que o outro, nesse caso o público consumidor, recebe a aparência do “eu”, se aquele elemento estilístico é capaz de transmitir a essência do que quer ser exibido, mesmo que essa não seja a realidade.

Outros elementos que compõem as apresentações também seguem um movimento de tendências, aparecendo como importante ponto a ser considerado na criação, adaptando elementos de sucesso dos grupos concorrentes às realidades produzidas em seus próprios espetáculos. Essa atividade é notada de forma bem sutil, pois o grupo em questão tem, de forma muito marcada, a inovação como um dos seus pilares existenciais, motivados, mesmo

que inconscientemente, pelo meio competitivo e de consumo que estão inseridos. Além, claro, da vaidade se colocar e serem colocados como ditadores de tendências no meio inserido.

No que diz respeito à constituição social criada em volta do grupo junino estudado, é notória a expansão do movimento competitivo para dentro do próprio meio, instigado pelos próprios participantes. Diante da realidade socioeconômica dos atores, aquele espaço é reconhecido como um meio de visibilidade, no qual os dançantes competem entre si para ocuparem os lugares de maior visibilidade, seja no próprio dançar, seja doando seus conhecimentos – em forma de saberes – como forma de pertencimento e de busca de reconhecimento daqueles que estão à frente do grupo, ou do próprio meio competitivo. Logo, utiliza-se a contribuição para o grupo como *status* social.

Portanto, para responder a indagação inicial dessa pesquisa, “Qual a influência da moda na constituição e construção da quadrilha junina moderna?”, podemos nos apegar, inicialmente, a seguinte colocação de Svendsen (2010, p 13): “É difícil conceber algum fenômeno social que não seja influenciado por mudanças da moda – quer seja a forma do corpo, o design de automóveis, a política ou a arte”. Além dessa, as análises apresentadas nessa pesquisa apontam que a quadrilha também se apresenta, em alguns momentos históricos, como próprio objeto de moda, levando em consideração as suas raízes, ou como produtora de elementos da moda, considerando os elementos criados e absorvidos como tendências dentro do meio social que atua.

De toda forma, é inegável, depois de todos os pontos apresentados, que a dança é constantemente influenciada pelas mudanças da moda: seja no seu início aristocrata; na sua adaptação burguesa; na sua imitação campista; usada no campo simbólico da exaltação da cidade em detrimento do campo; seja na criação de grandes eventos voltados para ela; ou nas competições como últimas contribuintes para se chegar ao modelo estilizado aceito como padrão atualmente. Hoje, a quadrilha junina tem em seu seio, seja na competição ou na própria criação, o que Lipovetsky (1989) coloca como moda: a paixão pelo novo. É essa a engrenagem da quadrilha atualmente, portanto, podemos afirmar que a moda constituiu – historicamente – e constrói – a partir ciclo pautado no novo, na criação dos espetáculos – a quadrilha junina atual.

De modo geral, esse trabalho acabou respondendo não somente às questões levantadas a partir do objetivo, mas também às questões de valorização que me rodeavam antes de compreender a dimensão da moda. Os leitores desse trabalho além de compreender a ampla forma do meio social abordado a partir da história e dos processos criativos do

espetáculo junino, também passarão a enxergá-lo como algo complexo que perpassa o sentido somente de entretenimento. Ademais, possibilitou-se compreender a moda de forma mais amplificada como constituidora desse e de qualquer outro meio em que as teorias apresentadas sejam suscetíveis a aplicação.

A partir dos temas abordados, levando em consideração a amostragem de um único grupo, essa pesquisa pode contribuir para um trabalho mais expansivo, levantando os processos de outros grupos, focalizando nas particularidades de distintos grupos como formadores do meio competitivo de determinado local. Fazendo possível a identificação de tendências comumente absorvidas por mais de um grupo, facilitando o apontamento de costumes adotados pelo movimento como um todo. Além dessa abordagem futuras pesquisas sobre o tema podem, a partir do reconhecimento formativo das grandes quadrilhas, identificar como elas estão lidando com a pausa das suas atividades motivadas pela pandemia do Covid-19. Ou ainda fazer uma pesquisa a partir das quadrilhas consideradas como tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Fragmentos do discurso cultural**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Distrito Federal: Artmed Bookman, 2011.
- BARROSO, Oswald. **Ceará: uma cultura mestiça**. Disponível em: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/CearaCulturaContextos/Diversificado/Ceara%20-%20Uma%20cultura%20mestica.pdf>. Acesso: 21 de abril de 2019.
- BENJAMIM, Roberto. **Danças e folguedos de Pernambuco**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1987.
- BEUREN, Ilse Maria (Org.). **COMO ELABORAR TRABALHOS MONOGRÁFICOS EM CONTABILIDADE: Teoria e pratica**. 3. Ed. Florianópolis: Atlas, 2006.
- BINDÁ, Thirza Maria Bezerra. **Instituto de Humanidades: história de um educandário cearense na Belle Époque (1904 – 1914)**. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3310/1/2008_dis_TMBinda.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008
- CAMARANO, Ana Amélia e ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização do Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A Festa do interior. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Rio Grande do Norte. EDUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa.** In: Sociedade e cultura. Goiânia: UFC.v.1, p. 45-59, jan./jun. 2007.

CHIAVENATO, Adalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FARIAS, Edson. **Ócio e negócio: festas populares e entretenimento-turismo no Brasil.** Curitiba: Appris, 2011.

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise de Conteúdo.** Brasília: Liber livros, 2008.

FIRTH, Raymond. **Elementos de organização social.** Trad. Dora Flaksman e Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

GOODMAN, Mary Ellen. **El individuo y la cultura: conformismo vs evolucion.** Trad. Carmen Viqueira de Palerm. México: Editorial Pax-México, 1972.

GOMES, Maryvone Moura. **Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará)** Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5647/4089>.

Hall, Sturart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric. **Introdução: a invenção das tradições.** Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos;** tradução Mário Viela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUBART, Todd. **Psicologia da criatividade.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital: quadrilha e tradição no São João do Recife.** Recife: ed. do Autor, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petropolis: Vozes, 2001.

MORIGI, V. J. **Imagens recortadas, tradições reinventadas:** as narrativas da festa junina em Campina Grande – Paraíba. Tese de doutorado apresentada ao 94 Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, julho de 2001.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** 16ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa:** Abordagem Teórico-Prático. Papyrus Editora- São Paulo, 2004.

PAGINA. **Quadrilha Ceará Junino:** ceara junino, 2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.cearajunino.com/>>. Acesso em: 3 de março de 2019.

PERUZZO, C. M. K. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa:** da observação participante à pesquisa-ação. Colima: Primavera 2017.

RIGO, L. G. G. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas.** 5. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

RUEDA, Carlos Valázquez. **Mídia: novo totem para um casamento dessacralizado.** Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/538>. Acesso: 2 de março de 2019.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura.** 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Juliana Hermenegildo. **Programa São João do Nordeste:** O espetáculo junino e a representação da cultura nordestina nas quadrilhas juninas. Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1648-1.pdf>>. Acesso em: 7 de maio de 2019.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo.** São Paulo: Estação das Letras, 2007

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, agosto 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 15 março 2021.

SIMMEL, G. **Da psicologia da moda: um estudo sociológico.** In: SOUZA, j. e ÖELZE, B. (orgs) Simmel e a modernidade. Brasília: Ed. UNB, 2005.

SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade.** Brasília: UnB. 1998.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

VIEIRA, Diego Mota; CAMARA, Leonor Moreira; GOMES, Ricardo Corrêa. Entre o ocaso do império e a afirmação da República no Brasil: mudança institucional gradual e transformativa. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 531-550, junho 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122014000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 23 de julho 2020.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DESIGN - MODA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

**“A INFLUÊNCIA DA MODA NA CONSTITUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DA
QUADRILHA JUNINA MODERNA – ANÁLISE DO ESPETÁCULO DA
QUADRILHA CEARÁ JUNINO NO ANO 2019”**

ORIENTADOR: Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva

PESQUISADOR: Francisco Breno Guedes Matos

LOCAL/ DATA: Fortaleza, julho de 2019.

- **QUAL SEU NOME, IDADE E SUA FUNÇÃO DENTRO DA QUADRILHA?**
- **COMO E QUANDO SE DEU SEU PRIMEIRO CONTATO COM O GRUPO?**
- **COMO É SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO?**
- **PARA VOCÊ, O QUE É MODA? ELA TEM INFLUÊNCIA NA SUA CRIAÇÃO?**
- **VOCÊ SE INSPIRA EM ALGUÉM OU ALGUM OUTRO GRUPO?**
- **HÁ ALGUMA COBRANÇA DE INOVAÇÃO NA SUA CRIAÇÃO COM O PASSAR DOS ANOS?**
- **HÁ ALGUMA PREOCUPAÇÃO COM OS GASTOS?**
- **O QUE A QUADRILHA REPRESENTA PARA VOCÊ?**

ANEXO A – PASSOS DE QUADRILHA

JUNINA

PASSOS DE QUADRILHA JUNINA

1. ANAVANTU (para frente) - As fileiras avançam uma em direção da outra.

2. ANARRIÊ (para trás) - As fileiras retornam a sua posição normal.

3. BALANCÊ (Balanceio) - Balançando o corpo, damas e cavalheiros marcam o passo, sem sair do lugar. Tem também o **BALANCÊ TUR OU TOUR** - Cavalheiro de braços entrelaçados com sua dama giram por completo no mesmo lugar.

4. BEJA-FLOR - As damas estendem a mão direita para o cavalheiro beijar. As vezes o cavalheiro ajoelha-se em respeito a dama antes do beijo.

5. BEJA-CRAVO - Os cavalheiros estendem a mão para a dama beijar.

6. BUQUÊ DE FLORES - No círculo as damas ficam por dentro e os cavalheiros por fora. O homem segura na cintura da dama que fica com os cotovelos estendidos, movimentando os braços para cima e para baixo. Ao comando do marcador o círculo vai se fechando e as mãos acabam se juntando.

7. CAMINHO DA ROÇA - Damas e cavalheiros formam uma só fila (pode ser em círculo ou não). Ela fica na frente do seu parceiro. Caminham balançando os braços conforme o ritmo da música.

8. CARACOL - Damas e cavalheiros formam uma só fila, colocando as mãos nos ombros de quem estiver na sua frente. A 1.ª pessoa da fila (o guia), coloca as suas por cima dos ombros e segura as mãos de quem estiver atrás dela. Caminhando pra direita e balançando os braços, a fila segue fazendo curvas grandes.

9. CARRAPETA - O cavalheiro se abaixa ou fica de joelho. A dama segura sua mão e dá um giro completo ao seu redor.

10. CATAVENTO - Em rodinhas de 4(dois casais) os cavalheiros seguram um na mão do outro e as damas uma na mão da outra. Eles por cima e elas por baixo como se montassem (pás,hélices,palhetas). Ao comando do marcador a rodinha gira como se fosse um cata vento.

11. CAVALINHO OU GALOPE - O primeiro casal de uma fila (os noivos) e o último casal da outra fila trocam de lugar, galopando bem rápido. Quando terminarem, os dois outros casais seguintes trocam de lugar. E assim por diante até todos mudarem a fila. Desfazer o CAVALINHO - Da mesma maneira, os noivos recomeçam a troca e todos voltam aos seus lugares.

12. CINTURINHA - A dama se posiciona em frente ao seu par (pode ser em círculo ou em linha). O cavalheiro segura com as duas mãos em sua cintura.

Quando o marcador disser: CINTURINHA!!! Ele vai girar sua dama pela cintura e a mesma passará para outro cavalheiro. Esse movimento continua até que ela retorne ao seu par.

13. PERI - As damas ficam de frente aos cavalheiros e de costas pros mesmos. Elas colocam as mãos espalmadas para cima por cima de seus ombros. Eles seguram as mãos delas e seguem em movimento de acordo com o que for indicado pelo marcador.

14. CONTRA PERI - Dando sequência ao PERI ao comando do marcador o cavalheiro gira a dama que agora vai ficar atrás dele.

15. COROA DE ESPINHOS - Em uma grande roda (Cavalheiros por dentro e damas por fora) - Elas, de mãos dadas, erguem os braços e passam por cima da cabeça dos cavalheiros. E sem soltar as mãos, mantêm os braços na altura da barriga deles. Durante a coroação eles dançam sem sair do lugar. Depois deslocam-se seguindo os comandos. Descoroar - Todos voltam à posição anterior. Ficando duas rodas novamente.

16. COSTURA - Esse passo pode ser executado em círculo ou em filas. Os cavalheiros dão as mãos e as levantam a uma altura mais alta que suas cabeças. As damas de mãos dadas seguem passando por baixo dos arcos formados por eles como se tivessem costurando.

17. CRUZ DE MALTA - (Antes do início da quadrilha, os pares são marcados pelo número 1 ou 2) Primeiras marcas ao centro! Apenas os pares do grupo 1 vão ao centro. E dividem-se em grupos de dois pares. As duas damas dão as mãos, segurando-se na altura do antebraço. Os cavalheiros seguram os punhos de suas damas. Os pares do grupo 2 permanecem no "Balancê". - Os pares do grupo 1 rodam pra direita ao ritmo da música. - Apenas os pares do grupo 2, nas laterais, dividem-se em grupos de dois pares. As duas damas dão as mãos, segurando-se na altura do antebraço. Os cavalheiros seguram os punhos de suas damas. Os pares do grupo 1 permanecem rodando. - Os pares do grupo 2 rodam pra esquerda ao ritmo da música. - Os casais ímpares continuam rodando e os números pares vão-se infiltrando na roda, segurando-se nos punhos e formando rodas maiores. Os cavalheiros seguram nas mãos dos cavalheiros e as damas seguram nas mãos das damas, formando outro braço da cruz. Continuam rodando ao ritmo da música.

18. CUMPRIMENTO - Cavalheiros cumprimentam as damas! Com os braços atrás das costas, os cavalheiros se aproximam de suas damas e as cumprimentam tirando os chapéus. Depois, voltam de costas para os seus lugares. - Damas cumprimentam cavalheiros! Agora é a vez das damas irem até os cavalheiros para cumprimentá-los. Elas também voltam de costas para os seus lugares. - Esse cumprimento também pode ser dirigido ao público.

19. ESPALHA BRASA - Em círculo, as damas por dentro e cavalheiros por fora todos permanecerão de mãos dadas. Quando ouvirem o comando: espalha

brasa! todos se dirigem para frente, fechando o círculo e levantando os braços acima da cabeça e retornam para o grande círculo.

20. ESPANHOLA - o que caracteriza esse passo é o posicionamento dos braços em sua execução. Recomenda-se que quando cavalheiro e dama derem as mãos, que seja encostado o cotovelo dele com o dela, antes de realizarem o giro.

21. GANCHO - Damas e cavalheiros um de frente para o outro "engancham" os braços na altura do cotovelo. Esse movimento pode ser apenas com um braço ou executado com os dois braços (um de cada vez). Pode ser feito em círculo ou em outros formatos.

22. GIRASSOL - Em círculo, as damas por dentro e os cavalheiros por fora. Ao comando do marcador os cavalheiros pegam nas mãos um dos outros e se ajoelham. As damas também de mãos dadas inclinam seu corpo para trás encostando seu corpo sobre os braços dos cavalheiros como se formassem uma flor.

23. JABACULÊ - Geralmente uma fila de frente para outra. O Cavalheiro segura nos antebraços da dama que encontra-se a sua frente. Ao ouvirem: jabaculé! Os casais se movimentam trocando de lugares com os outros casais em um movimento de zig zag.

24. LACINHO DO AMOR - Em rodinhas de 4 todos de mãos dadas, ao comando do marcador o cavalheiro segura na mão do outro e a dama na mão da outra, eles com as mãos por cima e elas com as mãos por baixo. Ao ouvirem: lacinho do amor! Os cavalheiros enlaçam as damas e em seguida elas enlaçam os cavalheiros.

25. LAMBRETA - A dama segura na cintura de seu cavalheiro. Esse estende os cotovelos para frente como se tivesse a dirigir uma lambreta. O primeiro casal de uma fila (os noivos) e o último casal da outra fila trocam de lugar. Quando terminarem, os dois outros casais seguintes trocam de lugar. E assim por diante até todos mudarem a fila. Desfazer a LAMBRETA - Da mesma maneira, os noivos recomeçam a troca e todos voltam aos seus lugares.

26. MONTANHA RUSSA, ONDA OU MAREZIA - Geralmente uma fila de frente para outra. O cavalheiro segura a mão da dama que está a sua frente e os dois levantam os braços. Como se fosse uma onda, os casais vão trocando de lugares. Uma vez passa com os braços por cima do outro casal e em seguida passa com seu corpo por baixo dos braços do casal seguinte. Seguem esse movimento até retornarem ao seu lugar.

27. OLHA A COBRA, OLHA A CHUVA, A PONTE CAIU... - São brincadeiras que podem acontecer durante o passo CAMINHO DA ROÇA. Lembrando-se que cada ação dessa é considerada um passo pois os movimentos serão diferentes durante a reação dos brincantes ao ouvirem essas frases.

28. PARAFUSO - Forma-se uma roda. Depois, o noivo solta a mão direita e vai puxando os outros para dentro da roda. Chegando ao centro, ele faz o caminho de volta. Os que forem saindo do parafuso formam uma fila única até voltarem pra grande roda.

29. PASSEIO DE QUATRO - As duas filas se posicionam na mesma direção com os casais de braços dados. Ao comando do marcador o primeiro casal de cada fila se desloca pro centro e ao se encontrarem com o outro casal dão os braços, formando assim um cordão de quatro pessoas. Eles desfilam pelo arraiá. Esse movimento é seguido por todos os outros pares até chegarem aos seus lugares, assim que desfazem o passeio de quatro.

30. PASSEIO DOS NAMORADOS - O par guia sai com sua dama pela direita, o par seguinte sai pela esquerda e os demais vão imitando. Quando se encontram novamente, formam uma única fila, depois uma roda no meio da sala. Os casais passeiam em círculo ou em fileiras abraçados. Eles ouvirão dos marcadores vários comandos que ajudarão a identificar o passo. São eles: "Cochichando com seu namorado" (ela fala ao ouvido dele), "olha o pai da moça", ele solta a dama imediatamente, "é mentira!, ele volta a agarrá-la, "beijando o rosto da namorada", ele aproveita pra beijar sua dama.

31. PEÃO - A dama inclina-se um pouco e segura na mão do cavalheiro. Esse dá um giro completo ao redor da dama.

32. RODINHA DE QUATRO - São feitas várias rodinhas de dois casais ou seja, de quatro pessoas.

33. SERROTE - As filas uma de frente para outra (geralmente damas ao centro). O cavalheiro segura a mão da dama e ao comando do marcador eles fazem um movimento de serrar, onde eles trocam de lugar e agora o cavalheiro passa a ficar no centro das filas.

34. SOMBRINHA - É feita em RODINHAS DE 4, ou seja, as quatro pessoas que estão na rodinha colocam as mãos direitas juntas, com o cotovelo estendido (cavalheiro com a outra mão para trás e a dama com a outra mão segurando na saia) em formato de uma sombrinha e giram ao comando do seu marcador.

35. TRANCILIN - Em círculo o cavalheiro fica de frente para sua dama. Ele segura com sua mão direita a mão direita dela. Ao ouvirem o comando: "trancilin"! Eles vão girando e pegando na mão da próxima pessoa a sua frente até chegar no seu par. Ele pegará em uma dama com a mão direita e na outra com a mão esquerda.

36. TRENZINHO - Damas e cavalheiros formam uma só fila, colocando as mãos nos ombros de quem estiver à sua frente. A 1.ª pessoa da fila (o guia), coloca as suas por cima dos ombros e segura as mãos de quem estiver atrás dela. Caminhando pra direita, a fila segue fazendo curvas grandes e movimentos e barulhos de um trem.

37. TÚNEL - Os casais, de mãos dadas, vão andando em fila. O casal da frente, levanta os braços, voltados para dentro, formando um arco. O segundo casal passa por baixo e levanta os braços sem arco. O terceiro casal passa pelos dois e faz o mesmo. O procedimento se repete até que todos tenham passado pela ponte.

38. X - A quadrilha fica em fila de dois. O marcador divide as filas ao meio, onde a metade vai para um lado e a outra metade para o outro. Ao seu comando todos se encontram no centro da quadra, formando quatro pontas, onde cada uma delas será a perna do X. OBS: Esse desenho é um pouco na diagonal diferente da Cruz de Malta que tem ângulos de 90°.

39. ZIG ZAG - Pode ser feito em vários cordões: de dois, de quatro ou de oito. Exemplo: se a quadrilha tiver formada em cordões de oito, ao comando do marcador esses cordões irão trocar de lugares em forma de zig zag. O primeiro cordão vai ter que chegar até o final da última fileira e retornar ao seu lugar.

40. DESBULHAR O MILHO - Em duas colunas fica todo o grupo, em anavanту é feito a desbulha; sai o cavalheiro da coluna do noivo com a rainha da outra coluna em anavan até o centro da quadra, ao mesmo tempo sai os outros casais do final em alinhamento com os da frente. Fazem o gancho no centro e voltam aos seus lugares retornando com o casal do lado, até que todo grupo forme uma grade espiga de milho no centro da quadra.

41. GRANDE PASSEIO - Com as damas à direita dos cavalheiros, os casais passeiam de braços dados formando um círculo de casais. Dançam balançando os braços soltos pra baixo, no ritmo da música.

42. GRANDE RODA - Todos dão as mãos formando uma grande roda e deslocam-se no sentido indicado pelo marcador (direita ou esquerda).

43. ARCO-ÍRIS - São formada duas rodas, onde fica uma por dentro e outra por fora. Ao comando do marcador as duas rodas deslocam-se em sentido inverso, ou seja, uma gira para a direita e a outra para a esquerda.

44. COROA DE DAMAS - - Em uma grande roda (damas por dentro e cavalheiros por fora). Eles, de mãos dadas, erguem os braços e passam por cima da cabeça das damas. E sem soltar as mãos, mantêm os braços na altura da barriga delas. Durante a coroação elas dançam sem sair do lugar. Depois deslocam-se seguindo os comandos.

Descoroar - Todos voltam à posição anterior. Ficando duas rodas novamente.

45. TRAVESSIA - Sem parar de dançar, os pares se dividem. Um casal vai para a direita e outro vai para a esquerda, formando duas filas. Travessia de damas! Ao ritmo da música, as damas aproximam-se umas das outras, balançando as saias com as mãos, e então se cumprimentam. "Agora é a vez dos cavalheiros"! Os cavalheiros se cumprimentam.

46. OITO - Sempre ao comando do marcador são feito duas rodas que giram em sentido contrário, formando o oito. Na voz de comando, o marcador indica a troca das rodas, entre os da roda A com os roda B, intercalando no centro do oito sempre um em sequência do outro. A dama sempre estará na frente.

47. CESTINHA DE FLORES - Damas e cavalheiros formam uma só fila. Elas levantam os braços, passando-os por cima dos ombros com a palma das mãos para cima. Os cavalheiros que estão atrás seguram as mãos da dama e continuam a caminhar. - Desfazer cestinha de flores! - As damas abaixam os braços.

48. VOA ANDORINHA - Os cavalheiros dão um passo pra trás. Sem largar a mão da dama, ficam semi-ajoelhados. As damas dão duas voltas pela esquerda, balançando o vestido com a outra mão. Eles levantam.

49. VOA GAVIÃO - Os cavalheiros enlaçam a cintura da dama, com a mão direita. Ela coloca o braço esquerdo no ombro dele e dão duas voltas para a direita; e todos voltam aos seus lugares caminhando de costas.

50. SERRA GRANDE - A quadrilha formada em oito, formam cordões que ao comando do marcador movimenta-se lateralmente. Elas estarão numeradas em pares e ímpares. Os pares se movimentam para um lado e os ímpares para o outro, como se fosse uma grande serra. Essa marcação de pares e ímpares é feita pelo marcador antes de começar a apresentação.

51. CARROSSEL - São formadas duas rodas. As mulheres ficam por dentro e os homens por fora. Os cavalheiros ficam de braços dados e se ajoelham. As damas se sentam em seus braços e no comando do marcador eles sobem com elas sentadas e começam a girar. Nesse momento elas ficam balançando suas pernas e acenando pro público.

52. RODA GIGANTE - Esse passo é feito em grande roda, com os casais em passeio de dois. Ao ouvir o comando do marcador para "Preparar para a roda gigante", a quadrilha para de girar e os cavalheiros se ajoelham-se de dois em dois, dando os braços e colocando-os em forma de cadeirinha. Nesse momento a dama se aproxima e senta-se em seus braços. O marcador vai dar o comando "Roda gigante" para os cavalheiros ficarem em pé e continuarem na grande roda em movimento, com a menina sentada e balançando as pernas soltas, como numa roda gigante.

FONTE: Robertinho Severiano - Presidente da Quadrilha Ceará Junino
Fortaleza - CE - www.cearajunino.com

ANEXO B – MANUAL DO JURADO (SECULT)

Este Manual do Jurado foi idealizado e elaborado por uma Comissão Técnica, coordenada pela Federação das Quadrilhas do Ceará – FEQUAJUCE, com finalidade de orientar a atuação dos Jurados nos festivais juninos de 2012, filiados a esta instituição. Conforme solicitação da Secretaria da Cultura, via Comitê Gestor do Ceará Junino, este mesmo Manual, com as adaptações necessárias, será utilizado nas etapas regionais do Festejo Ceará Junino – 2013 com a devida autorização da FEQUAJUCE.

Manual do Jurado

Sumário

Perfil básico do jurado

Requisitos básicos para inscrição

Direitos do Jurado

Deveres do Jurado

Orientações sobre o Julgamento

Formulários

Critérios de Julgamento

Recomendações Finais

1. PERFIL BÁSICO DO JURADO

O Jurado das etapas regionais e da Final do Festejo Ceará Junino 2013, realizadas pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, é o profissional da cultura capacitado no Seminário de Formação e aprovado no Processo Seletivo de Jurados para realizar a avaliação dos grupos juninos nestas competições. O serviço prestado pelo Jurado não constitui, em qualquer hipótese, vínculo empregatício com a instituição.

Ser maior de 21 anos;
Ter formação mínima de Ensino Médio completo;
Ter experiência na área cultural;
Possuir certificado do Seminário de Formação de Jurados, do ano vigente;
Ser aprovado no Processo Seletivo de 2013.

2. REQUISITOS BÁSICOS PARA INSCRIÇÃO

Para efetuar sua inscrição o candidato deverá cumprir os requisitos do Perfil Básico do Jurado e apresentar a documentação solicitada abaixo:

Documentação necessária para Jurados novatos (2013):

Ficha de Inscrição (Devidamente preenchida) com 1 foto 3x4 (Recente);
Cópia do RG (Frente e Verso);
Cópia do Comprovante de conclusão do Ensino Médio;
Cópia do Comprovante de Residência;
Currículo Cultural.

Os jurados aprovados e atuantes em 2012, veteranos, deverão apresentar apenas a Ficha de Inscrição – 2013 e a cópia do comprovante de residência.

DIREITOS DO JURADO

1. MATERIAL DE JULGAMENTO

Após a divulgação do Processo Seletivo os Jurados aprovados e selecionados receberão os instrumentos necessários à realização de sua função, entre outros, Manual do Jurado, caneta, camisa, credencial.

2. REMUNERAÇÃO

Cada Jurado e Presidente de Mesa receberá diárias repassadas obrigatoriamente pelo produtor do festival, até o final do evento, conforme valores dispostos abaixo:

Capital – R\$ 100,00 (cem reais)

Interior – R\$ 100,00 (cem reais)

3. TRANSPORTE

O transporte será viabilizado e informado oportunamente por esta Secretaria aos Jurados e Presidentes de Mesa conforme cronograma de realização das etapas do Festejo Ceará Junino. As despesas de transporte do jurado até o local de realização do evento ficam por conta da Secult.

4. ALIMENTAÇÃO

A alimentação fornecida aos jurados e Presidente de Mesa, em suas diversas modalidades (café da manhã, almoço, jantar e lanche no intervalo das apresentações), durante os dias de exercício de suas funções, será de responsabilidade do promotor do festival.

5. HOSPEDAGEM

Nos festivais realizados no interior do estado o promotor deverá disponibilizar um local adequado para hospedar os Jurados e o Presidente de Mesa durante todo o período em que estiverem exercendo suas funções.

DEVERES DO JURADO

1. FORMAÇÃO

É obrigatória a participação integral no Seminário de Formação e Processo Seletivo de Jurados – 2013.

2. COMPARECIMENTO AOS FESTIVAIS

Todos os Jurados e o Presidente de Mesa deverão comparecer aos festivais nos dias e horários previamente designados pelo Produtor do Festival. Torna-se necessário que todos os Jurados e o Presidente de Mesa atendam rigorosamente aos horários previamente fixados, para que, dessa maneira, não sejam responsáveis por eventuais atrasos no início de cada festival. Em caso de impossibilidade justificada, deverá o jurado ou o Presidente de Mesa comunicar previamente à produção do Festejo Ceará Junino para que seja feita a respectiva substituição, não havendo assim dano para o julgamento.

3. USO DO UNIFORME DE JURADOS

No exercício de suas funções, os Jurados e o Presidente de Mesa deverão estar devidamente uniformizados com credencial e camisa padronizada, para que todos possam facilmente identificá-los e terem segurança que estão sendo submetidos ao julgamento de pessoas qualificadas e habilitadas.

O uso do uniforme, credencial e camisa padronizada, é restrito ao momento do exercício de suas funções de jurado, portanto é vetado seu uso em qualquer outra ocasião e local.

É proibido o uso de camisas de quaisquer grupos juninos ou outras que façam propaganda institucional alheia ao Festejo Ceará Junino 2013, exceto com prévia autorização.

4. DURANTE O JULGAMENTO

Os jurados deverão permanecer acomodados nos seus respectivos lugares, durante todo o tempo de apresentação da quadrilha.

Em hipótese alguma e sob qualquer pretexto, será permitido fazer uso de telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos de comunicação (ipad, tablet, Mp3, fone de ouvido, máquina fotográfica, entre outros) durante a apresentação das quadrilhas.

Não será permitida a presença de livros, revistas, jornais, entre outros materiais sobre a mesa de julgamento a fim de evitar a distração ou atividade alheia ao exercício da função de jurado.

Não será permitida a distribuição de alimentos durante a apresentação das quadrilhas.

O consumo de alimentos, bebidas não-alcoólicas (exceto água) e o uso de cigarros ficam restritos aos intervalos entre as apresentações das quadrilhas.

A utilização de banheiros fica restrita aos intervalos das apresentações. Quando os mesmos estiverem localizados em espaço externo ao de julgamento os jurados deveram ser acompanhados por um membro da organização do festival.

Não será permitido o uso de bebida alcoólica antes e durante o exercício de suas funções.

É vetada a comunicação contínua, verbal, gestual ou escrita, entre os jurados durante a apresentação das quadrilhas. Sendo-lhes facultado, com bom senso, comunicarem-se quando necessário, de preferência com o Presidente de Mesa.

É obrigatória a respeitosa e valorativa atenção durante toda a apresentação das quadrilhas.

A comunicação com as quadrilhas, na entrada e saída dos grupos, bem como durante toda a apresentação deve primar pela impessoalidade, cordialidade e simpatia, sem expressões excessivas que denotem preferência ou desgosto por um grupo em detrimento dos demais.

É permitido o recebimento de material promocional e brindes (fitinhas, camisas, impressos, entre outros) oferecido pelas quadrilhas durante as apresentações, mas fica vetado o seu uso imediato e durante todo o festival.

5. SISTEMA DE CONCESSÃO DE NOTAS E CRITÉRIOS DE JULGAMENTO

O julgamento das quadrilhas juninas deverá primar pela objetividade, fundamentada em aspectos técnicos e conceituais; mesmo em si tratando de expressões artísticas onde a subjetividade é eminentemente presente, esta não deverá ser determinante na atribuição das notas.

É obrigatório o preenchimento completo da Planilha de Votação, sendo concedida pontuação a todos os quesitos e sub quesitos, conforme Regulamento.

Na atribuição de notas às quadrilhas é obrigatório obedecer irrestritamente o sistema de concessão de notas e os critérios de julgamento de cada quesito, conforme regulamento.

O jurado concederá, para cada quadrilha, notas de 07 (sete) a 10 (dez) pontos. As notas poderão ser fracionadas em décimos de ponto, conforme exemplo: 7,1 (sete vírgula um) pontos; 7,2 (sete vírgula dois) pontos; 9,3 (nove vírgula três) pontos; 9,9 (nove vírgula nove) pontos.

Para a avaliação e pontuação os jurados deverão se ater, única e exclusivamente, ao real desempenho e a qualidade do que for apresentado naquele momento, não se deixando influenciar por fatores externos às quadrilhas (torcidas, show pirotécnico, entre outros) ou apresentações vistas e julgadas anteriormente.

O julgamento e pontuação dos sub quesitos e quesitos individuais não deverão ser influenciados pela totalidade do desempenho da quadrilha e vice-versa.

6. JUSTIFICATIVA DE NOTAS

Todas as notas abaixo de 8 (oito) deverão, obrigatoriamente, apresentar justificativa por escrito nos espaços destinados a este fim na Planilha de Votação.

Os termos utilizados na justificativa devem ser plausíveis, com fundamentação teórica e técnica, resultando em um texto de fácil entendimento.

7. POSTURA ÉTICA E CONDUTA MORAL

A postura e conduta do jurado e do Presidente de Mesa antes, durante e depois do exercício de sua função deverá primar pelo profissionalismo exigido na ocasião. Portanto, ficam vetados:

Confraternização com grupos ou membros de quaisquer quadrilhas envolvidas no festival;

Demonstração exagerada de afetos e envolvimento direto, em qualquer nível, com os participantes das quadrilhas participantes do festival;

Conduta desrespeitosa entre os membros da Comissão Julgadora, organizadores do festival e integrantes das quadrilhas.

Comportamento inadequado que infrinja as regras de civilidade, comprometendo a imagem da instituição, sobretudo nos momentos de convívio social (solenidades, contato com autoridades locais, hospedagem, almoço e jantar, entre outros).

A presença de terceiros (amigos, parentes, cônjuges, entre outros) juntamente com a Comissão Julgadora, que venham a interferir na postura e conduta profissional do jurado durante todo o período do exercício de sua função.

O pronunciamento em público (saudações, entrevistas, instruções às quadrilhas, entre outros) em nome da instituição. Somente em casos excepcionais será permitida com a autorização prévia da organização do Festejo Ceará Junino.

A interferência da Comissão Julgadora nas decisões da Organização do Festival, podendo esta apenas emitir opinião quando solicitado.

ORIENTAÇÕES SOBRE O JULGAMENTO

1. PREENCHIMENTO E ENTREGA DE FORMULÁRIOS

O preenchimento dos Formulários (Votação e Planilha de Relatório de Avaliação de Festivais – RAF) serão feitos obrigatoriamente com canetas esferográficas de cor preta ou azul, não sendo aceitas emendas ou rasuras.

Caberá ao jurado:

1. Lançar e conferir as notas concedidas a cada quadrilha em algarismos, ao final de cada apresentação, conforme regulamento;
2. Escrever as observações que se fizerem necessárias, utilizando, para tanto, o espaço próprio existente na Planilha de Votação;
3. Preencher o seu nome completo, com letra de forma e assinar nos respectivos campos;
4. Marcar no espaço dos passos tradicionais obrigatórios àqueles executados durante a apresentação da Quadrilha;
5. Preencher o Relatório de Avaliação de Festivais – RAF no que se refere aos quesitos referentes à análise dos jurados sobre o festival;
6. O preenchimento do cabeçalho das Planilhas de Votação fica a cargo dos jurados, exceto os campos destinados a hora de entrada, saída e tempo de apresentação que é de responsabilidade do Presidente de Mesa;
7. Ao final do evento o jurado deverá preencher integralmente o Relatório de Avaliação de Festivais – RAF, que deverá ser entregue ao Presidente da Mesa para repasse à Secult.

Cabe ao Presidente de Mesa:

8. Coordenar a Comissão Julgadora, dirigindo os trabalhos, resolvendo quaisquer questões de estrutura ou desvio de conduta ocasionalmente surgidos, consultado O Comitê Gestor do Festejo Ceará Junino – 2012, quando cabível.
9. O recebimento e a conferência das Planilhas de Votação. Em sendo verificada alguma irregularidade na planilha a mesma será anulada e o Presidente solicitará ao jurado o preenchimento de um novo formulário, a partir do qual procederá nova conferência.

10. O preenchimento da hora de entrada, de saída e o tempo de apresentação em todas as Planilhas de Votação.

11. O recebimento do Relatório de Avaliação de Festivais, de cada integrante da Comissão Julgadora, devidamente preenchido a ser entregue à Secult.

12. A entrega dos formulários e o resultado oficial do festival no prazo máximo de até dois úteis a contar do final do evento.

FORMULÁRIOS DE JULGAMENTO

Relatório de Avaliação de Festivais – RAF (PADRONIZAR conforme Planilha de votação)



FEQUAJUCE
FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS
JUNINAS DO CEARÁ

R. Guilhermina Rocha, 316 | 7º andar | Sala 304 | Ed. Jetiv
CEP: 61.607-265/609-35 | CEP: 61.010-140 | Centro - Fortaleza - Ceará
Fone: 3333-1438 | 48924692 | 41832408 | www.fequajuce.com.br | contato@fequajuce.com.br

PLANILHA DE VOTAÇÃO

Facebook: fequajuce quadrilha | Twitter: @fequajuce | Instagram: fequajuceoficial

DADOS GERAIS

NOME DO FESTIVAL		RESPONSÁVEL	
NOME DA QUADRILHA		CÓD. QUADRILHA	____/____/____
CIDADE DA QUADRILHA		CATEGORIA DA QUADRILHA	CÓD. JURADO
		<input type="checkbox"/> INFANTIL <input type="checkbox"/> ADULTO	
HORA ENTRADA	HORA SAÍDA	TEMPO APRESENTAÇÃO	JURADO

QUESITOS

QUADRILHA	MARCADOR	RAINHA/PRINCESA	NOIVO	NOIVA	REPETÓRIO MUSICAL
COREOGRAFIA	DESENVOLVURA	ANIMAÇÃO	DESENVOLVURA	DESENVOLVURA	LETRA
EVOLUÇÃO	LIDERANÇA	DESENVOLVURA	INTERPRETAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	RITMO
HARMONIA	ANIMAÇÃO	FIGURINO	ANIMAÇÃO	ANIMAÇÃO	RELATIVIDADE COM O TEMA, E FESTEIO JUNINO
ANIMAÇÃO	FIGURINO		FIGURINO	FIGURINO	
FIGURINO					
CASAMENTO					
TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL

<input type="checkbox"/> ANARRE	<input type="checkbox"/> CARACOL	<input type="checkbox"/> GANCHO	<input type="checkbox"/> PEÃO / CARRARITA	<input type="checkbox"/> TUNEL
<input type="checkbox"/> ANAVANTU	<input type="checkbox"/> CRIOVENTO	<input type="checkbox"/> GRANDE HOGA	<input type="checkbox"/> PGRI / CONTRA	<input type="checkbox"/> TRANCLUM
<input type="checkbox"/> BALANCE	<input type="checkbox"/> CAVALINHO	<input type="checkbox"/> JARACULÉ	<input type="checkbox"/> ROLA GIGANTE / ESPIRILHA BRASA	<input type="checkbox"/> S
<input type="checkbox"/> BEJA-FLOR	<input type="checkbox"/> CINTURINHA	<input type="checkbox"/> MONTANHA RUSSA	<input type="checkbox"/> RONDINHA DE QUADRO (bônus de amor e espelhalá)	
<input type="checkbox"/> BUCLE DE FLORES	<input type="checkbox"/> CRUZ DE MALTA	<input type="checkbox"/> PARAFUSO	<input type="checkbox"/> SERROTE	
<input type="checkbox"/> CAMINHO DA DOÇA	<input type="checkbox"/> CUMPRIMENTO	<input type="checkbox"/> PASSO DE NAMORADOS	<input type="checkbox"/> SOMBRIINHA	

Notas de 0 a 10, preferindo utilizar notas fracionadas em casas decimais exemplo: 6,1 - 7,7 - 9,8. Proibido o consumo de bebidas alcoólicas durante o julgamento.
A apresentação da quadrilha é no máximo 35 minutos com tolerância de 1 minuto. Serão eliminadas a maior e menor nota por sub-questão, restando apenas 3 notas médias.
Em caso de dúvidas, consultar regulamento oficial dos festivais 2011.

COMENTÁRIOS:

C:\Meu Arquivo\Fequajuce\RAF\Banc\Festival

4. QUESITOS EM JULGAMENTO

Nas apresentações das quadrilhas os quesitos e sub quesitos em julgamento são os seguintes:

QUADRILHA – Coreografia, Evolução, Harmonia, Animação, Figurino e Casamento.

MARCADOR – Desenvoltura, Liderança, Animação e Figurino.

RAINHA (ADULTA) – Animação, Desenvoltura e Figurino.

PRINCESA (INFANTIL) – Animação, Desenvoltura e Figurino.

NOIVA – Desenvoltura, Interpretação, Animação e Figurino.

NOIVO – Desenvoltura, Interpretação, Animação e Figurino.

REPERTÓRIO MUSICAL – Letra, Ritmo, Relação com o tema e com os festejos juninos.

CRITÉRIOS DE JULGAMENTO

1. QUESITO QUADRILHA

1. 1 Sub quesito Coreografia

A coreografia é o conjunto de movimentos sequenciados de uma dança, neste caso, seguindo uma trilha musical.

É obrigatória a apresentação mínima de 08 (oito) passos tradicionais, listados em uma relação que consta na Planilha de Votação.

1. 2 Sub quesito Evolução

Sucessão de movimentos concatenados e harmônicos, em que cada um está condicionado pelo(s) anterior(es), que podem se apresentar a cada momento mais complexos ou mais pronunciados ao longo do desenvolvimento.

1. 3 Sub quesito Harmonia

Disposição e combinação bem ordenada entre as partes de um todo.

1. 4 Sub quesito Animação

Movimento entusiasmado, alegre, vivaz, despertando a empolgação a participação do público. Entrega de corpo e alma em uma atividade com o objetivo de demonstrar o espírito da animação.

1. 5 Sub quesito Figurino

Conjunto de vestuário e acessórios, resultado da pesquisa e criatividade, correspondente ao tema abordado, obrigatoriamente ligado a cultura junina.

1.6 Sub quesito Casamento

É a representação cênica da celebração do matrimônio, dentro do contexto tradicional da cultura junina.

QUESITOS INDIVIDUAIS

2. SUB QUESITOS

2.1 Sub quesito Desenvoltura

É a representação desenvolvida com desembaraço, de forma desinibida e espontânea.

2.2 Sub quesito Liderança

Condição de dirigir a apresentação de forma dinâmica, baseada na competência e na autoridade.

2.3 Sub quesito Interpretação

Representação contextualizada, considerada a atuação individual e a cumplicidade entre o casal durante toda a apresentação.

2.4 Sub quesito Letra

É a composição escrita expressa de forma musical, cantada ou recitada, acompanhada pela música instrumental.

2.5 Ritmo

Sincronia de sons no tempo musical determinado, conforme a tradicionalidade da cultura junina.

2.6 Relação com o tema e a cultura junina

Expressão de afinidade com a temática e a cultura junina.

RECOMENDAÇÕES FINAIS

Os casos não previstos ou conflitantes serão resolvidos pelo Comitê Gestor do Festejo Ceará Junino 2013.



Ficha Técnica Manual do Jurado Fequajuce (Versão Original)

Idealização
Paulo Sérgio Sousa

Realização
Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará – Fequajuce

Presidente
Kiko Sampaio

Vice-Presidente
Marcos Salmo

Comissão de Sistematização
Ana Botelho
Aterlane Martins
Átila Melo
Eracyldo Viana
Josy Siqueira
Júnior Lira
Kiko Sampaio
Luciano Di Carvalho
Lucieudo Chaves
Paulo Sérgio Sousa
Valmir Souza

Textos
Aterlane Martins
Paulo Sérgio Souza

Revisão Textual
Luciano Di Carvalho

ANEXO C – REGULAMENTO DE FESTIVAIS DE QUADRILHAS JUNINAS



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

REGULAMENTO ÚNICO DE FESTIVAIS E QUADRILHAS JUNINAS 2019

CAPÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art.1º - As quadrilhas juninas, categorias adulta e infantil, bem como os festivais juninos obedecerão às normas constantes deste regulamento.

§1º - O não cumprimento deste regulamento por parte das quadrilhas e dos promotores de festivais, devidamente credenciados à FEQUAJUCE, acarretará nas penalidades previstas neste regulamento, sem prejuízo das penalidades previstas no Estatuto Social da entidade.

§2º - O não cumprimento deste regulamento por parte dos membros da comissão avaliadora impossibilitará sua atuação em qualquer evento credenciado à entidade.

CAPÍTULO II - DA ATUALIZAÇÃO CADASTRAL E DAS FILIAÇÕES

Art.2º- Ficam as quadrilhas juninas, de ambas as categorias, obrigadas a proceder à atualização cadastral ou filiação, para o ano de 2019, ficando definido em assembleia três prazos, sendo o primeiro até o dia 31/03/2019 o pagamento do valor de 25% do salário mínimo, segundo prazo de 01/04/2019 a 31/05/2019 o valor de 30% do salário mínimo e o terceiro prazo a partir de 01/06/2019 o valor de 40% do salário mínimo; os festivais ficam obrigados a proceder à atualização cadastral ou filiação, para o ano de 2019, até 20 (vinte) dias antes de sua realização.

§1º - Cada Quadrilha Junina filiada tem o direito a realizar um festival de quadrilhas com isenção do pagamento da taxa de filiação do festival.

§2º - Só serão recebidas filiações de grupos vindos de outras instituições do movimento junino até 31/05/2019.

§3º - As solicitações de filiação poderão ser realizadas:

- Presencialmente, na sede da instituição, por meio de formulário próprio, requerimento, apresentação de cópia do RG, CPF e comprovante de endereço do requerente e pagamento da taxa de filiação;
- Por email, através de formulário próprio, requerimento, apresentação de cópia do RG, CPF e comprovante de endereço do requerente e comprovante de pagamento da taxa de filiação;
- Por plataforma virtual oficial disponibilizada gratuitamente pela Fequajuce, mediante o preenchimento de todos os campos necessários e envio do comprovante de pagamento da taxa de filiação.

§4º - Somente serão considerados filiados as quadrilhas/festivais juninos que tiverem suas inscrições validadas pela entidade.

*Os §2º, §3º e §4º deste artigo foram inseridos após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.3º - Para terem os seus cadastrados aceitos ou atualizados na FEQUAJUCE em 2019, as quadrilhas juninas não podem estar cumprindo nenhum tipo de penalidade imposta pela entidade, ou ter pendência financeira junto à Federação.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jacy
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



Art.4º - Para terem os seus cadastrados aceitos ou atualizados na FEQUAJUCE em 2019, os festivais não podem estar cumprindo nenhum tipo de penalidade imposta pela entidade, ou ter pendência financeira junto à Federação e/ou, com as quadrilhas juninas e/ou avaliadores.

Parágrafo único - O festival que tiver com pendência financeira junto à Federação e/ou de premiação com alguma quadrilha junina e/ou jurado, só poderá ter seu cadastro atualizado quando cessar a pendência. A comprovação da quitação da pendência deverá ser feita por escrito, assinada pelo Presidente ou Vice-Presidente da quadrilha e dirigida à Federação.

Art.5º - Só poderão participar dos festivais credenciados à FEQUAJUCE as quadrilhas juninas devidamente cadastradas e/ou filiadas no ano vigente.

§1º - O não cumprimento do disposto neste artigo implicará na impossibilidade do festival e/ou do seu promotor atualizar o seu cadastro na FEQUAJUCE em 2019.

§2º - O disposto neste artigo não se aplica aos festivais promovidos por órgãos governamentais, sejam municipais, estaduais ou federais.

CAPÍTULO III - DOS FESTIVAIS

Art.6º - Para efeito de inscrição das quadrilhas juninas nos festivais, o promotor do evento deverá preencher um formulário no ato da filiação do evento, contendo todas as informações, tais como infraestrutura, localização com ponto de referência, e todos os detalhes inerentes à premiação. Essas informações serão transformadas numa circular que serão afixadas na sede da entidade, bem como publicizadas nas redes sociais da entidade.

Parágrafo único - Fica inteiramente vedada a realização de festivais com um número inferior a 06 (seis) quadrilhas juninas inscritas.

Art.7º - Quando da reunião para o sorteio das apresentações, o promotor do festival deverá preencher uma ficha de inscrição dos grupos, contendo: o nome, a data, a ordem e o horário da apresentação da quadrilha, bem como o nome e a assinatura do representante da mesma.

Art.8º - Só serão permitidos festivais com semifinais e finais, se promovidos por órgãos governamentais.

Art.9º - Para os festivais realizados em locais abertos - ruas, praças, avenidas, etc., o horário máximo para a apresentação da última quadrilha é o estabelecido pela legislação do município. Em locais fechados - clubes, escolas, ginásios - ficará a critério do promotor do festival o horário de encerramento. No entanto, em ambos os locais, devem ser observadas às exigências legais no tocante à poluição sonora.

Parágrafo único - Caberá ao promotor do festival a responsabilidade de observar e fazer cumprir os horários de início e término do festival, bem como divulgar aos responsáveis pelos grupos juninos os horários estabelecidos para cada apresentação.

Art.10 - É dever do promotor do festival apresentar um sistema de som dotado com, no mínimo, uma mesa com entrada de 16 (dezesesseis) canais, um notebook e/ou aparelho de leitura de dvd, requisito necessário para apresentação de quadrilhas juninas, sendo vedada a utilização de paredão de som.



ficando sob responsabilidade do promotor do festival ou alguém designado por ele acompanhar a passagem de som junto ao representante do grupo.

~~Art.10 - É dever do promotor do festival apresentar um sistema de som dotado com, no mínimo, uma mesa com entrada de 16 (dezois) canais, um notebook e/ou aparelho de leitura de dvd, requisito necessário para apresentação de quadrilhas juninas, sendo vedada a utilização de paredão de som. *Este Artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.~~

Art.11 - É de inteira responsabilidade do promotor do festival zelar pela segurança dos grupos e da comissão avaliadora, nos limites do local da realização do evento, devendo ser usada segurança pública e privada, observando-se a presença de elementos visivelmente embriagados ou drogados no local destinado à apresentação dos grupos ou à comissão avaliadora.

CAPÍTULO IV - DAS QUADRILHAS JUNINAS

Art.12 - Para a apresentação da quadrilha não haverá limite de pares.

Art.13 - A escolha do tipo de acompanhamento musical será de responsabilidade de cada quadrilha junina.

CAPÍTULO V - DAS APRESENTAÇÕES

Art.14 - Cada grupo terá o direito de utilizar o local da apresentação por 50 (cinquenta) minutos, sendo 10 (dez) minutos destinados à passagem de som, montagem de cenário e volta de apresentação, sendo permitida a montagem dos equipamentos musicais antes da marcação deste tempo; 35 (trinta e cinco) minutos para fazer a sua apresentação, incluindo-se neste tempo a encenação do casamento; e 5 (cinco) minutos destinados à desmontagem dos cenários e demais equipamentos, sendo exigido um temporizador visível, sendo permitido a retirada do material cenográfico no decorrer dos 50 (cinquenta) minutos da quadrilha (Com área de saída "dispersão" para os Festivais de grande porte).

§1º - Fica estabelecido 01 (um) minuto de tolerância para o grupo que exceder ao tempo de apresentação determinado neste regulamento.

§2º - O grupo que descumprir o tempo previsto neste Regulamento deverá perder 01 (um) ponto do total de suas notas no quesito quadrilha, por cada minuto ou fração de minuto ultrapassado.

§3º - O tempo deverá ser marcado pelo presidente da comissão avaliadora, cabendo o direito à Quadrilha de indicar um representante para acompanhar esse processo de contagem.

Exemplo: O Presidente da Comissão Avaliadora dá início à contagem do tempo de produção para a Quadrilha Junina "SOU MAIS FEQUAJUCE" que tem duração de 10 (dez) minutos. Neste tempo, a quadrilha deverá passar o som, montar equipamentos e/ou cenários e fazer a sua volta de apresentação, se houver. Concluída a produção ou chegada ao tempo de 10 (dez) minutos, mesmo que a produção não tenha sido concluída, o presidente da Comissão Avaliadora deverá zerar o cronômetro e dar início a contagem do tempo previsto para a apresentação do grupo (35 minutos), incluindo-se a encenação do casamento. Concluída a apresentação do grupo (saída do último brincante do local destinado à apresentação), o cronômetro para a contagem do tempo de apresentação deverá ser encerrado, dando início à contagem do tempo de desmontagem do cenário e demais equipamentos. Caso o tempo de apresentação tenha excedido 36 minutos (35 destinados à apresentação e 01 minuto de tolerância), o grupo deverá perder 01 (um) ponto do total de suas notas no quesito quadrilha, por cada minuto ou fração de minuto ultrapassado. Caso o tempo de desmontagem do cenário e demais equipamentos tenha excedido aos 05 minutos determinados, o grupo deverá perder 01 (um) ponto do total de suas notas no quesito quadrilha, por cada minuto ou fração de minuto ultrapassado.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS
JUNINAS DO CEARÁ

QUADRILHA JUNINA SOU MAIS FEQUAJUCE		
TEMPO DE PRODUÇÃO	TEMPO DE APRESENTAÇÃO	TEMPO DE DESMONTAGEM
10 MINUTOS	35 MINUTOS Tolerância de 01 minuto	05 MINUTOS

Art.15 - Nos casos em que ocorram atrasos, de responsabilidade do promotor do festival, ficam asseguradas às quadrilhas o seu direito de apresentação, seguindo a escala em ordem previamente estabelecida quando da reunião do evento. No entanto, para usufruir do seu direito, o grupo deverá estar concentrado no local do evento pelo menos 15 (quinze) minutos antes do horário previsto para a sua apresentação.

§1º - A quadrilha que recusar apresentar-se em horário diferente do previamente combinado não sofrerá nenhum tipo de penalidade, bastando o promotor do festival anotar no Relatório de Participação do Festival - RPF o horário da chegada do grupo no local do evento, atestando que a quadrilha junina estava no local e horário previamente combinados, e o novo horário em que o grupo deveria se apresentar.

§2º - Nos casos de atraso por parte do promotor do festival o mesmo deverá ser penalizado com o pagamento de uma multa no valor de 10% do salário mínimo vigente à época do pagamento, a ser distribuído da seguinte forma: 70% para a quadrilha e 30% para a FEQUAJUCE, a título de taxa de administração.

Art.16 - Nos casos em que ocorram atrasos, de responsabilidade do grupo, a apresentação da quadrilha ficará a critério do promotor do festival, devendo, se permitido, o grupo ser o último a se apresentar.

§1º - Caso seja permitida a apresentação do grupo, o mesmo deverá ser penalizado com a perda de 01 (um) ponto no total de suas notas do quesito quadrilha, logo após sua apresentação, bem como comunicado ao presidente da quadrilha.

§2º - A não aceitação do novo horário pelo grupo será considerada falta, devendo a quadrilha junina ser penalizada com a perda de 01 (um) ponto na classificação do Festival Cearense, a cada falta cometida, e com o valor de 10% do salário mínimo vigente à época do pagamento, a ser distribuído da seguinte forma: 70% para o festival e 30% para a FEQUAJUCE, a título de taxa de administração.

Art.17 - O grupo que deixar de comparecer, sem justificativa comprovada, a qualquer festival que estiver inscrito, deverá ser penalizado com a perda de 01 (um) ponto na classificação do Festival Cearense, a cada ausência não justificada, e com o valor de 10% do salário mínimo vigente à época do pagamento, a ser distribuído da seguinte forma: 70% para o festival e 30% para a FEQUAJUCE, a título de taxa de administração.

§1º - As desistências, por motivo de força maior, deverão ser justificadas e comprovadas antes ou durante a realização do festival.

§2º - As desistências, sem justificativas, deverão ser comunicadas com no mínimo 48:00 horas de antecedência do início do festival.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



Art.17 — O grupo que deixar de comparecer, sem justificativa comprovada, a qualquer festival que estiver inscrito, deverá ser penalizado com a perda de 01 (um) ponto na classificação do Festival Cearense, a cada ausência não justificada, e com o valor de 10% de salário mínimo vigente à época do pagamento, a ser distribuído da seguinte forma: 70% para o festival e 30% para a FEQUAJUCE, a título de taxa de administração. **Parágrafo único** — A justificativa deverá ser feita antes ou durante a realização do evento. * Este Artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.18 - O promotor que deixar de realizar o Festival, sem justificativa comprovada, deverá ser penalizado com o valor do salário mínimo vigente à época do pagamento, a ser distribuído para as quadrilhas inscritas no festival.

Art.19 - Em noites de chuvas fortes em toda cidade e/ou região, a quadrilha que faltar ao festival realizado em local aberto fará, ainda, uma justificativa para a FEQUAJUCE num prazo de 02 (dois) dias úteis, para quando da apuração das notas do Festival Cearense a mesma não ser punida como faltosa. **Parágrafo único** - Caberá à FEQUAJUCE o acompanhamento dos dias chuvosos no período de realização dos festivais. A entidade, após análise da justificativa, dará o seu parecer.

Art.20 - Não será caracterizada como falta a ausência da quadrilha que tiver que participar de semifinal ou final de festivais promovidos pelos órgãos governamentais. Para isso, o grupo deverá fazer um comunicado, por escrito, dirigido ao promotor do festival.

Art.21 - Caberá ao Presidente da Comissão Avaliadora, com o auxílio do promotor do Festival e/ou sua equipe, observar e fazer cumprir os horários de início e término das apresentações dos grupos juninos, é dever do promotor do festival disponibilizar para a federação o cronograma de apresentação dos grupos, com no mínimo 24 horas de antecedência, as notas deverão ser lançadas no SARE pelo presidente de mesa no decorrer das apresentações das quadrilhas juninas, bem como deverá ser divulgado o resultado das três primeiras colocadas ao término do festival, exceto nos casos que o mesmo estiver exercendo a função de jurado e presidente de mesa.

CAPÍTULO VI - DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO AVALIADORA

Art.22 - Cada festival terá uma comissão avaliadora composta de 05 (cinco) membros, pessoas maiores de 18 (dezoito) anos, com conhecimento cultural na área de folclore e quadrilha junina, que tenham participado do curso de formação de avaliadores promovido pela FEQUAJUCE no ano vigente, sendo que 01 (um) dos membros exercerá somente a função de presidente da comissão avaliadora.

Parágrafo único - A escolha desta comissão é de responsabilidade da diretoria e do Conselho Gestor da FEQUAJUCE que decidirá através de sorteio, ou outra metodologia a sua escolha, que deverá comunicar a composição da mesa ao promotor do festival até 8 horas antes do início do mesmo.

Parágrafo único — ~~A escolha desta comissão é de responsabilidade do Conselho de Avaliadores da FEQUAJUCE que decidirá através de sorteio, ou outra metodologia a sua escolha, que deverá comunicar a composição da mesa ao promotor do festival até 8 horas antes do início do mesmo.~~ * O parágrafo único deste artigo a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.23 - É vedada a participação de parentes até o terceiro grau de componentes e diretores de quadrilhas, ex-brincantes e/ou profissionais ligados às quadrilhas, quando da participação da mesma no festival, exceto, se houver se desligado do grupo há mais de 03 (três) anos.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

Parágrafo único - Caso seja comprovado o previsto neste artigo a quadrilha será penalizada com a perda da pontuação do evento para o Festival Cearense; e o membro da comissão avaliadora ficará impossibilitado de participar de comissões avaliadoras em 2019; se considerados responsáveis.

Art.23 - É vedada a participação de parentes até o terceiro grau de componentes e diretores de quadrilhas, ex-brincantes e/ou profissionais ligados às quadrilhas, quando da participação da mesma no festival, exceto, se houver se desligado do grupo há mais de 02 (dois) anos. *Este artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.24 - Para efeito de validade do festival, a composição da comissão deverá permanecer inalterada.

§1º - No caso da falta de 01 (um) membro da comissão avaliadora no decorrer do festival, todas as suas notas serão eliminadas por completo do festival, sendo considerada como menor nota.

§2º - O disposto no "caput" deste artigo não se aplica na etapa final dos festivais promovidos por órgãos governamentais ou em caso da falta de 02 (dois) membros da comissão avaliadora, desde que mantida a quantidade.

CAPÍTULO VII - DAS AVALIAÇÕES

Art.25 - A comissão avaliadora é soberana em sua decisão. Portanto, somente ela poderá opinar e decidir sobre as notas, classificação e resultado do festival, observadas as determinações contidas neste Regulamento.

Art.26 - Os avaliadores atribuirão para cada sub-questo julgado, notas em uma escala de 08 (oito) a 10 (dez), podendo atribuir notas fracionadas, observando o seguinte modelo, na ausência de um sub-questo seja atribuído a nota 0 (zero)

I - 8,3 - 8,5;

II - 9,1 - 9,9.

§1º - Caso a Quadrilha deixe de apresentar qualquer quesito ou sub-questo em julgamento, o mesmo terá direito a menor nota atribuída por este regulamento: 0,0 (zero).

§2º - À falta de alguma nota em qualquer sub-questo na planilha de votação, deverá ser aplicado ao sub-questo em questão a nota máxima: 10,0 (dez).

§3º - À rasura ou emenda de alguma nota em qualquer sub-questo na planilha de votação, deverá ser aplicado ao sub-questo em questão a nota máxima: 10,0 (dez).

§4º - Todas as notas deverão ser justificadas, em caso de descumprimento desse artigo o jurado sofrerá o afastamento das mesas no ano de 2020.

Art. 27 - Após lançadas todas as notas nas planilhas de avaliações e importadas para o Sistema de Apuração de Resultados - SARE, será eliminada a menor nota por cada sub-questo em julgamento restando, assim, três notas medianas para cada sub-questo, onde essas notas serão responsáveis pela escolha dos melhores quesitos.

CAPÍTULO VIII - DOS DOCUMENTOS, DAS PLANILHAS E DOS RELATÓRIOS

FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



Art.28 - Antes da apresentação de cada quadrilha, o representante do festival entregará ao diretor do grupo o Relatório de Participação do Festival - RPF, assinado pelo promotor do evento e pelo presidente da comissão avaliadora.

Parágrafo único - O Relatório de Participação do Festival - RPF, devidamente preenchido e assinado, deverá ser entregue, após a apresentação do grupo, ao Presidente da comissão avaliadora.

Art.29 - Após a apresentação de cada grupo, o presidente da comissão avaliadora fará a entrega, a um representante da quadrilha, das vias das planilhas de votação, devidamente assinadas pelos avaliadores, pelo presidente da comissão e pelo promotor do festival.

Parágrafo único - Caberá a cada quadrilha a responsabilidade de fiscalizar, durante o recebimento, o preenchimento correto das suas planilhas, sendo vedadas reclamações posteriores.

Parágrafo único - ~~Caberá a cada quadrilha a responsabilidade de fiscalizar, durante o recebimento, o preenchimento correto das suas planilhas.~~ *O parágrafo único deste artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.30 - Caberá aos membros da comissão avaliadora o preenchimento do Relatório de Ocorrência do Festival - ROF, que deverá ser assinado pelo promotor do festival e pelo presidente da comissão avaliadora.

Art.31 - Toda documentação (primeiras vias das planilhas de votação, ROF, RPF, relação de quadrilhas inscritas e fichas de inscrição de quadrilhas, bem como representações destinadas a entidade) referente ao festival deverá ser entregue na sede da FEQUAJUCE, até dois dias úteis após a realização do festival, pelo presidente da comissão avaliadora.

Parágrafo único - Caso o presidente da comissão avaliadora não cumpra o prazo previsto neste artigo, a FEQUAJUCE poderá ingressar com uma ação judicial contra o mesmo, ficando o festival e/ou o seu promotor, se tiver dado causa, impossibilitados de atualizar seu cadastro ou filiar-se no ano seguinte, bem como será aplicado multa no valor de um salário mínimo, a ser distribuída da seguinte forma: 70% serão rateados entre as quadrilhas prejudicadas e 30% para FEQUAJUCE, a título de taxa de administração.

CAPÍTULO IX - DOS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO

Art.32 - Serão julgados:

I - QUADRILHA: Coreografia, Evolução, Harmonia, Animação, Figurino, Casamento, Repertório;

II - CASAL DE NOIVOS: Desenvoltura, Interpretação, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

III - MARCADOR: Liderança, Desenvoltura, Animação, Figurino, Integração com o grupo;

IV - RAINHA (ADULTA): Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

V - PRINCESA (INFANTIL): Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

VI - TEMA: Criatividade, Pesquisa, Desenvolvimento, Adaptação com os festejos juninos.

Art.33 - Para as quadrilhas infantis prevalecerão idade máxima dos destaques (noivos e princesa) em 12 anos, e os demais incluindo marcador até 16 anos, portando documentação comprobatória da idade.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



Art.34 - É imprescindível a participação da Rainha/Princesa, do Casal de Noivos e do Marcador durante a maior parte do tempo destinado à apresentação coreográfica do grupo.

Parágrafo único: O não cumprimento deste artigo implicará na perda de 1 (um) ponto no quesito quadrilha e no respectivo destaque.

Art.34—É imprescindível a participação da Rainha/Princesa, do Casal de Noivos e do Marcador durante a maior parte do tempo destinado à apresentação do grupo. *Este artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.35 - No sub-quesito coreografia, cada quadrilha terá que apresentar, obrigatoriamente, 12 (doze) passos tradicionais.

Parágrafo único: A não apresentação desta quantidade implicará na perda de 1 (um) ponto no sub-quesito coreografia.

CAPÍTULO X - DOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE

Art.36 - Quando da divulgação do resultado do festival, ocorrendo empate, entre duas ou mais quadrilhas ou destaques, o desempate se dará obedecendo à ordem dos sub-quesitos correspondentes ao quesito empatado, conforme abaixo:

I - NO QUESITO QUADRILHA - Coreografia, Evolução, Harmonia, Animação, Figurino, Casamento, Repertório;

II - NO QUESITO CASAL DE NOIVOS - Desenvoltura, Interpretação, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

III - NO QUESITO MARCADOR - Liderança, Desenvoltura, Animação, Figurino, Integração com o grupo;

IV - NO QUESITO RAINHA (ADULTA) - Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

V - NO QUESITO PRINCESA (INFANTIL) - Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

VI - TEMA - Criatividade, Pesquisa, Desenvolvimento, Adaptação com os festejos juninos.

Parágrafo único - Permanecendo o empate, exclusivamente no quesito quadrilha, o desempate se dará obedecendo a ordem dos quesitos posteriores, conforme relacionado acima.

Art.36—Quando da divulgação do resultado do festival, ocorrendo empate, entre duas ou mais quadrilhas ou destaques, o desempate se dará obedecendo à ordem abaixo:

I—NO QUESITO QUADRILHA—Coreografia, Evolução, Harmonia, Animação, Figurino, Casamento, Repertório;

II—NO QUESITO CASAL DE NOIVOS—Desenvoltura, Interpretação, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

III—NO QUESITO MARCADOR—Liderança, Desenvoltura, Animação, Figurino, Integração com o grupo;

IV—NO QUESITO RAINHA (ADULTA)—Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

V—NO QUESITO PRINCESA (INFANTIL)—Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

VI—TEMA—Criatividade, Pesquisa, Desenvolvimento, Adaptação com os festejos juninos. *Este Artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.37 - Depois de esgotados todos os critérios para desempate do Quesito Quadrilha, somar-se-á toda a planilha e será declarada campeã a quadrilha que obtiver a maior soma de todas as notas.



Art.38 - Esgotadas todos os critérios e, mesmo assim, não havendo desempate, os grupos serão considerados na mesma colocação de classificação no resultado final do festival.

Parágrafo único - No caso de premiação em dinheiro, o valor do prêmio será dividido entre os grupos empatados; no caso de troféu, ambos deverão recebê-lo com a mesma denominação, devendo ser entregue pelo promotor do festival, na sede da Fequajuice, no prazo máximo de 30 (trinta) dias.

Art.39 - Nos quesitos Casal de Noivos, Marcador e Rainha/Princesa, depois de esgotados todos os critérios para desempate, será vencedor o que representar a quadrilha melhor colocada no festival, entre as empatadas.

CAPÍTULO XI - DAS PREMIAÇÕES

Art.40 - A entrega da premiação das quadrilhas e destaques deverá ser no próprio evento. Em caso da ausência do Presidente do grupo no local do evento, a premiação deverá ser entregue ao presidente da comissão avaliadora.

Art.41 - Para os festivais que tiverem premiação em dinheiro recomenda-se que 50% da premiação sejam entregues à Federação até 48 (quarenta e oito) horas antes da realização do evento. O restante da premiação deverá ser entregue até 30 (trinta) dias úteis após o término do festival (no caso de poder público), na sede da FEQUAJUCE, em dia e horário previamente combinado e com a presença de pelo menos um representante de cada parte envolvida no processo.

CAPÍTULO XII - DO CEARENSE

Art.42 - O XV Festival Cearense será realizado no mês de julho com data e local a ser definida e divulgada posteriormente.

Art.43 - Os festivais credenciados pela FEQUAJUCE que pontuarão para o Festival Cearense serão realizados em período a ser definido e divulgado posteriormente.

Art.44 - Em data, local e horário ainda a ser definido e divulgado, será realizada a reunião de sorteio dos horários e dias das apresentações dos participantes, devendo as quadrilhas se fazer representar pelo seu presidente e/ou vice-presidente.

Parágrafo único - Em caso da ausência do presidente ou vice será obrigatória a apresentação de procuração por escrito, assinada por um dos citados comprovando total autonomia nas decisões que serão tomadas na reunião.

Art.45 - Cada grupo terá o direito de utilizar o local da apresentação por 50 (cinquenta) minutos, sendo 10 (dez) minutos destinados à passagem de som, montagem e volta de apresentação; 35 (trinta e cinco) minutos para fazer a sua apresentação, incluindo-se neste tempo a encenação do casamento; e 5 (cinco) minutos destinados à desmontagem dos cenários e demais equipamentos, sendo exigido um temporizador visível, permitido a retirada do material cenográfico no decorrer dos 50 (cinquenta) minutos de apresentação quadrilha (Com área de saída "dispersão" para os Festivais de grande porte).

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuice.com.br



§1º - Fica estabelecido 01 (um) minuto de tolerância para o grupo que exceder ao tempo de apresentação determinado neste regulamento.

§2º - O grupo que descumprir o tempo previsto neste Regulamento deverá perder 01 (um) ponto do total de suas notas no quesito quadrilha, por cada minuto ou fração de minuto ultrapassado.

§3º - O tempo deverá ser marcado pelo presidente da comissão avaliadora, cabendo o direito à Quadrilha de indicar um representante para acompanhar esse processo de contagem.

Art.46- Os critérios de participação no Festival, serão divididos em duas fases:

I - Na primeira:

- As Quadrilhas Juninas adultas da Capital deverão concorrer, no mínimo, em 10 (dez) festivais, credenciados ou realizados pela Fequajuce, em qualquer município do Estado;
- As Quadrilhas Juninas adultas da Região Metropolitana de Fortaleza deverão concorrer, no mínimo, em 08 (oito) festivais credenciados ou realizados pela Fequajuce, em qualquer município do Estado;
- As Quadrilhas Juninas adultas do Interior do Estado deverão concorrer, no mínimo, em 06 (seis) festivais credenciados ou realizados pela Fequajuce, em qualquer município do Estado;
- As Quadrilhas Juninas infantis da Capital e Região Metropolitana de Fortaleza deverão concorrer, no mínimo, em 05 (cinco) festivais credenciados ou realizados pela Fequajuce, em qualquer município do Estado;
- As Quadrilhas Juninas infantis do interior do Estado deverão concorrer, no mínimo, em 03 (três) festivais credenciados ou realizados pela Fequajuce, em qualquer município do Estado.

II - Na segunda:

- Caso a quadrilha tenha participado da quantidade mínima de festivais estabelecidos na primeira fase, serão somadas todas as notas do Quesito Quadrilha de todas as apresentações realizadas pelo grupo e, este resultado será dividido pela quantidade de festivais, obtendo, assim, a média aritmética. Após a formação da média, será feito o ranking, da maior para a menor média, de acordo com as vagas estabelecidas neste regulamento.
- Caso a quadrilha tenha participado de mais festivais que o mínimo exigido, serão selecionadas as maiores notas alcançadas e, este resultado será dividido pela quantidade de apresentações, respeitando-se a quantidade estabelecida para a categoria que a quadrilha pertence.

Parágrafo único: No caso da média, serão atribuídas quantas casas decimais forem necessárias para o desempate.

Exemplo 1: A Quadrilha Junina "Eu me importo" é da categoria infantil do interior do Estado, e concorreu em 03 (três) festivais credenciados em 2019, obtendo as seguintes pontuações:

FESTIVAL 1	FESTIVAL 2	FESTIVAL 3
160,0	149,9	149,8

Resultado: A Quadrilha Junina "Eu me importo" preencheu os critérios estabelecidos na primeira fase e terá suas pontuações contabilizadas na segunda fase. Para isso, somaremos as pontuações obtidas e dividiremos o resultado pela quantidade de apresentações, vejamos:

$$\frac{160,0 + 149,9 + 149,8}{3 \text{ apresentações}} = 149,9$$

Exemplo 2: A Quadrilha Junina "O Quadrilheiro acordou" é da categoria infantil da Capital e concorreu em 12 (doze) festivais

R. guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



credenciadas em 2019, obtendo as seguintes pontuações:

Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival	Festival
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
149.0	149.1	149.2	149.3	149.4	149.5	149.6	149.7	149.8	149.9	150.0	150.0

Resultado: A Quadrilha Junina "O Quadrilheiro acordou" preencheu os critérios estabelecidos para a primeira fase e terá suas pontuações contabilizadas na segunda fase. Para isso, somaremos somente as 06 (seis) melhores pontuações obtidas e dividiremos pela quantidade mínima de festivais necessários, vejamos:

$$\frac{150.0 + 150.0 + 149.9 + 149.8 + 149.7 + 149.6}{6 \text{ apresentações}} = 149,833$$

Art. 47 - As vagas para as regiões estão assim definidas:

I - Categoria adulta: 30 (trinta) vagas, abaixo distribuídas:

- a) Capital: 12 (doze) vagas;
- b) Região Metropolitana: 05 (cinco) vagas;
- c) Maciço de Baturité: 01 (uma) vaga;
- d) Litoral Leste: 01 (uma) vaga;
- e) Vale do Jaguaribe: 01 (uma) vaga;
- f) Sertões Quixeramobim: 01 (uma) vaga;
- g) Sertões Carindé: 01 (uma) vaga;
- h) Litoral Oeste/Vale do Curu: 01 (uma) vaga;
- i) Litoral Extremo Oeste: 01 (uma) vaga;
- j) Sertão dos Inhamuns: 01 (uma) vaga;
- k) Sertão dos Cratêus: 01 (uma) vaga;
- l) Vale do Acaraú: 01 (uma) vaga;
- m) Ibiapaba: 01 (uma) vaga;
- n) Cariri: 01 (uma) vaga;
- o) Centro Sul/Vale do Salgado: 01 (uma) vaga.

II - Categoria infantil: 10 (dez) vagas, abaixo distribuídas:

- a) Capital: 05 (cinco) vagas;
- b) Região Metropolitana: 03 (três) vagas;
- c) Demais regiões do Interior: 02 (duas) vagas.

Parágrafo único: Caso não seja atingida a vaga destinada a alguma região do interior do Estado, esta será destinada à Quadrilha da região do interior que tiver a melhor média na sequência.

Art. 48 - As quadrilhas deverão estar com 10 (dez) minutos de antecedência ao horário de sua apresentação no espaço destinado à concentração.

Parágrafo único - Não será permitida apresentação fora do horário previsto. Caso seja concedida alguma exceção, a quadrilha se apresentará ciente que será punida com a redução de 05 (cinco) pontos da somatória final.

Art. 49 - A Comissão Avaliadora será composta por 11 (onze) membros, sendo que 01 (um) membro exercerá somente a função de presidente da comissão.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

§1º - Os 10 (dez) membros da comissão serão escolhidos com os seguintes critérios, na reunião realizada para o sorteio serão selecionados 40 (quarenta) nomes, sendo 20 (vinte) excluídos por sorteio, e outros 20 seriam levados até o dia do evento sendo sorteados os 10 (dez) uma hora antes.

§2º - A escolha dos quesitos a serem julgados no Festival por cada membro da comissão avaliadora será realizada no dia do sorteio.

Art. 50 - As notas poderão ser atribuídas de forma fracionada (8,1; 8,2; 9,4; 9,9), sendo aplicadas apenas no intervalo de 8,0 (oito) a 10,0 (dez).

§1º - À falta de alguma nota em qualquer sub-quesito na planilha de votação, deverá ser aplicada ao sub-quesito em questão a nota máxima: 10,0 (dez).

§2º - Caso a Quadrilha deixe de apresentar qualquer quesito ou sub-quesito em julgamento o mesmo terá a menor nota atribuída por este regulamento: 0,0 (zero).

§3º - À rasura ou emenda de alguma nota em qualquer sub-quesito na planilha de votação, deverá ser aplicado ao sub-quesito em questão a nota máxima: 10,0 (dez).

§4º - Todas as notas deverão ser justificadas.

Art. 51 - A computação de pontos para a apuração do resultado ocorrerá diariamente, em lotes de três grupos, iniciando após o término da apresentação do terceiro grupo no primeiro dia, sendo os envelopes abertos na presença dos representantes dos três grupos, bem como de uma pessoa designada pela presidência da mesa em comum acordo com a diretoria da Fequajuce, porém somente o presidente da quadrilha que está tendo suas notas apuradas terá acesso as notas.

Art. 52 - A premiação do festival será na forma abaixo especificada:

I - Categoria adulta:

a) Campeã: - Uma vaga para, como a melhor quadrilha junina do Estado do Ceará, representar a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará - Fequajuce no XVII Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas - CONFEBRAQ, com local e data a definir, além de 01 (um) ônibus para fazer o transporte do grupo até a cidade realizadora do evento;

b) do 2º ao 5º lugar: filiação da Fequajuce no ano de 2019.

II - Categoria Infantil:

a) do 1º ao 5º lugar: filiação da Fequajuce no ano de 2019.

§1º - O melhor marcador, a melhor rainha, a melhor princesa e o melhor casal de noivos, nas categorias adulta e infantil, ganharão troféus.

§2º - Caso a quadrilha adulta campeã, seja qual for o motivo, não puder representar a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará - Fequajuce, como a melhor quadrilha junina do Estado do Ceará, no XVI Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas - CONFEBRAQ, com local e data a definir, terá a sua vaga, além do ônibus, concedidos à vice-campeã e, assim sucessivamente, preservados a sua colocação e o seu título, ficando a campeã obrigada a confirmar sua apresentação no prazo de 07 (sete) dias corridos após divulgação do resultado.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

82º— Caso a quadrilha adulta campoã, seja qual for o motivo, não puder representar a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará—Fequajuce, como a melhor quadrilha junina do Estado do Ceará, no XVI Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas—CONFEBRAQJ, com local e data a definir, terá a sua vaga, além do ônibus, concedidos à vice-campoã, assim sucessivamente, preservados a sua colocação e o seu título. *O 82º deste artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

CAPÍTULO XIII - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 53 - Para os efeitos deste regulamento, consideram-se as seguintes definições:

I - Coreografia: A coreografia é o conjunto de movimentos sequenciados de uma dança, caracterizada como quadrilha junina apresentando passos tradicionais, seguindo uma trilha musical;

II - Evolução: É a forma como a coreografia é apresentada e executada pelos dançarinos numa progressão no decorrer da apresentação.

III - Harmonia: É a forma como os dançarinos da quadrilha junina dançam, considerando, se há entrosamento ou não dos mesmos com o ritmo apresentado pela trilha musical e também com a proposta da coreografia junina;

IV - Animação: Movimento entusiasmado, alegre, vivaz, despertando a empolgação e a participação do público. Entrega de corpo e alma em uma atividade com o objetivo de demonstrar o espírito da animação, durante todo o desenvolvimento da apresentação;

V - Figurino: Conjunto de vestuário e acessórios, resultado da pesquisa e criatividade, correspondente ao tema abordado, obrigatoriamente ligado à cultura junina;

VI - Casamento: É a representação cênica da celebração do matrimônio, dentro do contexto tradicional da cultura junina;

VII - Repertório - Letra da composição escrita expressa de forma musical, cantada ou recitada, acompanhada pela música instrumental, "ao vivo" ou mecânica, em sincronia de sons no tempo musical determinado, conforme a tradição da cultura junina, expressando afinidade com a temática e a cultura junina.

VIII - Desenvoltura: É a representação desenvolvida com desembaraço, de forma desinibida e espontânea;

IX - Interpretação: Representação contextualizada, considerando a atuação individual e a cumplicidade entre o casal durante toda a apresentação;

X - Jocosidade: É a forma graciosa e cômica que se apresentam os personagens no contexto junino;

XI - Integração com o grupo: Ato de interagir e se integrar ao grupo demonstrando pertencimento ao mesmo;

XII - Liderança: Condição de dirigir a apresentação de forma dinâmica, baseada na competência e na autoridade, demonstrada no ato de conduzir os passos e na sequência a ser desenvolvida;

XIII - Criatividade: Inteligência e talento, para criar, inventar e inovar na criação da temática, dentro do contexto junino;

XIV - Pesquisa: conjunto de atividades fundamentado em um determinado assunto, que tem por finalidade novos conhecimentos, perceptível no decorrer da apresentação do grupo;

XV - Desenvolvimento: forma em que a temática foi desenvolvida demonstrando conhecimento e habilidade de transmitir o tema pesquisado;

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcy
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

XVI - Adaptação; maneira em que a temática foi adaptada ao contexto junino.

~~X - Jacosidade - Representação graciosa de personagem preposto;~~ *O item X deste artigo passou a ter nova redação após o Aditivo ao Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019.

Art.54 - Para os efeitos deste regulamento, consideram-se passos tradicionais:

I - Anarriê, Anavantu;

II - Balancê, Beija-Cravo, Beija-Flor, Buquê de Flores;

III - Caminho na Roga, Caracol, Carrapeta, Catavento, Cavalinho, Cinturinha, Contra Peri, Coroa de Espinhos, Costura, Cruz de Malta, Cumprimento;

IV - Cotovelo, Cosmo e Damião, Espalha Brasa, Espanhola, e Estrelinha;

V - Gancho, Girassol, Grande Roda;

VI - Jabaculé;

VII - Lacinho do amor, Lambreta;

VIII - Montanha Russa;

IX - Olha a chuva, Olha a cobra, Onda;

X - Parafuso, Passeio de Namorados, Passeio de Quatro, Peão, Peri;

XI - Roda Gigante, Rodinha de Quatro;

XII - Serrote, Sombrinha;

XIII - Trancilin, Trezinho, Túnel;

XIV - X;

XV - Zig-zag.

Art.55- Os grupos de quadrilhas ou promotores de festivais que cometerem atos de desordem, tais como: agressões físicas ou que causem prejuízos moral e/ou material a uma das partes, após a análise dos fatos, se culpados, automaticamente, estarão desfilados da FEQUAJUCE.

§1º - No caso de membros da Comissão avaliadora, estes serão impossibilitados de atuar em qualquer evento credenciado à entidade.

§2º - Caso seja comprovado o aliciamento ou assédio moral, de dirigentes ou membros da quadrilha, relacionado a avaliadores ou membros da comissão avaliadora, o grupo será imediatamente desclassificado e levado o caso ao Conselho de Avaliadores para averiguação dos fatos para punição que possa vir levar o grupo a desfiliação. Caso o jurado se comprometa ou não comunique o aliciamento ou assédio ao Conselho de Avaliadores, terá a mesma punição do grupo.

Art.56 - Não será permitido o uso de fogos de artifícios no espaço destinado à apresentação dos grupos.

Parágrafo único - O grupo que fizer uso desses artifícios será desclassificado do festival. No entanto, o grupo poderá usar traque, chuveiros ou fumaça, desde que comunicado ao promotor do evento que, também, será responsabilizado, no caso de haver algum dano ao público presente.

Art.57 - A apreciação, análise, apuração dos fatos e aplicação de penalidades decorrentes do descumprimento do previsto neste Regulamento, somente poderão ocorrer após a formalização, por escrito, em até 72 horas da ocorrência.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br

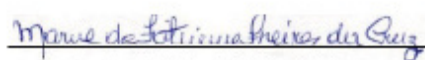


Art.58 - Todos os critérios não previstos neste Regulamento e/ou casos omissos deverão ser decididos pela Direção da FEQUAJUCE, respeitando-se o que estabelece o Estatuto Social da entidade e demais diretrizes.

Art.59 - Ao participarem dos festivais, todos estarão aceitando as condições previstas neste regulamento.

Art.60 - Este Regulamento entra em vigor nesta data.

Fortaleza, 23 de fevereiro de 2019.



Maria de Fátima Freires da Cruz

Presidente





FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS
JUNINAS DO CEARÁ

ADITIVO AO REGULAMENTO ÚNICO DE FESTIVAIS E QUADRILHAS JUNINAS 2019

O presente termo altera o Regulamento Único de Festivais e Quadrilhas Juninas 2019. Os artigos 2, 10, 17, 22, 23, 29, 34, 36, 52 e 53 passam a vigorar com as seguintes redações:

Art. 2º - Inserção do §2º, §3º e §4º:

Art. 2º - Ficam as quadrilhas juninas, de ambas as categorias, obrigadas a proceder à atualização cadastral ou filiação, para o ano de 2019, ficando definido em assembleia três prazos, sendo o primeiro até o dia 31/03/2019 o pagamento do valor de 25% do salário mínimo, segundo prazo de 01/04/2019 a 31/05/2019 o valor de 30% do salário mínimo e o terceiro prazo a partir de 01/06/2019 o valor de 40% do salário mínimo; os festivais ficam obrigados a proceder à atualização cadastral ou filiação, para o ano de 2019, até 20 (vinte) dias antes de sua realização.

§1º - Cada Quadrilha Junina filiada tem o direito a realizar um festival de quadrilhas com isenção do pagamento da taxa de filiação do festival.

§2º - Só serão recebidas filiações de grupos vindos de outras instituições do movimento junino até 31/05/2019.

§3º - As solicitações de filiação poderão ser realizadas:

- d) Presencialmente, na sede da instituição, por meio de formulário próprio, requerimento, apresentação de cópia do RG, CPF e comprovante de endereço do requerente e pagamento da taxa de filiação;
- e) Por email, através de formulário próprio, requerimento, apresentação de cópia do RG, CPF e comprovante de endereço do requerente e comprovante de pagamento da taxa de filiação;
- f) Por plataforma virtual oficial disponibilizada gratuitamente pela Fequajuce, mediante o preenchimento de todos os campos necessários e envio do comprovante de pagamento da taxa de filiação.

§4º - Somente serão considerados filiados as quadrilhas/festivais juninos que tiverem suas inscrições validadas pela entidade.

Art. 10 - É dever do promotor do festival apresentar um sistema de som dotado com, no mínimo, uma mesa com entrada de 16 (dezesesseis) canais, um notebook e/ou aparelho de leitura de dvd, requisito necessário para apresentação de quadrilhas juninas, sendo vedada a utilização de paredão de som, ficando sob responsabilidade do promotor do festival ou alguém designado por ele acompanhar a passagem de som junto ao representante do grupo.

Art. 17º - Alteração do §1º e inserção do §2º:

Art. 17 - O grupo que deixar de comparecer, sem justificativa comprovada, a qualquer festival que estiver inscrito, deverá ser penalizado com a perda de 01 (um) ponto na classificação do Festival Cearense, a cada ausência não justificada, e com o valor de 10% do salário mínimo vigente à época do

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

pagamento, a ser distribuído da seguinte forma: 70% para o festival e 30% para a FEQUAJUCE, a título de taxa de administração.

§1º - As desistências, por motivo de força maior, deverão ser justificadas e comprovadas antes ou durante a realização do festival.

§2º - As desistências, sem justificativas, deverão ser comunicadas com no mínimo 48:00 horas de antecedência do início do festival.

Art. 22 - Alteração do parágrafo único;

Art. 22 - Cada festival terá uma comissão avaliadora composta de 05 (cinco) membros, pessoas maiores de 18 (dezoito) anos, com conhecimento cultural na área de folclore e quadrilha junina, que tenham participado do curso de formação de avaliadores promovido pela FEQUAJUCE no ano vigente, sendo que 01 (um) dos membros exercerá somente a função de presidente da comissão avaliadora.

Parágrafo único - A escolha desta comissão é de responsabilidade da diretoria e do Conselho Gestor da FEQUAJUCE que decidirá através de sorteio, ou outra metodologia a sua escolha, que deverá comunicar a composição da mesa ao promotor do festival até 8 horas antes do início do mesmo.

Art. 23 - É vedada a participação de parentes até o terceiro grau de componentes e diretores de quadrilhas, ex-brincantes e/ou profissionais ligados às quadrilhas, quando da participação da mesma no festival, exceto, se houver se desligado do grupo há mais de 03 (três) anos.

Parágrafo único - Caso seja comprovado o previsto neste artigo a quadrilha será penalizada com a perda da pontuação do evento para o Festival Cearense; e o membro da comissão avaliadora ficará impossibilitado de participar de comissões avaliadoras em 2019; se considerados responsáveis.

Art. 29 - Alteração do parágrafo único;

Art. 29 - Após a apresentação de cada grupo, o presidente da comissão avaliadora fará a entrega, a um representante da quadrilha, das vias das planilhas de votação, devidamente assinadas pelos avaliadores, pelo presidente da comissão e pelo promotor do festival.

Parágrafo único - Caberá a cada quadrilha a responsabilidade de fiscalizar, durante o recebimento, o preenchimento correto das suas planilhas, sendo vedadas reclamações posteriores.

Art. 34 - É imprescindível a participação da Rainha/Princesa, do Casal de Noivos e do Marcador durante a maior parte do tempo destinado à apresentação coreográfica do grupo.

Parágrafo único; O não cumprimento deste artigo implicará na perda de 1 (um) ponto no quesito quadrilha e no respectivo destaque.

Art. 36 - Quando da divulgação do resultado do festival, ocorrendo empate, entre duas ou mais quadrilhas ou destaques, o desempate se dará obedecendo à ordem dos sub-quesitos correspondentes ao quesito empatado, conforme abaixo:

I - NO QUESITO QUADRILHA - Coreografia, Evolução, Harmonia, Animação, Figurino, Casamento, Repertório;

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



II - NO QUESITO CASAL DE NOIVOS - Desenvoltura, Interpretação, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

III - NO QUESITO MARCADOR - Liderança, Desenvoltura, Animação, Figurino, Integração com o grupo;

IV - NO QUESITO RAINHA (ADULTA) - Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

V - NO QUESITO PRINCESA (INFANTIL) - Desenvoltura, Animação, Figurino, Jocosidade, Integração com o grupo;

VI - TEMA - Criatividade, Pesquisa, Desenvolvimento, Adaptação com os festejos juninos.

Parágrafo único - Permanecendo o empate, exclusivamente no quesito quadrilha, o desempate se dará obedecendo a ordem dos quesitos posteriores, conforme relacionado acima.

Art. 52 - Alteração do §2º:

Art. 52 - A premiação do festival será na forma abaixo especificada:

I - Categoria adulta:

a) Campeã: - Uma vaga para, como a melhor quadrilha junina do Estado do Ceará, representar a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará - Fequajuce no XVII Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas - CONFEBRAQ, com local e data a definir, além de 01 (um) ônibus para fazer o transporte do grupo até a cidade realizadora do evento;

b) do 2º ao 5º lugar: filiação da Fequajuce no ano de 2019.

II - Categoria Infantil:

a) do 1º ao 5º lugar: filiação da Fequajuce no ano de 2019.

§1º - O melhor marcador, a melhor rainha, a melhor princesa e o melhor casal de noivos, nas categorias adulta e infantil, ganharão troféus.

§2º - Caso a quadrilha adulta campeã, seja qual for o motivo, não puder representar a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará - Fequajuce, como a melhor quadrilha junina do Estado do Ceará, no XVI Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas - CONFEBRAQ, com local e data a definir, terá a sua vaga, além do ônibus, concedidos à vice-campeã e, assim sucessivamente, preservados a sua colocação e o seu título, ficando a campeã obrigada a confirmar sua apresentação no prazo de 07 (sete) dias corridos após divulgação do resultado.

Art. 53 - Alteração do item X:

Art. 53 - Para os efeitos deste regulamento, consideram-se as seguintes definições:

I - Coreografia: A coreografia é o conjunto de movimentos sequenciados de uma dança, caracterizada como quadrilha junina apresentando passos tradicionais, seguindo uma trilha musical;

II - Evolução: É a forma como a coreografia é apresentada e executada pelos dançarinos numa progressão no decorrer da apresentação.

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br



FEQUAJUCE FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS DO CEARÁ

III - Harmonia; É a forma como os dançarinos da quadrilha junina dançam, considerando, se há entrosamento ou não dos mesmos com o ritmo apresentado pela trilha musical e também com a proposta da coreografia junina;

IV - Animação; Movimento entusiasmado, alegre, vivaz, despertando a empolgação e a participação do público. Entrega de corpo e alma em uma atividade com o objetivo de demonstrar o espírito da animação, durante todo o desenvolvimento da apresentação;

V - Figurino; Conjunto de vestuário e acessórios, resultado da pesquisa e criatividade, correspondente ao tema abordado, obrigatoriamente ligado à cultura junina;

VI - Casamento; É a representação cênica da celebração do matrimônio, dentro do contexto tradicional da cultura junina;

VII - Repertório - Letra da composição escrita expressa de forma musical, cantada ou recitada, acompanhada pela música instrumental, "ao vivo" ou mecânica, em sincronia de sons no tempo musical determinado, conforme a tradição da cultura junina, expressando afinidade com a temática e a cultura junina.

VIII - Desenvoltura; É a representação desenvolvida com desembaraço, de forma desinibida e espontânea;

IX - Interpretação; Representação contextualizada, considerando a atuação individual e a cumplicidade entre o casal durante toda a apresentação;

X - Jocosidade; É a forma graciosa e cômica que se apresentam os personagens no contexto junino;

XI - Integração com o grupo; Ato de interagir e se integrar ao grupo demonstrando pertencimento ao mesmo;

XII - Liderança; Condição de dirigir a apresentação de forma dinâmica, baseada na competência e na autoridade, demonstrada no ato de conduzir os passos e na sequência a ser desenvolvida;

XIII - Criatividade; Inteligência e talento, para criar, inventar e inovar na criação da temática, dentro do contexto junino;

XIV - Pesquisa; conjunto de atividades fundamentado em um determinado assunto, que tem por finalidade novos conhecimentos, perceptível no decorrer da apresentação do grupo;

XV - Desenvolvimento; forma em que a temática foi desenvolvida demonstrando conhecimento e habilidade de transmitir o tema pesquisado;

XVI - Adaptação; maneira em que a temática foi adaptada ao contexto junino.

Fortaleza, 23 de fevereiro de 2019.

FEQUAJUCE

Maria de Fátima Freires da Cruz

Maria de Fátima Freires da Cruz

Presidente

FEDERAÇÃO DAS QUADRILHAS
JUNINAS DO CEARÁ

R. Guilherme Rocha, 218, 9º andar | Sala 901 | Ed. Jalcyr
Metrópole | Centro | CEP: 60.030-140 | Fortaleza/CE

fequajucegestao@gmail.com
(85) 3253.1436

www.fequajuce.com.br